

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E
TERRITORIALIDADES**

ROBERTO TEIXEIRA DOS SANTOS

**REDE SOCIAL DIGITAL E MOBILIZAÇÃO SOCIAL – O
FACEBOOK NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013**

VITÓRIA
2015

ROBERTO TEIXEIRA DOS SANTOS

**REDE SOCIAL DIGITAL E MOBILIZAÇÃO SOCIAL – O
FACEBOOK NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo.

VITÓRIA
2015

ROBERTO TEIXEIRA DOS SANTOS

**REDE SOCIAL DIGITAL E MOBILIZAÇÃO SOCIAL – O
FACEBOOK NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades,
como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Aprovada em 1º de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Orientador

Prof. Dra. Daniela Zanetti
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Profª. Drª. Renata de Rezende Ribeiro
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profª. Dr. Márcio de Souza Castilho
Universidade Federal Fluminense (UFF)
(suplente)

Profª. Dra. Gabriela Alves (UFES)
Universidade Federal Fluminense (UFF)
(suplente)

AGRADECIMENTOS

Ao amor da minha vida, a minha filha Ana Júlia, por continuar me amando, mesmo em alguns momentos de pouco tempo de dedicação.

À José Antônio Martinuzzo, meu orientador, pela oportunidade da convivência, pelas correções de rumo, conselhos, companheirismo e por compartilhar comigo um pouco de sua genialidade.

À professora Daniela Zanetti pela prestatividade e amizade de sempre, além da competência à frente da coordenação do mestrado. Ao professor Fábio Malini por todo o aprendizado e conhecimentos durante as aulas. E, principalmente, aos dois pelo auxílio durante a dor pessoal da perda de minha mãe.

Ao professor, Edgard Rebouças por proporcionar tamanha troca de conhecimento nas aulas ministradas, além de sempre estar disposto a auxiliar.

Enfim, a todos estes professores que me trouxeram uma outra visão de mundo, mesmo após os 40 anos de idade.

À todos os meus colegas pela forma educada e respeitosa que sempre me trataram.

Às pessoas queridas.

Ao professor José Carlos Corrêa pela incrível prontidão pela revisão.

Ao Ângelo Bortolon e Renata Rocha pela força em vários momentos. À Marcello Miranda, Bianca Bortolon, Sérgio Cardoso e Elaine Dal Gobbo pela prestatividade na reta final.

À Neilza Monteiro, a minha família e aos amigos, que suportaram a minha ausência, que me fortaleceram nos momentos mais difíceis.

A minha irmã Soraya Teixeira e ao meu pai Idelgardes Rodrigues, por ter me fornecido a base escolar para chegar até aqui.

Dedico este trabalho, em memória, as minhas queridas mãe Sueli Teixeira e minha avó e madrinha, Zenaide Martins, que faleceram ao longo deste período de estudo, as responsáveis pelo maior orgulho da minha vida: os valores íntegros que carrego dentro de mim. Gratidão eterna, “mãezinha”.

Por fim, agradeço à vida, que se renova, com suas quedas e renascimentos.

Sonhos determinam o que você quer. Ação determina o que você conquista.
Aldo Novak (2014)

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo averiguar os modos de apropriação das redes sociais digitais em mobilizações de contrapoder. Para tal, estuda o caso do movimento “Não é por 20 centavos, é por direitos ES”, no site de rede social Facebook, por ocasião dos movimentos contestatórios de meados de 2013 no Brasil. Além da revisão de literatura acerca da sociedade em rede, internet, redes sociais digitais e movimentos sociais na atualidade, a pesquisa se fundamenta em estudos de conteúdos publicados no Facebook, em entrevistas com os mediadores principais da página da comunidade on-line em questão.

Palavras-chave: Redes sociais digitais. Mobilização social. “Não é por 20 centavos”. *Facebook.*

ABSTRACT

This research aims to investigate the ways of appropriation of digital social networks in countervailing mobilizations. The study of the case is the movement “Is not for 20 cents, it’s for the rights”, on the social networking site Facebook, on the occasion of the protest movements in mid-2013 in Espírito Santo, Brazil. In addition to the literature review about the network society, internet, digital social networks and social movements in the present days, the survey is based on contents of studies published on Facebook, in interviews with key mediators of online community page in question.

Keywords: Digital social networks. social mobilization. “Não é por 20 centavos”. *Facebook*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CAPÍTULO 1 – CAPITALISMO, COMUNICAÇÃO E PODER	26
1.1	- A SOCIEDADE EM REDE
.....	27
1.1.1 Poder	28
1.2 – DA COMUNICAÇÃO EM MASSA À COMUNICAÇÃO EM REDE.	32
1.2.1 Precedentes	33
1.2.2 A rede	37
1.2.3 A mediatização	39
1.2.4 Brechas	40
1.2.5 Cibercultura	44
1.3 – OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A MOBILIZAÇÃO NA ATUALIDADE	46
2 CAPÍTULO 2 – REDES SOCIAIS DIGITAIS, PODER E CONTRAPODER	51
2.1 AS REDES SOCIAIS E SUAS ESPECIFICIDADES NA <i>WEB</i>	51
2.2 O <i>FACEBOOK</i>	60
2.3 A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DAS REDES PELO CONTRAPODER.....	63
CAPÍTULO 3 – A REDE E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013	77
3.1- A MANIFESTAÇÃO NACIONAL	78
3.1.1 – Comunicações e ativismo	84
3.1.2 Ativismo digital	89
3.2 – A GRANDE VITÓRIA NAS RUAS	98
3.2.1 População	100
3.2.2 PIB	101

3.2.3 Royalties	102
3.2.4 Emprego e Renda	103
3.2.5 Saúde	104
3.2.6 Habitação	105
3.2.7 Desenvolvimento Humano	106
3.2.8 Educação	107
3.2.9 – Aspectos das mobilizações	108
3.3 ESTUDO DE CASO “NÃO É POR 20 CENTAVOS, É POR DIREITOS ES”	120
3.3.1. – Análise das comunidades do <i>Facebook</i>	122
3.3.1.1 Análise do quadro.....	125
3.3.1.2 Características das manifestações em nível mundial e local	126
3.3.1.3 Análise dos posts: Comunidade – “0,20 Não é por centavos. É por Direitos ES”	137
3.3.2 Entrevistas com partícipes das mobilizações	166
CONCLUSÃO	171
REFERÊNCIAS	179
APÊNDICE A	185
APÊNDICE B	189
APÊNDICE C	195
APÊNDICE D	201

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página de Comunidade Não é por 20 centavos, é por Direitos ES.....	75
Figura 2 - Página de Comunidade contra o Aumento ES (protesto GV).....	76
Figura 3 – Jovens citam <i>Facebook</i>	77

Figura 4 – A rede social sai do meio digital para o meio físico.....	78
Figura 5 – Incentivo para assinaturas no <i>site</i> Avaaz.....	88
Figura 6 – <i>Anonymus</i> incentivam a continuidade das manifestações.....	90
Figura 7 – Cobertura do Midia Ninja no Rio de Janeiro.....	92
Figura 8 – Iluminação de aparelhos celulares durante as manifestações.....	110
Figura 9 – Manifestantes rumam para a Terceira Ponte.....	111
Figura 10 – Ufes foi o principal local de saída dos protestos.....	112
Figura 11 - Jovens fazem reivindicações ao presidente do TJ.....	114
Figura 12 – Terceira Ponte é totalmente tomada pelos manifestantes.....	115
Figura 13 - Tropa de choque cerca praça do pedágio após vandalismo em Vitória/ES.....	116
Figura 14 - Comunidade – Topo da página do Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV).....	123
Figura 15 - Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV).....	126
Figura 16 – Movimento Contra o Aumento ES (@protesto GV).....	127
Figura 17 - Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV).....	128
Figura 18 – 19 de junho de 2013.....	129

Figura 19 - 19 de junho de 2013 – Confirmadíssimo!.....	130
Figura 20 - Vem Pra Rua Bom Jesus	131
Figura 21 - 19 de junho de 2013.....	132
Figura 22 – Senha para <i>Wifi</i>	133
Figura 23 – 21 de junho de 2013.....	134
Figura 24 – 19 de junho de 2013 I.....	135
Figura 25 – 19 de junho de 2013 II.....	135
Figura 26 - 19 de junho de 2013 III.....	136
Figura 27 - Comunidade – Topo da página do Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV).....	137
Figura 28 – <i>Post</i> de 30 de junho de 2013.....	140
Figura 29 – <i>Post</i> de 27 de junho de 2013.....	143
Figura 30 – <i>Post</i> de 30 de junho de 2013.....	144
Figura 31 – <i>POST</i> de 30 de junho de 2013.....	145
Figura 32 – <i>Post</i> de 29 de junho de 2015.....	150
Figura 33 – <i>Post</i> de 29 de junho de 2013.....	151
Figura 34 – <i>Post</i> de 25 de junho de 2013.....	152

Figura 35 – <i>Post</i> de 28 de junho de 2013.....	153
Figura 36 – <i>Post</i> de 28 de junho de 2013.....	153
Figura 37 – <i>Post</i> de 30 de junho de 2013.....	155
Figura 38 – <i>Post</i> de 30 de junho de 2013.....	158
Figura 39 – <i>Post</i> de 28 de junho de 2013.....	160
Figura 40 – <i>Post</i> de 27 de junho de 2013.....	161

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População de Vitória.....	100
Gráfico 2 – PIB de Vitória.....	101
Gráfico 3 – Royalties de Vitória.....	102
Gráfico 4 – Emprego e Renda.....	103
Gráfico 5 – Saúde.....	104
Gráfico 6 – Habitação.....	105
Gráfico 7 – Desenvolvimento Humano.....	106
Gráfico 8 – Educação.....	107

INTRODUÇÃO

É quinta-feira, 20 de junho de 2013, 20 horas, e milhares de pessoas ocupam a Terceira Ponte, que liga a capital Vitória a Vila Velha, municípios localizados no Estado do Espírito Santo. As fotos e vídeos divulgados concomitantemente à marcha mostram rostos iluminados pelas luzes provenientes dos aparelhos celulares, pelos *smartphones* que registram e compartilham as cenas de um evento inédito.

Homens, mulheres, adultos, crianças, idosos caminham, a maioria deles com olhos nas telas e fixados numa frenética digitação. O verdadeiro mar de gente está conectado pelas redes sociais digitais – objeto de nosso estudo –, operando um fenômeno peculiarmente marcante da contemporaneidade, o uso de redes pelas mobilizações ou movimentos sociais.

Este momento em causa reuniu cerca de 100 mil pessoas em Vitória, segundo informações da Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp)¹, e ficaria marcado até esta data – junho de 2013 – como a maior concentração de pessoas da história da capital do Espírito Santo. O número é ainda mais relevante se levarmos em consideração que a população estimada da cidade no ano de 2013, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 327.801 habitantes.

A partir de uma grande manifestação que se alastrou país afora, juntos, os milhares de capixabas protestavam contra a qualidade dos serviços públicos, como transporte, saúde, educação, segurança, e também contra a corrupção e a impunidade.

O sentimento de indignação que levou à ocupação de ruas e praças em vários países, a partir dos primeiros anos da atual década, inicialmente na Tunísia e na Islândia, e que tomou grande repercussão mundial com a Primavera Árabe em países do norte da África e do Oriente Médio, também alcançaria com todo o vigor o Brasil e a capital capixaba.

¹ G1. **Manifestação leva 100 mil às ruas de Vitória e minoria destrói a cidade**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2013/06/manifestacao-leva-100-mil-ruas-de-vitoria-e-minoria-destroi-cidade.html>>. 20/06/2013 - 23h39 - Atualizado em 21/06/2013 - 00h50. Acesso em: 30 jul. 2015.

Gohn (2014, p. 70) define as manifestações que ocorreram a partir de 2008 como “atos de protestos, incluindo-os em uma categoria mais geral, “Movimento dos Indignados”:

Considero que em junho houve algo mais que manifestações ou atos. Houve protestos. E causa estranhamento a ausência da palavra movimento nas referências, assim como não se usa mais o termo marcha, comum nas ações dos Sem-Terra e outros específicos como Marcha da Maconha, Marcha das Vadias, etc.

Colocando-se como fator dinamizador e mesmo renovador das mobilizações, as redes sociais digitais providas de possibilidades técnicas dialogam com as demandas e marcas destes movimentos sociais. De acordo com Gohn (1997, p. 44), os movimentos sociais

São ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Ao analisar os movimentos sociais na contingência da sociedade em rede, Castells (2013, p. 19-20), afirma:

Historicamente, os movimentos sociais dependem da existência de mecanismos de comunicação específicos: boatos, sermões, panfletos e manifestos passados de pessoa a pessoa, a partir do púlpito, da imprensa ou por qualquer outro meio de comunicação disponível. Em nossa época, as redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são os veículos mais rápidos e mais autônomos, interativos, reprogramáveis e amplificadores de toda a história. As características dos processos de comunicação entre os indivíduos engajados em movimentos sociais determinam as características organizacionais do próprio movimento: quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo o movimento. É por isso que os movimentos sociais em rede da era digital representam uma nova espécie em seu gênero.

Uma caracterização mais detalhada dos movimentos sociais da era digital, fundamentalmente articulados às redes sociais digitais, será apresentada no segundo capítulo, mas já se pode indicar que um traço comum das atuais manifestações mundo afora é que se trata de mobilizações sem grandes heróis marcados pelo tempo ou mesmo lideranças emblemáticas, com a relevante força da juventude, objetivando autonomia, democracia e o empoderamento dos cidadãos, de acordo com Castells (2013).

Com a chamada Geração “Vem pra Rua”, as manifestações chegaram ao ápice no Brasil em junho de 2013, caracterizadas pela ausência de líderes, partidos políticos, sindicatos de trabalhadores e sem a presença marcante da grande mídia como mediadora, pelo menos em termos de convocações e mobilizações.

A primeira manifestação de envergadura nacional, pelo menos com repercussão nas mídias tradicionais, se deu em São Paulo em 6 de junho na capital paulista, de acordo com Gohn (2014), quando foi propagada a indignação contra o aumento do preço dos transportes públicos na capital. Posteriormente, se difundiu até reunir multidões em mais de 35 cidades.

O movimento da juventude que reivindicava o passe livre tinha como slogan: “Não são os centavos, são nossos direitos”. Calcula-se que em todo o Brasil mais de 1 milhão de pessoas participaram do maior ato público do país desde 1984, na campanha das Diretas Já, pelo fim da ditadura militar (1964-1985). Em duas semanas, mais de 75% dos cidadãos apoiavam o movimento e expressavam seus sentimentos pelo *Facebook*, segundo Castells (2013).

Na oportunidade, a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em rede nacional, declarou que tinha obrigação de escutar a voz das ruas. O gesto de legitimação e a adesão pela *web* contribuíram para que não houvesse o aumento das passagens de ônibus.

No Estado do Espírito Santo, as manifestações ocorreram após a mobilização registrada principalmente a partir da *fanpage* do *Facebook* “Não é por 20 centavos, é por direitos ES”. Os atos começaram de forma pacífica, mas, em junho de 2013, alguns acabaram se transformando, em muitos momentos, em objeto de confronto entre policiais e estudantes.

O ineditismo histórico dessa mobilização social, articulada em moldes incomuns, inauditos, em verdade, com contribuição da internet e as redes sociais digitais, nos motivou a estudar este tema, com a seguinte pergunta: como as mobilizações sociais se apropriam das redes digitais para articular massivas manifestações públicas em torno das mais diversas pautas?

Dessa forma, nosso estudo verificou como se operou o uso da rede social *Facebook* na mobilização que gerou a maior reunião popular da história do Estado do Espírito Santo,

conforme indicamos na abertura desta Introdução, as manifestações na Grande Vitória em junho de 2013.

Além disso, compreendemos e apuramos as estratégias comunicacionais utilizadas na rede social pelos movimentos, levantamos dados que revelaram como se deu a interação dos usuários nas páginas do *Facebook* com relação aos eventos e artigos convocatórios, e compreendemos a interface das *fanpages* e as manifestações nas ruas da Grande Vitória.

A partir da constatação de que as redes sociais digitais, colocando-se como uma mídia colaborativa e participativa, são potencialmente espaços de discussão acerca do paradigma socioeconômico e político-cultural atual, o que pode levar a posicionamentos críticos da realidade em nosso país, definimos a hipótese de nosso trabalho.

Assim, nossa hipótese confirmada foi de que as redes sociais digitais são uma potência e uma alternativa complementar para mobilização social, funcionando como território de contrapoder a instituições estabelecidas.

Acreditamos, também, que sejam determinantes para articulação de uma mobilização social na atual sociedade midiaticizada, haja vista que é um dos fundamentos estruturantes desta.

A escolha do tema, com sua problematização específica, encontra justificativa em dois campos distintos e complementares: a comunicação e a política. No campo comunicacional, as redes sociais digitais são um fenômeno potente e agudo na vida contemporânea, atravessando e mobilizando as mais diversas esferas da existência individual e coletiva.

Nesse sentido é que o viés político da problemática se mostra, pois as redes sociais digitais vêm se colocando, nesta segunda década do século XXI, no centro das articulações de contrapoder mundo afora, incluindo o Brasil e o Estado do Espírito Santo.

No campo político, as redes se colocam como espaços propulsores de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas e atos públicos, conforme constata Moraes (2010).

No escopo deste Programa de Pós-Graduação, que estuda a intercessão entre Comunicação e Territorialidades, este projeto se justificou em razão de que pesquisamos os usos de uma mídia (redes sociais digitais) na vivência/territorialidade afeita ao território geográfico da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Adotamos, aqui, os conceitos do geógrafo Milton Santos (2001, p. 19) que, com poucas palavras, mas potentes palavras, identificam essas duas categorias, destacando as suas interfaces: território – “entende-se geralmente a extensão apropriada e usada” – e territorialidade – “pertencer àquilo que nos pertence”.

Em *Por uma Outra Globalização*, apresenta uma síntese da relação entre essas categorias conceituais:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando de território usado, utilizado por uma dada população. Um faz o outro, à maneira da célebre frase de Churchill: primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem (SANTOS, 2006, p. 96-97).

Lemos (2007, p.12) insere a questão de território e territorialidade na contingência atual e define o que chama de “território informacional”:

Por territórios informacionais compreendemos áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio. O território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico.

Ou seja, temos na conjugação dessas percepções acerca de territórios e territorialidades, amalgamadas de forma lúcida e assertiva por Lemos com o fenômeno informacional da atualidade, o encontro dos campos de estudo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, materializado em nosso corpus de pesquisa.

Mas, ao problematizar este mesmo tema na direção em que caminhamos, Castells (1999) ainda vai mais longe, ao especificar uma peculiaridade ao “território informacional” de

Lemos: aqui, a potência do contrapoder e da experiência política autônoma em relação à hegemonia é uma marca fundamental.

Assim, o território que resulta da interação entre o espaço físico e o virtual é conceituado por Castells (2013, p. 161), em *Redes de Indignação e Esperança Movimentos Sociais na Era da Internet*, como “espaço de autonomia”:

Este híbrido de cibernética e espaço urbano constitui um terceiro espaço, a que dou o nome de espaço da autonomia, porque só se pode garantir autonomia pela capacidade de ser organizado no espaço livre das redes de comunicação; mas, ao mesmo tempo, ela pode ser exercida como força transformadora, desafiando a ordem institucional disciplinar, ao reclamar o espaço da cidade para seus cidadãos. Autonomia sem desafio torna-se retirada. Desafio sem uma base permanente para a autonomia no espaço dos fluxos equivale a um ativismo interrompido. O espaço de autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede.

Ademais, ainda no âmbito das justificativas, como pesquisador, o tema internet tem nos acompanhado há quase duas décadas. Acompanhamos a chamada popularização da Internet, em 1995, a proliferação dos jornais *on-line* – objeto de nosso estudo na especialização da UFES em 1999 – e o surgimento dos pioneiros *weblogs* surgidos em 1999.

Naquele tempo, que parece incrivelmente distante, numa temporalidade marcada por sucessivas e vertiginosas atualizações e oferta de novidades tecnológicas, tivemos os primeiros contatos com a ainda escassa literatura pertinente ao tema, advinda de teóricos que estudavam a nova forma de relacionamentos virtuais, como Pierre Lévy e Manuel Castells.

Ainda no século XX, quando a internet e seus *blogs* invadiram com pompa e circunstância a seara da política e do jornalismo, não era possível vislumbrar a oportunidade exercida pelas redes sociais nesta nova forma de relacionamento da sociedade contemporânea.

A popularização dos *sites* de redes sociais só viria a acontecer neste milênio, principalmente com o finado *Orkut* e o atual *Facebook*, mas chegou com força total e se mostra ainda com muito potencial de crescimento e influência.

Mas qual o caminho percorrer para tentar buscar nossas respostas e averiguar a validade de nossas hipóteses? A metodologia de nossa pesquisa inclui estudo de caso de *fanpages*

diretamente conectadas às mobilizações de junho de 2013, de posse de análises de mensagens e postagens e entrevistas com os administradores dessas páginas, além de revisão de literatura pertinente aos temas envolvidos em nossa problemática.

Buscando responder às questões sobre como se processa a apropriação das redes sociais digitais com objetivo de mobilização social, estudamos o caso das manifestações de junho de 2013, por meio da *fanpage* “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” e da comunidade “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)”, ambas abrigadas no *site* de redes sociais *Facebook*. Analisamos todas as postagens dessas páginas *on-line* efetivadas durante o mês de junho de 2013.

Também executamos uma pesquisa acerca da história das *fanpages*, buscando identificar como era a utilização dessas mídias com objetivos de mobilização e como se dava o gerenciamento das postagens e das interações com os utilizadores, entre outros.

As entrevistas com colaboradores do grupo “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” e o “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)” compõem a etapa seguinte, após levantamento de possíveis entrevistados. Nesse sentido, fizemos entrevistas com atores e partícipes envolvidos nas mobilizações.

No âmbito de uma rede de comunicação horizontalizada e tratando-se de movimentos que recusam formas de articulação tradicionais, interessa-nos especialmente verificar como se abordava a questão da liderança no movimento e nos diálogos via *fanpage*. Enfim, havia líderes? Quais as estratégias de “ação” e de “invisibilidade”?

Assim, por intermédio deste trabalho de pesquisa, buscamos entender um pouco mais acerca das manifestações que chegaram ao auge no dia 20 de junho de 2013 e que ficaram marcadas como a maior aglomeração de pessoas jamais vista em território capixaba.

Manifestações dessa mesma natureza política já ocorreram no passado mas, decerto, jamais se registraram da forma como se deram as movimentações registradas neste caso específico, com participação efetiva da mobilização em rede digital, sem heróis proeminentes, independentemente do apoio ou ataque das mídias de massa e com amplo poder de articulação entre jovens, entre outras marcas peculiares.

Para buscar compreender esse tipo de articulação inusitada entre uma mídia específica – as redes sociais digitais – e a mobilização social, é preciso ter em mente que estamos vivendo um novo paradigma societário, articulado e dinamizado por redes e conteúdos midiáticos.

A tecnologia e a comunicação mediada por computadores é, como podemos ver por meio das redes sociais digitais, um dos elementos mais relevantes da sociedade atual, já vislumbrada, há quase 50 anos, por Marshall McLuhan, um pioneiro nos estudos das novas tecnologias comunicacionais e seus efeitos nas sociabilidades.

Outros autores como Harold Innis, Neil Postman e Jacques Ellul também ficaram conhecidos – assim como McLuhan – como “deterministas tecnológicos”, corrente que aponta as tecnologias como o cerne das mudanças na sociedade, o que proporcionaria o arcabouço do padrão da nossa atual organização social em rede.

Aqui, temos como premissa não encampar na íntegra as ideias propagadas por estes teóricos, apesar de levarmos em consideração que até mesmo os mais severos críticos do determinismo tecnológico concordam que a evolução tecnológica vem possibilitando grandes mudanças na atualidade.

Dessa forma, ao relativizarmos o impacto das tecnologias, não descartamos o seu papel como de alta relevância na configuração da vida. Afinal, o homem escreve a sua história no diálogo com as técnicas que sonha, inventa, projeto e usa, num processo em que se transformam homem e técnica.

Nesse caminhar simbiótico entre homem – sociedade – técnica, é evidente que a comunicação na sociedade interconectada se tornou muito mais rápida e mais intensa, reduzindo espaços e distâncias e “esfumando” limites de territórios, superando as barreiras da geografia material.

Chamamos a atenção para a rápida popularização da Rede Mundial de Computadores, cuja estreia comercial completa aniversário de 20 anos em 2015. Não se trata de democratização do acesso à *web*, mas ampliação de uso da rede, que se alastrou tão rápida e pervasivamente como ela. Segundo Martinuzzo (2013, p. 35),

As tecnologias digitais da informação e da comunicação difundiram-se em cerca de duas décadas, a partir do século XX. A sociabilidade que caminha articulada as redes comunicacionais de plataformas multimidiáticas alimentadas por conteúdos informacionais (notícias, entretenimento, publicidade, etc.) experimenta formas diferentes de relacionar e construir referências simbólicas.

A Rede Mundial de Computadores intensifica o caráter da vida em rede que sempre marcou a caminhada humana. Para Castells (2013), com a internet, nos tornamos verdadeiramente uma “sociedade em rede”, modificando as relações sociais, econômicas e políticas.

Nesse sentido, apesar de contribuir para um avanço do capitalismo sem precedentes em escala mundial, ou seja, intensificar a globalização, que já vinha ocorrendo em ritmo acelerado desde pelo menos o início do século XX, e refletindo diretamente sobre o modo de produção contemporâneo, podemos vislumbrar a internet também como um fator transformação das maneiras pelas quais as sociedades e seus cidadãos se relacionam, tanto em episódios corriqueiros do cotidiano, quanto no âmbito das relações coletivas.

Dessa forma, entender a apropriação da internet como ferramenta de mobilização social e informação contemporânea é essencial para compreender o paradigma da sociabilidade atual, seja no âmbito do ciberespaço, seja na conexão deste com os transbordamentos para as ruas, com é o caso que estamos estudando.

Segundo Castells (2013), a midiaticização que rege a sociedade contemporânea em rede tende a promover a virtualização das relações humanas. A chamada comunicação mediada por computador (CMC) possibilita a circulação eletrônica e democratizada de informações, que passam a ser trocadas livremente, emitidas de pontos diversos, sendo encaminhadas de maneira não-linear.

Nessa circunstância, qualquer cidadão tem a oportunidade de se colocar não apenas como consumidor de informações, mas também como gerador e disseminador de informações. A internet se coloca, assim, como potencial elemento para a construção social da autonomia; na medida em que contribui para acentuar e democratizar a produção e disseminação de informações, amplia o processo interativo.

O resultado é o que Lévy (1998) define como inteligência coletiva, uma articulação em rede de questões e saberes que produz consciência e conhecimento peculiares. Por esse

pensamento, quando mais transmissão de mensagens e maior interação, mais cidadãos conscientes surgem capazes de tensionar as instituições formalmente constituídas e suas estratégias de poder.

Neste contexto, as redes sociais digitais da internet se colocam como algo inaudito. Segundo Moraes (2006), a organização em redes se revela inovadora, propiciando agrupamentos heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos.

As formas de interação sociais podem ser fortemente impactadas e ampliadas pelas redes digitais, especialmente no que tange à articulação, troca e disseminação de ideias e decisões, ocorrendo a possibilidade de uma “conversação emergente”, segundo Recuero (2012). De acordo com essa autora, as conversações em rede estão reinventando as práticas cotidianas, lançando novos desafios acerca da compreensão dos impactos das redes sociais junto aos usuários.

O impacto se mostra tão relevante, que o pesquisador argentino Arias (2014) considera as redes sociais digitais como mais um Poder. Formalmente, três deles estão constituídos no Brasil (Executivo, Legislativo e Judiciário). A imprensa e o Ministério Público “reivindicam”, mesmo que de maneira informal, a condição de Quarto Poder. No entanto, por esta visão, o Quinto Poder já estaria reservado pelo pesquisador às redes sociais.

Caracterizada de maneira incipiente nesta Introdução, de acordo com Recuero (2009, p. 24), uma rede social digital “é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”, sendo que as “redes sociais na internet possuem elementos característicos que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito delas sejam apreendidas”.

Mas as redes sociais não são páginas da internet sem movimentação; muito pelo contrário, estão em constante mutação. As transformações são decorrentes das interações entre atores, muitas vezes de forma emergencial, que podem vir a construir um determinado laço social ou mesmo enfraquecer ou destruir outros. Assim, redes sociais na internet são sistemas dinâmicos e, como tal, estão sujeitas a processos de ordem, caos, agregação, desagregação e ruptura (NICOLES; PRIGOGINE, 1989).

O *site* de redes sociais *Facebook*, que abriga o objeto de nosso estudo, explorando todo o potencial de comunicação dessa mídia interativa, participativa e colaborativa, tornou-se um fenômeno.

O *Facebook* foi criado pelo norte-americano Mark Zuckerberg, junto com Dustin Moskovitz, Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin, em 2004, enquanto eram alunos da Universidade Harvard. O *site* surgiu da ideia de trocar informações entre os alunos que estavam saindo do secundário (*High School*, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na faculdade.

O Facebook, com 1,5 bilhão de usuários ativos por mês – dados da própria empresa em novembro de 2015 – é a rede social de maior alcance na atualidade. O levantamento mostra ainda que a maioria dos capixabas conectados ao *Facebook* possui entre 19 e 30 anos. Esta faixa etária corresponde a 760 mil usuários no Estado, ainda segundo dados do *Facebook*.

Conforme dissemos, as técnicas não são determinantes, mas ajudam a movimentar a história, constituindo usos criativos e até revolucionários. Esse é o caso das redes sociais digitais, que surgiram como meio de simples comunicação entre amigos, e que se transformaram em plataformas de mobilizações sociais.

Historicamente aliados dos movimentos sociais, as ferramentas de comunicação foram sempre cruciais para divulgação e articulação. De acordo com Sodré apud MORAES, 2010, foi por intermédio de jornais e panfletos que muitas das ideias libertárias e democráticas se difundiram, muitas vezes sem o aparato técnico dos grandes conglomerados econômicos da mídia.

Neste período das manifestações, de acordo com Castells (2013), ressurgiu o espírito crítico, tão abafado e aparentemente tão adormecido dos brasileiros. A energia de milhões de pessoas que foram às ruas protestar a favor das melhorias na educação, saúde e transporte público surpreendeu até mesmo os próprios brasileiros, segundo o autor.

Será que conseguimos realmente melhorar o nosso país? A escola tornou-se universal? Pessoas deixaram de morrer nos corredores por falta de atendimento? Já podemos circular tranquilamente dentro dos coletivos nos horários de pico?

Certamente, esta não é uma realidade verificável no dia a dia. Castells (2013) ressalta, no entanto, que nada foi em vão porque retomamos uma capacidade essencial para o desenvolvimento e perpetuação da existência humana que é a volta da vontade de se indignar.

Para Castells (2013), o mais significativo do movimento brasileiro até o momento tem sido a resposta das instituições políticas.

O mais relevante é que ressuscitou um tema perene no Brasil, a reforma política, propondo elaborar leis que investiguem e castiguem mais duramente a corrupção, um sistema eleitoral mais representativo e fórmulas de participação cidadão que limitem a partidocracia (CASTELLS, 2013, p.180).

Segundo este autor, a mobilização por meio da página no *Facebook* foi essencial para o processo de articulação multimodal, articulada com outras mídias, que gerou uma onda de manifestações inéditas em nível planetário, incluindo a maior mobilização popular da história do Estado do Espírito Santo, em junho de 2013. É exatamente a interseção entre mobilização social e redes digitais que estamos buscando estudar com esta pesquisa.

Nesse sentido, a nossa dissertação se estrutura em três capítulos. Inicialmente, estudamos as relações entre capitalismo contemporâneo e o universo da comunicação, configurando o que se denomina como Sociedade em Rede. Para isso, recorreremos a autores como Manuel Castells, David Harvey, Roger Silverstone, Douglas Kellner, entre outros. Tratamos também do paradigma de comunicação correspondente à sociedade em rede, a “comunicação em rede”, que, incluindo as mídias de massa, provê potencialmente trocas dialógicas. Faremos uma interface com autores como Pierre Lèvy, Manuel Castells, Gustavo Cardoso.

O capítulo 2 define o que são as redes sociais digitais, quais as suas potencialidades técnicas, exemplificando e discutindo como podem ser apropriadas como mecanismos de ação de poder e contra-poder. Aqui temos autores como Dênis de Moraes, Carlos Arias e Manuel Castells, entre outros. Fechamos este capítulo com uma análise sobre a conjuntura atual das mobilizações sociais, dialogando com Cicília Peruzzo, Maria da Gloria Ghon, Castells, entre outros. Nesta seção, também vamos caracterizar o *site* de rede social *Facebook*, verificar como ele se tornou uma potência comunicacional ao redor do planeta e nas cidades, por meio de uma olhar crítico a respeito de seus usos e suas limitações.

O nosso estudo de caso é mostrado no capítulo terceiro. Iniciamos com um resgate do histórico nacional das mobilizações sociais articuladas via redes digitais. Logo após, realizamos uma contextualização das condições socioeconômicas da Região Metropolitana da Grande Vitória, cenário das mobilizações articuladas pela em junho de 2013. Em seguida, registramos as respostas que obtivemos com nossas pesquisas acerca da apropriação das redes, incluindo análise de dados, entrevistas e depoimentos, a partir das *fanpages* “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” e “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV).”

1 CAPÍTULO 1 – CAPITALISMO, COMUNICAÇÃO E PODER

O presente capítulo aborda as relações intrínsecas entre capitalismo e comunicação na constituição do poder hegemônico atual e, por conseguinte, estruturantes da sociabilidade contemporânea.

As redes sociais digitais e sua apropriação, objeto de nossa pesquisa, são exatamente um dos mais expressivos sintomas da atualidade. Entender os fundamentos de sua ocorrência, pois, parece-nos fundamental. O foco da nossa pesquisa se refere à análise, prioritariamente, da rede social digital *Facebook*, como território de mobilização nas manifestações de junho de 2013, na cidade de Vitória, a capital do Estado do Espírito Santo.

Dessa forma, iremos aqui nos referenciar a conceitos-chave, inclusive os já citados na Introdução, de forma a indicar o painel teórico que nos orientará em nossas investigações.

Sobre o paradigma da sociabilidade contemporânea, temos como principal autor Manuel Castells. O seu conceito de sociedade em rede, decorrente da fusão entre o terceiro ciclo do capitalismo (dito informacional) e as Tecnologias Informacionais da Comunicação (TICs), notadamente a Rede Mundial de Computadores – a internet –, é basilar. Abordado no livro homônimo, ele afirma que a internet dinamizou um aspecto central da vida humana: a existência articulada em redes de relacionamento.

Para compreendermos as relações entre o capitalismo contemporâneo e o universo da comunicação, na atualidade, interface que viabiliza a globalização econômica e todos os seus ingredientes, iremos recorrer também a autores como David Harvey, Roger Silverstone, Douglas Kellner, Pierre Lévy e Gustavo Cardoso.

Ao concluir este capítulo 1, abordaremos como se estruturam e se localizam as mobilizações sociais na sociedade em rede na contemporaneidade, analisando quais as potencialidades e os desafios da mobilização. O diálogo aqui é com Maria da Glória Ghon, Círcia Peruzzo e Manuel Castells, entre outros.

1.1 - A SOCIEDADE EM REDE

O sistema capitalista passou por várias etapas que levaram a alterar sua dinâmica e suas características principais, a partir de seu surgimento no final do século XVI. Na primeira fase, temos uma transição do mercantilismo, da produção artesanal e da vida agrária para uma lógica fabril de produção em escala, tocada pela tecnologia do vapor (CASTELLS, 1999).

A partir do século XIX, com a revolução da energia elétrica e do petróleo, inicia-se um novo tempo capitalístico, com as empresas e fábricas assumindo uma vocação ao globalismo, com o avanço da industrialização e das técnicas de produção, distribuição e comercialização.

Na segunda metade do século XX, depois de um período de expansão acelerado do capitalismo, as tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) são responsáveis por um novo tempo da sua trajetória, levando os movimentos desse modo de produção a efetivamente se tornarem globais.

Incrementa-se de modo inaudito o capitalismo financeiro, preponderantemente, com a inserção crescente das empresas nas bolsas de valores, fixando de vez a ligação entre o capital industrial e o bancário. O mercado de ações e o sistema especulativo de créditos, juros, valorizações, passam a ser o cerne da economia.

As grandes corporações – chamadas de empresas transnacionais, multinacionais ou globais – ampliam seus tentáculos mundo afora, principalmente junto aos países periféricos e emergentes, impulsionando seus processos de industrialização co-dependente.

Com o desenvolvimento ininterrupto das TICs, o processo de globalização econômica se acentua no final dos anos 90 e direciona a ordem do mundo como o único sistema, principalmente, com o aumento das transações comerciais via internet.

A queda do Muro de Berlim em 1989 e o colapso da União Soviética, somados à crise das ideologias nas sociedades ocidentais na década final do século, são marcos históricos que só potencializam a hegemonia capitalista nos tempos atuais.

Caracterizado por trabalho e capital altamente móveis e pelo que Harvey (2005) denominou de “compressão do tempo e espaço”, esta “mutação” do capitalismo também foi nomeada por alguns pesquisadores como “capitalismo tardio” ou a “acumulação flexível”.

Tendo os sistemas comunicacionais papel importante na formação de elos para o aprofundamento e difusão do sistema capitalista por todo o planeta, Castells (1999) conceitua esta modalidade de produção como “capitalismo informacional”.

Trata-se de uma nova fase dos sistemas produtivos, baseada em uma sociedade centrada na informação, com a acumulação e utilização dos conhecimentos, notadamente alavancada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Castells (1999) aponta para um paradigma diverso dos anteriores, tendo como principais características a informação como matéria prima e a tecnologia, especialmente a Internet, dotada de maior alcance para moldar as existências individual e coletiva, sob a lógica das redes, consolidando-se a Era da Informação.

1.1.1 Poder

A inauguração desse novo tempo histórico é uma das maiores evidências do tipo de poder hegemônico na atualidade e sua conexão com os processos comunicacionais. Mas, antes de seguir, vale registrar aqui a visão de poder que adotamos neste trabalho.

Dialogamos com Castells (2009, p. 10) para quem poder é “a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de um outro ator social de modo favorável à sua vontade, interesses e valores”.

Para este autor, o poder “é exercido por coerção (ou pela possibilidade de) e/ou por construção de sentidos estruturantes dos discursos através dos quais os atores sociais guiam suas ações”. Essa segunda modalidade de exercício de poder pode ser localizada como a mais significativa na sociabilidade atual.

Trata-se da “sociedade de controle”, assim denominada por Deleuze (1992), descrevendo um cenário de dominação por ação em ambiente atravessado por comunicação ininterrupta, alcançando mentes e corpos, para modelar subjetividades e pertencimentos vantajosos ao modo de produção atual.

Para Deleuze (1992), saímos da sociedade disciplinar, ou dos momentos das disciplinas, caracterizada por Foucault (1977-1978), para a atual sociedade do controle, na qual a vida social e individual é controlada durante todo o tempo, com poucas brechas para o desenvolvimento do pensamento ou articulações de contrapoder.

Na sociedade disciplinar, ocorria o enclausuramento, com repartição do espaço em meios fechados, como escolas, hospitais, indústrias, prisão, e ordenação do tempo de trabalho. A vigilância fabricaria corpos submissos, por meio de uma sujeição implantada nos indivíduos observados.

Antes de continuar, é importante dizer que estamos na transição de formas de poder hegemônicas, ainda se registrando a convivência de meios disciplinares e de controle para se impor determinada orientação político-ideológica e socioeconômica à maioria.

Em verdade, como diz Deleuze (1992), o controle é uma forma mais eficaz de poder, incorporando a disciplina, mas ultrapassando-a em suas possibilidades, eficiência e potência.

Assim, “o uso do confinamento físico severo é maior hoje do que nunca, em uma rede cada vez mais ampla de prisões deliberadamente panópticas”, anota Silverstone (2011, p. 81), ao referenciar a estrutura arquitetônica circular que marcou a estratégia de vigilância dos corpos na modernidade industrial.

Para Silverstone (2002), as áreas de alcance do poder se ampliaram, assim como a sua eficácia, por meio da incorporação das tecnologias de comunicação. No cotidiano capitalista até os anos 1960, havia áreas da vida social que ainda permaneciam relativamente livres dos efeitos do espetáculo – para o atual espetáculo global integrado, onde o consumo é realizado durante todo o tempo.

O espantoso alcance do poder de controle exercido pelo capital é evidenciado por Crary (2014). Nas últimas décadas, ocorreu uma integração maior e muito mais completa do sujeito humano à “continuidade constante” de um capitalismo que culminou, segundo o autor, na chamada Era Capitalismo 24/7.

No cenário do capitalismo 24/7, segundo Crary (2014), a nossa necessidade de sono e repouso se torna o último refúgio que o capitalismo financeiro em rede não poderá atingir. “O sono é a única barreira restante, a única “condição natural” persistente que o capitalismo não pode eliminar” (CRARY, 2014, p. 82).

De acordo com Crary (2014, p. 84), “o alinhamento temporal do indivíduo com o funcionamento de mercados, em desenvolvimento há dois séculos, tornou irrelevante as distinções entre trabalho e não trabalho, entre público e privado, entre vida cotidiana e meios institucionais organizados”.

Neste cenário, o senso comum se acentua, tornando a vida cotidiana distanciada da política. Assim, “resiste apenas como simulação oca de sua substancialidade prévia” (CRARY, 2014, p. 81). A forma de dominação do capital em nossa vida diária vai se aprimorando e ilhas de debate ou de conscientização políticas vão se esvaindo.

Com a contrarrevolução dos anos 1980 e a ascensão do neoliberalismo, a comercialização do computador pessoal e o desmantelamento de sistemas de proteção social, o ataque à vida cotidiana se tornou ainda mais feroz. O próprio termo foi monetarizado e o indivíduo redefinido como um agente econômico em tempo integral, mesmo no contexto do capitalismo sem emprego (CRARY, 2014, p. 80).

Para Crary (2014), os dispositivos digitais móveis – conectados à Internet, notadamente às redes sociais digitais, objeto de nosso estudo –, mais do que representar a capacidade de levar aos usuários diversas facilidades em seu cotidiano, materializam um aparelho que tem capacidade de realizar uma intensa integração ao ritmo e à doutrina de 24/7, numa fusão do mundo real e virtual ideológica e insidiosamente interessada.

Dessa forma, o uso preponderante das TICs faz parte de uma estratégia mais ampla de poder capitalista, promovendo um estado de inatividade e neutralização. “Há uma incompatibilidade profunda entre qualquer coisa que se assemelhe ao devaneio e às prioridades de eficiência, funcionalidade e velocidade” (CRARY, 2014, p. 98).

Dáí porque também a importância de se promover um estudo como este, pautado pela ação de contrapoder nas redes sociais digitais, uma verdadeira exceção à regra da majoritária apropriação do mundo digital para a manutenção e fruição do *status quo*.

Com os meios de produção, recursos, tecnologia e o exercício de um tipo peculiar de poder hegemônico – o controle –, o capitalismo avançado patrocina uma nova forma de organização socioeconômica e político-cultural chamada de sociedade em rede, conceituada por Manuel Castells, formatando o modo de existir em todo o mundo na denominada Era da Informação.

Para o pesquisador, os processos e convivência das relações humanas estão cada vez mais organizados em forma de redes. Castells (1999, p. 18), explica que “a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e se difunde por intermédio do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia”.

Trata-se de uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação, fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós interconectados dessas redes (CASTELLS, 1999).

Santaella (2003, p. 89) desvenda a sistemática de funcionamento destas referidas redes: “uma rede acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de redes caracterizadas pelo paralelismo e simultaneidade das múltiplas operações que aí se desenrolam”.

As redes indicam peculiaridades, de acordo com Scherer-Wareen (1999), como novas formas de comunicação em tempo real, com conexão de diferentes tempos sociais, espacialidade ou criação de territorialidades (do local ao global), sociabilidade ou formas de relações sociais em termos de alcance, intencionalidade e conectividade com novas dimensões na esfera pública.

Castells (2002) conceitua a atual sociedade em rede como a sociabilidade assentada numa dimensão virtual, possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que transcende o tempo e o espaço. “As redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica das redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência” (CASTELLS, 2002, p. 497).

Thompson (2008, p. 109), contextualiza historicamente o processo:

Entre 1992 e 2002, vimos o fim da era do pós-guerra e o primeiro florescimento do mundo em rede, e as tecnologias da *Web 2.0* agora estão nos levando para uma nova fase de desenvolvimento social e econômico em que a rede é tanto a causa quanto o produto da globalização.

De acordo Castells (2002), com a economia globalizada, fluxos por onde circulam as trocas de informações e de capital são quase instantâneos, regulando e condicionando a produção e o consumo da sociedade. As redes por onde passam esses fluxos vão além dos limites nacionais, criando culturas distintas, mas em rede, conectadas e globalizadas.

Como vimos na questão do poder, uma sociabilidade não se estrutura apenas pela técnica. É preciso uma estratégia de dominação e um norte ideológico a orientar o dia a dia da vida individual e coletiva, inauditamente vinculada a transações, conexões e usos midiáticos. E aqui chegamos a uma questão-chave, tanto para a atual sociabilidade quanto para o nosso estudo: o sistema de comunicação na sociedade em rede.

1.2 – DA COMUNICAÇÃO EM MASSA À COMUNICAÇÃO EM REDE

O desenvolvimento nas comunicações e transportes, que catapultou esta mais recente fase do capitalismo financeiro e da sociedade, inspirou o termo capitalismo informacional, cunhado por Castells (1999) para denominar a atual fase capitalística. Mas, da mesma forma que se modificou o modo de produção, modificou-se também o regime de comunicação, numa relação de recursividade dinâmica e ininterrupta.

O modelo tradicional de comunicação sustentado pelas mídias de massa, com o advento da sociedade em rede, que ele mesmo ajudou a constituir, deu lugar a um modelo de comunicação e trocas em rede, de acordo com Cardoso (2007). Trata-se de um outro tipo de arranjo comunicacional coletivo, mais dialógico, horizontalizado e colaborativo, tendo a *web* e a TV como os seus principais dínamos, inseridos em uma sociedade em rede, em que a mídia é praticamente onipresente no cotidiano da maioria.

A comunicação em rede rearticula as mídias fundadas nas culturas que lhe são anteriores – de acordo com Santaella (2003), a oral, escrita, impressa, de massas, das mídias –, que permanecem na atualidade, convivendo em um período de sincronização.

A cultura de mídias, surgida depois da cultura de massas, segundo Santaella (2003), trouxe novos processos comunicacionais, com a difusão de aparelhos como a máquina copiadoras, videocassetes, aparelhos de fax, videogames, segmentação de revistas impressas e programas de rádio e TV a cabo.

Neste sentido, ganhou espaço o *narrowcasting*, a forma de disseminar conteúdo visando a audiências específicas, alinhadas com a segmentação dos mercados. Paralelamente ao alvorecer desta nova cultura nos anos 1970, ressaltamos que as mídias de massas alcançam também o apogeu, notadamente por meio dos veículos televisivos. Já nos anos 1980, o processo se acentua com a propagação dos computadores pessoais, de acordo com Santaella (2003).

1.2.1 Precedentes

Mas, antes de avançarmos acerca do conceito de comunicação em rede, propomos um olhar em retrospectiva para melhor compreensão de como chegamos a ele, remetendo-nos ao conceito de indústria cultural, formulado por Adorno e Horkheimer, em meados dos anos 1940.

Esse olhar para trás não tem valor apenas como registro, mas fundamentalmente como garantidor de elementos que ajudem a enxergar com mais clareza um fato do presente que tem raízes lá atrás, sendo mesmo este uma radicalização daquele.

Da industrialização da arte e da comunicação à digitalização das redes sociais, trata-se do mesmo fenômeno, a vida sendo açambarcada pelas práticas culturais e comunicacionais capitalisticamente orientadas.

Esses pesquisadores apontaram uma simbiose à época nascente entre capitalismo e comunicação voltada à produção de industrial dos bens culturais, tendo em vista sua difusão e comercialização em nível das massas.

De lá pra cá, essa conexão chamada de “indústria cultural” só fez se expandir e sofisticar com os avanços em telecomunicações, gerando crescentes lucros monetários e ideológicos ao seu patrocinador.

De acordo com Adorno e Horkheimer (1985), em sua obra *A Dialética do Esclarecimento*, todo o planeta é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural. As variadas expressões da cultura se tornam, assim, mercadorias visando a satisfazer demandas por meio da disseminação de bens padronizados. As formas artesanais têm seu espaço muito reduzido para dar lugar realmente a uma indústria para consumo, em detrimento ao papel crítico e contestador da cultura em sua forma anterior.

Segundo Mattelart (2003, p. 78), ao estudar o conceito,

A indústria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda na mercadoria. A transformação do ato cultural em valor suprime sua visão crítica e nele dissolve os traços de uma experiência autêntica, A produção cultura sela a degradação do papel filosófico-existencial da cultura.

A produção de modo capitalista, determinando um padrão de consumo de forma severa, baseada na reprodutibilidade, imitação, com modelos já prontos, trabalha para que todos os resultados sejam aceitos de forma passiva, eliminando-se a criticidade. Assim, segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 145), a indústria cultural “é algo que se produz em série exatamente como as fechaduras”.

A evolução das novas tecnologias, notadamente, da comunicação digital, foi fator que contribuiu para acentuar o processo conceituado pelos pesquisadores como indústria cultural. Mas, nesse processo, há atualizações e adequações tendo em vista a disseminação de ideais, valores e ações anti-hegemônicas, inclusive viabilizadas pelo próprio fazer capitalista, como é o caso das TICs.

De toda sorte, mesmo no contexto da comunicação em rede, de maiores horizontalidades e potencialidade participativa dos usuários, o termo “indústria cultural” nos parece adequado para nomear a intensificação da comunicação atual tocada por grandes grupos planetários, em qualquer plataforma que seja.

Isso porque, mesmo nesta nova configuração do capitalismo avançado, com o sistema de comunicação em rede, a mídia hegemônica possui alta capacidade de utilizar as emissões à massa e ainda de alcançar as emissões de *narrowcasting* digitais com seus conteúdos. Ou seja, o padrão da comunicação em rede abre novas possibilidades de contrapoder, mas a indústria cultural hegemônica se articula e se difunde por todos os territórios midiáticos da atualidade.

O modelo passivo de recepção da televisão nos lares ainda permanece com robustez. De acordo com Crary (2014, p. 97), “a televisão foi apenas o primeiro de toda uma categoria de aparelhos que hoje nos rodeiam e são usados, na maioria das vezes, seguindo poderosos padrões de hábito que envolvem atenção difusa e semiautomatismo”.

O modo de ação da mídia para exercer seu poder e fazer circular as mensagens hegemônicas pode ser bem entendido pela teoria de enquadramento, formulada pelo cientista social Erving Goffman, nos anos 1970. O pesquisador define assim o conceito de enquadramento:

As definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência (GOFFMAN, 2006, p. 11).

Analisando esse conceito, Porto (2004) propõe dois tipos de enquadramento. O primeiro deles, relacionado diretamente aos jornalistas, seria os enquadramentos noticiosos – padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar os relatos. O outro seria o interpretativo, originado de atores sociais e políticos, que fazem avaliações particulares, tanto de temas e/ou eventos políticos.

Porto (2004) ressalta que os enquadramentos não se referem apenas a um processo de manipulação por si só, mas relaciona-se a um processo comunicativo como um todo, no qual os atores sociais tentam influenciar a mídia por meio da produção de sentido. Neste caso, as fontes oficiais são, sem dúvida, referências no processo de produção da notícia. Desta forma, a mídia, tendo em vista diversos tipos de enquadramentos, privilegia determinadas interpretações, fazendo recortes hegemônicos sobre uma determinada realidade.

De acordo com Kellner (2001), as mídias nos indicam o que temos a fazer, ou seja, pautam o nosso cotidiano. O autor fala expressivamente da Guerra do Golfo para sustentar sua análise,

no cenário estadunidense, mas não nos faltam exemplos mais atuais e locais, sendo desnecessário arrolar tais ocorrências aqui por demais evidentes que são.

Essa indústria cultural potente e direcionada a vender o ideário capitalista ganha ainda mais centralidade no paradigma da comunicação em rede; este, uma grande evidência do desenvolvimento da bem-sucedida parceria entre capitalismo, cultura e comunicação, iniciada ainda na primeira metade do século passado.

Segundo Cardoso (2010, p. 26), “apesar de as mídias nos terem acompanhado desde que organizamos os códigos de comunicação de forma sistematizada, é somente neste momento da nossa história que encontramos um sistema de organização baseado em rede”.

Para Cardoso (2010, p. 43),

O modelo comunicacional da nossa sociedade é moldado pelos processos de globalização comunicacional mundiais, juntamente com a articulação em rede massificada e a difusão de mídias pessoais, e em consequência o aparecimento da mediação em rede. A organização de usos e a ligação em rede das mídias dentro desse modelo comunicacional parecem estar diretamente ligadas aos diferentes graus de uso de interatividade que as mídias atuais permitem.

A comunicação em rede é um fenômeno técnico-econômico e sócio-político e cultural. Desse modo,

As práticas dos agentes sociais na sociedade em rede combinam as mídias nas tentativas de obter resultados. Não são usos isolados de um meio específico. Devemos olhar para as mídias não como tecnologias isoladas, mas como objetos de apropriação social que são diversificados e combinados consoante os objetivos a atingir pelo utilizador. [...] Não nos limitamos a ouvir rádio, ou ler jornais, ou navegar na internet. A prática é uma articulação, ou, se preferimos, uma ligação em rede de várias mídias diariamente, em casa, no trabalho, na escola ou em deslocações (CARDOSO, 2010, p. 36).

Assim, para Cardoso (2010, p. 133),

O modelo de comunicação gerado nas sociedades informacionais, onde o modelo de organização prevalecente é a rede, é o modelo da comunicação sintética em rede, um modelo de comunicação que não substitui os anteriores, antes os articula, produzindo novas formas de comunicação, produzindo também novas formas de facilitação de *empowerment* individual e consequentemente autonomia comunicativa. As características de interdependência, ambivalência e síntese no universo da mídia (da dimensão cultural à econômica) permitiram que se desenvolvesse um sistema de mídia em rede, fundamentado na convivência entre mídias de difusão (rádio, TV e

jornais) e metamídia, isto é, a mídia que, como a internet, e até certo ponto o celular, combinam a comunicação interpessoal com a comunicação em massa

Cardoso (2010) ressalta que a comunicação em rede resulta da articulação de mediações, mix de acessos e emissões, segundo os ditames dos utilizadores. Nesse sentido, Cardoso (2010, p. 43) resume assim o modelo comunicacional da sociedade contemporânea: “É moldado pelos processos de globalização comunicacional mundiais, juntamente com a articulação em rede massificada e a difusão de mídias pessoais, e em consequência o aparecimento da mediação em rede”. A organização de usos e a ligação em rede das mídias dentro desse modelo comunicacional, para Cardoso (2010, p. 43), “parecem estar diretamente ligadas aos diferentes graus de uso de interatividade que as mídias atuais permitem”.

1.2.2 A rede

Como bem destacou Cardoso (2010), e também conforme evidencia o fenômeno em estudo nesta dissertação, a internet integra de modo fulcral a cena midiática atual, dinamizando e convulsionando o cotidiano mundial, inclusive as esferas de poder, em relação a aspectos, econômicos, sociais, políticos e culturais. Mas, por outro viés, ampliando a oportunidade de comunicação e interação, também dinamiza as forças e as relações entre indivíduos e entre os movimentos sociais em rede.

A internet como a conhecemos em sua interface webleitor-usuário tem o ano de 1995 como data referência da sua “popularização”. Os meios de circulação de dados por protocolos específicos e de uso/acesso por parte de pessoas comuns, sem exigência de maiores qualificações técnicas, prometiam uma revolução na democratização da comunicação.

No entanto, apesar da promessa e das expectativas, a popularização se deu, mas a democratização não veio. No ano de 2014, 60% de toda a população mundial, de acordo com a União Internacional de Telecomunicações (UIT) da Organização Nações Unidas, ainda não tinha acesso à Rede Mundial de Computadores².

Ainda de acordo com a pesquisa, no continente africano apenas 19% da população tem acesso

² UIT. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/no-brasil-quase-60-das-pessoas-estao-conectadas-a-internet-afirma-novo-relatorio-da-onu/>>. Acesso em: 29 out. 2015.

à conexão com os computadores, configurando-se como uma camada da população excluída digitalmente.

Além disso, o termo “interatividade”, largamente anunciado para divulgar as potencialidades da web, é costumeiramente utilizado como argumento de venda, tanto ao mercado financeiro como também ao campo teórico dos estudiosos das novas tecnologias digitais, notadamente da prática jornalística *on-line*.

No entanto, nada é automático e é preciso o que Jenkins (2008) chama de “letramento midiático” para o uso pleno das potências da técnica, incluindo a interatividade, fato que ainda não se registra mundo afora. Mas a *web* é muito maior que as suas restrições já verificadas, com bem demonstra tudo o que temos aqui arrolado. Precisamos reconhecer, assim, que a internet é uma ferramenta de comunicação distinta dos meios de comunicação tradicionais e com características muito peculiares.

Algumas das suas marcas são: não linearidade narrativa, instantaneidade, dirigibilidade, qualificação, reduzidos custos de produção e de veiculação se comparado a outras mídias, aumento da possibilidade de interatividade, pessoalidade, acessibilidade e participação ativa dos utilizadores. E, ainda, tem-se a vantagem de utilização do hipertexto, a principal característica da Rede Mundial de Computadores.

Segundo Palácios (2003, p. 19):

O hipertexto é a capacidade dos meios digitais de possibilitar a navegação do usuário através de uma multiplicidade de “fractais” previamente definidos e descentralizados, por meio de sucessivas linkagens, interconectando informações em diversos formatos midiáticos - texto, imagem, áudio e vídeo. Essa estrutura funciona como uma rede cujo eixo se desdobra progressivamente numa variedade de caminhos repletos de ramificações, todas passíveis de serem percorridas pelo leitor ao longo do processo de construção de sentido da narrativa.

Outra funcionalidade que a internet nos traz é o poder do espaço ilimitado. Na rede, é possível publicar vários conteúdos em uma única plataforma. De acordo com Pinho (2003, p. 89), isso é viável porque a *web* utiliza a linguagem padrão *Hypertext Markup Language* (HTML), que disponibiliza informações em variados formatos, como texto, som, imagens e animação:

“Fácil de aprender e usar, a HTML possibilita preparar documentos em hipertexto, com *links* para se deslocar para outros documentos e *sites*”.

Segundo Silverstone (2002), encontramos-nos em um processo de comunicação em rede, impulsionado pelas TICs, notadamente a Rede Mundial de Comunicação, a internet, e as redes sociais digitais, surgindo a oportunidade de tensionar o processo hegemônico das mídias tradicionais, inclusive como aqui se pesquisa.

1.2.3 A midiatização

Para Cardoso (2010, p. 44), as difusões em rede, dinamizadas essencialmente pela *web*, estão ajudando não só a reconfigurar o modo de se comunicar, mas também a sociabilidade a ele referida:

Nas sociedades informacionais onde a rede é a característica organizacional central, um novo modelo comunicacional está tomando forma: um modelo caracterizado pela fusão da comunicação interpessoal e em massa, ligando audiências, emissores e editores sob uma matriz de mídia em rede, que vai do jornal aos jogos de vídeos, oferecendo aos seus utilizadores novas mediações e novos papéis.

O modelo da comunicação em rede, turbinado essencialmente pela *web* e suas redes, sustenta um tipo peculiar de sociabilidade, a sociedade midiatizada, constituída, pois, sobre os marcos do capitalismo tardio e suas tecnologias. Nesse cenário de novas tecnologias aplicadas aos processos de trocas comunicacionais, ocorre a tendência à virtualização das relações humanas. As informações geradas pelo desenvolvimento das tecnologias da comunicação acentuam a importância de interação pelo planeta.

A importância das redes comunicacionais se acentua em larga escala na atualidade. Para Martinuzzo (2013, p. 35):

A sociabilidade atual apresenta uma peculiaridade histórica: o cotidiano presente é articulado por uma rede comunicacional de plataformas multimidiáticas alimentadas por conteúdos informacionais (notícias, entretenimento, publicidade, etc.), produzindo formas diferentes de se relacionar e construir referências simbólicas. Vive-se, pois, um cotidiano midiatizado.

O fenômeno midiático passa fazer parte das dinâmicas dos vários campos sociais, modificando e transformando a atual sociedade contemporânea. Diante de uma era global, a mídia tanto representa como é partícipe deste processo. A estrutura que dá sustentação à globalização é a da mídia, sem dúvida, um dos fatores elementares das marcações sociais e do comportamento humanos atuais. Com uma nova base tecnológica, um novo programa de poder – o controle – e uma indústria cultural ideologicamente dirigida, chegamos a uma sociedade em rede, constituída por um cotidiano midiaticizado.

Nessa realidade, “as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social de sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais”, configurando-se o que Sodré (1996, p. 27) denomina como “sociedade midiaticizada”.

Para Mininni (2008, p. 78), “a maior parte dos conhecimentos acerca do mundo, chega à mente do homem não pela experiência direta do mundo físico e das relações com o outro, mas cada vez mais pela mediação da comunicação social”. E são as mídias tradicionais, que detêm o poder simbólico, são a referência para a sociedade como um todo.

Os meios de comunicação atuais estão imbricados com as práticas sociais e culturais de nosso cotidiano, tornando a mídia “o lugar por excelência da produção de sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais”, segundo Sodré (1996, p. 27). Silverstone (2011, p. 213) ressalta “a importância central da mídia para nossa capacidade de criar e sustentar ordem em nossas vidas diárias e de nos encontrar e nos posicionar nessa ordem. A mídia se tornou indispensável para este empreendimento”.

1.2.4 Brechas

Nesse cotidiano midiaticizado, até pelas características de comunicação potencialmente horizontalizada, segundo as viabilidades das TICs, é preciso salientar que existe espaço para ação contracorrente, conforme já indicamos e aqui estamos a estudar. Além de se colocar como alicerce ao processo de globalização, a comunicação em redes, especialmente as digitais, segundo Moraes (2006), podem também ser apropriadas por vozes dissonantes.

Para o Moraes (2006, p. 2), as redes podem ser usadas por culturas diversas, no âmbito da *web* e também fora dela, “facilitando a intercomunicação de indivíduos e agrupamentos

heterogêneos que compartilham visões de mundo, sentimentos e desejos. Servem de estuários para defesa de identidades culturais, a promoção de valores étnicos e a democratização da esfera pública”.

Segundo Silverstone (2011), a mídia, que é central ao processo de globalização, pode ser tanto apropriada para disseminar uma maneira totalizante de um modo de ser e agir, como também para dar a chance para transparecer as ideias e estilo de vida para diversos segmentos da população.

A globalização é um processo multifacetado e, acima de tudo, questionado. Não é uma esfera exclusiva das elites, nem da mídia global, mas um vaivém de identidade e interesses, mobilizados e articulados, por um espaço cada vez mais eletrônico, mas ainda dependentes e vulneráveis aos movimentos reais das populações pelo espaço e tempo (SILVERSTONE, 2011, p. 208).

Silverstone (2014, p. 204) questiona: “o que o global significa para os diferentes grupos e culturas que existem nele? Há uma tensão aqui: entre as forças de homogeneização e fragmentação; entre aceitação branda e resistência; entre consumo e expressão; entre medo e favor”.

As resistências sempre se registraram, mas o fator técnico que viabilizou um capitalismo inédito em termos de poder e alcance, também abriu espaços para, com as mesmas ferramentas, se produzir uma esfera pública mais oxigenada. Infelizmente, nada é automático, como estamos sempre a alertar, mas a potência para uma outra comunicação está colocada. Nesse sentido, “hoje estamos vendo enormes e contínuas inovações, tanto na internet quanto fora dela, graças à rede e as tecnologias que ela mantém e sustenta”, considera Thompson (2008, p. 110). As manifestações por meio da esfera pública midiaticizada podem ser eficazes para o processo de participação popular nas sociedades.

No contexto da midiaticização, os meios de comunicação e a sua lógica em vigência, notadamente com o fortalecimento das TICs, tornaram-se essenciais para a esfera de visibilidade pública e a sociabilidade na atual sociedade contemporânea midiaticizada. Assim, se indivíduos, empresas ou grupos sociais não estiverem na mídia, estão fadados a não existirem efetivamente ao(s) outro(s).

De acordo com Gomes (2008), este conceito de esfera pública está essencialmente alicerçado na noção de argumentação pública ou da troca pública de razões, o processo público de debate. Suas características seriam a acessibilidade, visibilidade e a vinculação à comunidade.

Insurge desta forma uma contraposição à chamada política midiática, organizada de acordo com a lógica dos veículos de comunicação de massa e das mídias digitais capitalisticamente orientadas:

Neste sentido, é importante não só que instância deliberativa mais geral – o parlamento – funcione como esfera pública; mas sim que, quanto mais as micro-redes de decisão no interior do tecido social se apoiem numa argumentação pública, mais democrática seja essa sociedade, mais enraizada seja a cultura democrática na alma dos indivíduos (GOMES, 2008. p. 129).

Para Habermans (1984), as discussões são fundamentais para a noção de esfera pública, pois a esfera midiática não possibilita, necessariamente, o rodízio nas posições de ouvinte e de falante. Não há garantias pela funcionalidade da técnica. O desenho se faz pela apropriação social.

Assim, no mais das vezes, o que ocorre são tentativas de dar intransparência e invisibilidade, visando a obter o controle tanto da visibilidade quanto do debate público. O risco é de que haja apenas uma exibição pública e o debate público se torne apenas um simulacro e sirva apenas para legitimação das decisões, como pode ocorrer no caso de conselhos estaduais ou municipais ou orçamentos populares.

É por meio da visibilidade que se alcança a discutibilidade na democracia, com a ampla participação de toda a sociedade e não apenas restrita aos chamados “especialistas” sobre determinado assunto. Para Bueno (2009, p. 143),

Quanto o resultado do debate público espera-se que toda a esfera pública seja deliberativa: que considere uma matéria e produza uma conclusão consensual a respeito desta, mesmo que esta conclusão seja sempre revisável em princípio. Teremos de administrar, entretanto, que debates não-conclusivos e não-deliberativos podem ser autêntica esfera pública.

Castells (2013) também ressalta a necessidade de discussão em todo o processo de mobilização na sociedade, como ocorreu nos movimentos que levaram milhões de pessoas às ruas em 2013 aqui no Brasil. Avaliando-se os movimentos, as conquistas podem não ter sido aquelas que se esperavam. No entanto, o legado que as mobilizações sociais deixaram é a

capacidade de proporcionar uma mudança cultural nos participantes e nas nações. É o de fixar a crença no potencial da mudança, de questionar e fazer com que todos se tornem manifestantes e possam repensar a atual situação em quem vivem.

Mas é importante salientar que a mobilização por meio das mídias é anterior à *web*. Mesmo antes da consolidação da internet pelo planeta, a maneira pelo qual grupos dispersos puderam produzir sua versão de cultura global foi conceituada por Dayan (1998) como “mídia interdiaspórica”. Nesse caso, mesmo no contexto da grande mídia de massa, foi possível efetivar produções de grupos de populações deslocadas, viabilizadas por meio das mídias impressas, radiofônicas, audiovisuais, fotográficas, tais como *newsletters*, audiocassetes e videocassetes, característicos da chamada “cultura de mídias”, estudada por Santaella (2003) e já aqui referenciada.

Discutindo sobre a contraposição à cobertura unilateral da grande mídia, Kellner (1990, p. 291) enumerou iniciativas que tornam o sistema de comunicação mais democrático, adotando algumas medidas como “a revitalização da TV pública, a ampliação do papel desempenhado pelos sistemas não comerciais de televisão, o desenvolvimento de um sistema público via satélite, além de produção de banco de dados progressistas de acesso por computador”.

No entanto, mesmo com todas as ocorrências de comunicação anti-hegemônica, no sistema anterior à evolução tecnológica propiciada pela *Word Wide Web*, o usuário das informações, apesar de não ser passivo e das diferentes recepções do público aos assuntos, conforme acentua teóricos como Barbeiro (1986), tinha limitações na participação da construção e publicização de mensagens.

De toda sorte, apesar de a grande mídia estar historicamente vinculada a funções bastante determinadas de enquadramento, tentando impor o seu ponto de vista, conforme referenciamos anteriormente, é preciso ressaltar que a sociedade como um todo sempre apresentou percepções diferentes sobre as notícias e informações que lhes são emitidas.

Assim, ainda nos primórdios do paradigma da comunicação em rede, a capacidade de atuação contracorrente já se colocava, evidenciando a possibilidade de oxigenação discursiva da esfera pública. Segundo Silverstone (2011, p. 81),

Com a introdução dos microcomputadores pessoais e portáteis, que nos anos 80 já estavam penetrando no mercado doméstico, os espectadores começaram a se transformar também em usuários. Isso significa que começou a mudar aí a relação receptiva de sentido único com o televisor para o modo interativo e bidirecional que é exigido pelos computadores.

A internet chega, dessa forma, como elemento fundamental para a oportunidade de construção social de maior pluralidade e autonomia, na medida em que, além do processo de produção e disseminação de informações, se acentua a chance de ampliação do processo interativo.

A web 2.0, que, a partir dos anos iniciais deste novo milênio, disponibiliza aplicativos e meios para maior colaboração e efetiva produção/divulgação midiática por parte do usuário, só incrementa as possibilidades de ação contra-hegemônica. Segundo Thompson (2008, p. 87), “outras ferramentas da *web 2.0* transformaram uma mídia de mão única num espaço de conversação de mão dupla, tornando a rede mais dinâmica e muito mais interativa”. Para o mesmo autor (2008, p. 87), as ferramentas da *web 2.0* são projetadas para tornar a criação de conteúdo “simples e não-problemática, e para facilitar a publicação e criação de conexões, mas elas também mudam a forma em que pensamos sobre o que fazemos *online*, e como resultado elas dão mais significado e relevância para as conexões que fazemos com outras pessoas”.

1.2.5 Cibercultura

O surgimento das novas tecnologias, notadamente a internet, repercutiu nas formas de inter-relação dos indivíduos e com o espaço a sua volta, como se tem visto até aqui. Essas mudanças são tão significativas que, a adoção de novos hábitos e costumes, mediante ao novo aparato técnico, constitui o que Lévy (1999) conceituou como cibercultura, ou a cultura peculiar de um espaço específico, o ciberespaço.

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Para Levy (1999), a cibercultura que, num sistema de comunicação em rede, afeta toda a esfera pública, impõe dificuldades importantes a ações de censura e de impedimento de questionamentos e indignações, pelo óbvio motivo de ser inviável um controle total das redes. Dessa maneira, o espaço cibercultural afeta diretamente o posicionamento das pessoas em seu meio. A multiplicidade de páginas na rede de comunidades virtuais, blogs, redes sociais e informativos por meio de dispositivos móveis exemplifica esta participação mais ampla da sociedade nesta nova ágora virtual.

É no âmbito do ciberespaço e da cibercultura que Lévy fala da “inteligência coletiva”, fenômeno sem um centro irradiador, em que todos podem emitir livremente. Segundo Lévy (2007, p.31), “em um coletivo inteligente, a comunidade assume como objetivo a negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um, o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretação de sua memória”.

Contrapondo à ideia de uma mídia hegemônica, Lévy (2007, p. 168) ressalta que “as grandes redes de informação e comunicação, com seus fluxos “invisíveis”, “imateriais”, formam “territórios abstratos”, que escapam às antigas territorialidades”. O fato é que estamos em um processo de globalização, em uma sociedade em rede midiaticizada e a aproximação anti-hegemônica deste processo depende da forma com que as instituições e as pessoas se mobilizam para tal.

De acordo com Castells, em entrevista concedida à TVE³, “as sociedades tratam de se relacionar cada vez mais dentro dessa sociedade. As novas tecnologias permitem um desenvolvimento de relações sociais de participação cidadã muito maior”.

Analisando o sistema da comunicação em rede, Cardoso (2010, p. 24) destaca que “mais importante que as mudanças tecnológicas tem sido a forma como os utilizadores, nos seus processos de mediação privados, públicos ou de trabalho, moldam as suas matrizes da mídia”. Eis aqui uma oportunidade ímpar de uso social dessas mídias, inclusive para combater o *status quo*.

³ Cf. Disponível em: <<http://www.rtve.es/alacarta/videos/para-todos-la-2/para-todos-2-entrevista-manuel-castells-indignados-redes-sociales/1903111/>>. Acesso em: 29 out. 2015.

1.3 – OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A MOBILIZAÇÃO NA ATUALIDADE

Em meio aos avanços do capitalismo informacional, os movimentos sociais também caminham no processo de apropriação das TICs, conforme já estamos a salientar neste capítulo e agora nesta seção aprofundaremos.

Progressivamente, os instrumentos midiáticos proporcionados pela *web* na sociedade em rede são utilizados para articulações e mobilizações de cidadãos em torno dos seus anseios em comum, como ocorreram nas manifestações de junho de 2013 na cidade de Vitória, nosso objeto de estudo.

Faremos uma análise mais detalhada a respeito das formas de mobilização na atualidade, mas, antes buscaremos conceitos de Gohn e Perruzo para o termo movimentos sociais. Perruzo (2013, p. 75) define brevemente, mas de modo eficaz e assertivo, movimentos sociais como “articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadoras de direitos e que se organizam para reivindicá-los”.

Gohn (2010, p. 335) também estabelece definições para os movimentos sociais:

Os movimentos são o coração, o pulsar da sociedade. Eles expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberte. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em “fazer propositivos. Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado *empowerment* de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede.

Segundo Gohn (2010), os movimentos sociais começaram a surgir em meados da década de 1960 e eclodiram na América Latina a partir da década de 1970, preponderantemente em oposição aos regimes militares, e também como portadores de reivindicações provenientes de sindicatos em prol de melhorias nas condições de trabalho. Já no pós-abertura, no Brasil destacam-se os caras-pintadas, agentes na deposição, na década de 1990, do então chefe do Executivo, Fernando Collor de Melo. A ação, que levou ao impeachment do presidente, era até então inédita no país.

Mas, com o findar do século XX e com o avanço do ideário neoliberal, pautado pelo individualismo, redução do Estado, enfraquecimento da política e consumismo, o que se percebe é o esfriamento dessas mobilizações. O que se registra é a tomada de algumas pautas das manifestações sociais pelas entidades do terceiro setor. Com isso, as formas de mobilização sofrem uma mudança de paradigma.

Gohn (2010) estabelece as diferenças entre um movimento social e uma organização não governamental. Os movimentos sociais possuem identidade, têmpositor e articulam ou se fundamentam em um projeto de vida e de sociedade. Trata-se de disputa por hegemonia na projeção da vida. No que tange a ONGs, estas são direcionadas para a prestação de serviços sociais onde há carência ou ausência de serviços públicos, como os de saúde e educação, atuando em parceria com os poderes constituídos e/ou a sociedade de uma maneira geral. Aqui trata-se de conformação a um projeto em execução, geralmente.

Historicamente aliadas dos movimentos sociais, as ferramentas de comunicação sempre foram cruciais para divulgação e articulação anti-hegemônica. De acordo com Sodré (2013), foi por intermédio de jornais e panfletos que muitas das ideias libertárias e democráticas se difundiram, muitas vezes sem o aparato técnico dos grandes conglomerados econômicos da mídia.

As recentes manifestações no Brasil – nosso objeto de pesquisa – expressam essa conexão entre mobilização e comunicação. Assim, para Castells (2012, p. 173),

Quanto mais o movimento consegue transmitir suas mensagens pelas redes de comunicação, mais cidadãos conscientes aparecem, mas a esfera pública da comunicação se torna um terreno contestado e menor é a capacidade dos políticos de integrar demandas e comunicações com ajustes meramente cosméticos. A derradeira batalha pela mudança social é decidida na mente das pessoas e, nesse sentido, os movimento sociais em rede têm feito grande progresso no plano internacional.

Castells (2013) afirma que, ao longo da história, os movimentos sociais foram e continuam a ser as alavancas da mudança social, e que, com a chegada do novo milênio, as novas tecnologias se destacam nas múltiplas ações comunicacionais e de mobilização em favor de mudança e bem-estar social.

Gohn (2013, p. 13) também se posiciona em relação à importância da Internet na atuação dos movimentos sociais:

Nós os encaramos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas. Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet.

As sociedades em rede se conectaram formando uma sociedade digitalizada, hiperconectada, em que decisões de uma nação podem repercutir de forma positiva ou negativa, de forma quase instantânea dentro e fora dos países. De acordo com Capra (2008), a proliferação das redes tem se tornado o principal fator dos movimentos sociais de base para ultrapassarem fronteiras e vencer limites os mais diversos. Esta conjunção entre movimentos sociais e redes virtuais é essencial, dessa forma, para a eclosão de processos emancipatórios ou reivindicatórios da atualidade. Mas, apenas quando há identificações fortes e se consegue mobilizar vontades, é que surgem chances de coesão e continuidade (TORO; WERNECK, 2004).

Castells (2013) identifica uma série de características dos movimentos sociais na atualidade, especificamente aqueles atrelados às redes sociais digitais, como é o caso que aqui estudamos. Uma primeira característica é que eles “são conectados em rede de múltiplas formas” (CASTELLS, 2013, p. 159), incluindo celulares, *smartphones*, *tablets*, computadores de mesa, *notebooks*.

O autor identifica que eles se articulam em redes *on* e *off-line*, ocupando o ciberespaço e também o espaço urbano geográfico. A conjugação do espaço dos fluxos das redes digitais com os espaços públicos é nomeada por Castells (2013, p. 161) como “espaço da autonomia”, “a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede”.

Castells (2013, p. 161) também nota que os “os movimentos são simultaneamente locais e globais”. Possuem pauta local, mas mantêm um debate sem fronteiras com os movimentos parecidos onde quer que eles existam. Esses movimentos experimentam um “tempo atemporal”, no sentido de que são pautados e estão vinculados fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões, etc.), mas que não se limitam a pensar a partir dos enquadramentos do presente e mesmo do passado. “Em seus debates e projetos, referem-se a um horizonte de possibilidades ilimitado, e novas formas de vida e comunidade emergem da prática do movimento”(CASTELLS, 2013, p. 161).

Trata-se de movimentos “espontâneos em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação” (CASTELLS, 2013, p. 162). Nesse processo, geralmente originado por um evento específico, mas também podendo se efetivar em torno de uma pauta difusa contra ações governamentais, as imagens e as articulações em rede digital são essenciais.

Aqui tem-se a origem de uma outra marca dos movimentos sociais em rede da atualidade: “os movimentos são virais” (CASTELLS, 2013, p. 162). Virais tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes aos movimentos em si quanto na direção de espalhar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização onde quer que seja.

Para Castells (2013, p. 162) uma outra marca é que “a passagem da indignação à esperança realiza-se por deliberação no espaço da autonomia”. Aqui o autor acentua que se trata de “movimentos sem liderança”, sendo que “as tomadas de decisão em geral ocorrem em assembleias e em comitês por elas designados”. Geralmente, há repúdio à figura do representante, marcada negativamente pela política institucional na mente da juventude.

O “companheirismo” é uma evidência especial, tanto na internet quanto no espaço urbano. Para Castells, (2013, p. 163) isso é fundamental, pois “é pelo companheirismo que as pessoas superam o medo e descobrem a esperança”. O autor também identifica que “a horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal”. Conforme anota Castells, os jovens se recusam a praticar hábitos e vivenciar valores que rejeitam. Assim, temos movimentos performáticos do projeto de sociedade que defendem. “Não apenas os fins não justificam os meios, mas os meios, de fato, encarnam os objetivos de transformação” (CASTELLS, 2013, p. 163).

Trata-se de movimentos “profundamente autorreflexivos”, segundo Castells (2013, p. 164), pois os questionamentos são constantes acerca das motivações, projetos, modos de mobilização etc. “Essa autorreflexividade manifesta-se no processo de deliberação das assembleias, mas também em múltiplos fóruns da internet, assim como numa miríade de *blogs* e grupos de discussão nas redes sociais” (CASTELLS, 2013, p. 164).

Os movimentos, “em princípio, eles não são violentos”, considera Castells (2013, p. 164): “em geral se envolvendo, em sua origem, na desobediência civil, pacífica”, as mobilizações acabam por sofrer repressão violenta das institucionalidades no caso de ocupações urbanas, principalmente. Os confrontos geram imagens fortes de embates que acabam polarizando opiniões.

Para Castells (2013, p. 165), “esses movimentos raramente são programáticos”. A exceção é quando se pautam por um único ponto, como o combate a ditaduras, por exemplo. “De fato, eles têm muitas demandas, na maior parte do tempo, todas as demandas possíveis vindas de cidadãos ávidos por escolher as condições de suas vidas” (CASTELLS, 2013, P. 165).

Este fator é tanto uma força (atrai um número expressivo de participantes), como também pode ser uma fraqueza (como obter resultados efetivos sem objetivos claramente definidos?), pontua Castells (2013).

Dessa forma, para o pesquisador, trata-se de movimentos sociais “voltados para a mudança dos valores da sociedade”. Recusam-se também a legitimar as institucionalidades do *status quo*, mas “são muito políticos num sentido fundamental”, principalmente quando “propõem e praticam uma democracia deliberativa” (CASTELLS, 2013, p. 165).

É exatamente a partir dessas 14 marcas essenciais dos movimentos sociais em rede demarcadas por Castells que vamos analisar as mobilizações ocorridas em Vitória em junho de 2013.

Num tempo de capitalismo hegemônico, patrocinador de um modelo peculiar de sociedade (em rede), apoiado por uma potente indústria cultural e uma base tecnológica colossal, como vimos neste capítulo, é mesmo de causar espanto e de inspirar a investigação científica ações de contrapoder tão significativas. Nessa caminhada, a seguir, estudamos exatamente as

possibilidades de ação anti-hegemônica na *web*, especialmente nas redes sociais digitais, com destaque para o *Facebook*.

2 CAPÍTULO 2 – REDES SOCIAIS DIGITAIS, PODER E CONTRAPODER

No capítulo 1, por meio de autores como Castells, Harvey, Silverstone e Kellner, estudamos as relações intrínsecas entre capitalismo e comunicação na estruturação do poder hegemônico atual, abordando a “sociedade em rede”, paradigma da sociabilidade contemporânea, fruto da convergência do modo de produção capitalista com as tecnologias de informação e comunicação, as TICs, orientada à viabilização da globalização econômica.

Vimos que à sociedade em rede corresponde o paradigma da comunicação em rede, que inclui as mídias de massa, mas promove um outro tipo de arranjo comunicacional coletivo, mais dialógico, horizontalizado e colaborativo, tendo a *web* como um de seus principais dínamos.

Assim, neste capítulo 2, buscamos definir o que são as redes sociais digitais, quais as suas características técnicas e suas possibilidades de uso sociopolítico e cultural. Estudamos o *Facebook*, *site* de redes sociais que provê o nosso objeto de pesquisa e que abriga a maior rede social da *web* no planeta. E, por fim, verificamos como os agentes das redes sociais na Internet podem ocupar estes “territórios informacionais” ou “espaços de autonomia”, conforme conceituado na Introdução, em estratégias de contrapoder. Discutimos quais são os desafios e as potencialidades da mobilização social na contemporaneidade, dinamizada pelas redes digitais.

2.1 AS REDES SOCIAIS E SUAS ESPECIFICIDADES NA WEB

As redes sociais digitais são viabilizadas pelo que se denomina de *sites* de redes sociais como, por exemplo, o *Facebook*. Esses *sites*, por sua vez, surgiram baseados nos conceitos de comunidades tradicionais. Assim, na origem do fenômeno que estamos estudando estão as comunidades virtuais, em que individualidades participavam de coletividades *on-line*.

De certo modo, as comunidades virtuais retomam sentido elementar de convívio com os vizinhos, amigos próximos, quase familiares, investindo em laços afetivos que foram se esvaindo com o decorrer do tempo nas sucessivas décadas de capitalismo neoliberal. Essa realidade vem bem descrita por Rabin (2004, p. 178):

Comunidades Virtuais se constituem em torno de websites especialmente desenvolvidos para servir a determinados grupos de pessoas com interesses comuns. São grupos, fóruns, listas de discussão, chats, blogs, links sites de conteúdos permanentemente renovados: variados recursos web disponibilizados para atrair e oferecer serviços que motivem a “visitação” periódica, desenvolvendo rituais e afinidades, e promovendo ciclos continuados de retroalimentação positiva.

De acordo com Recuero (2009, p. 144),

É um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster*, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento. Assim, a diferença entre a comunidade e o restante da estrutura da rede social não está nos atores, que são sempre os mesmos, mas sim nos elementos de conexão, nas propriedades das redes.

Para que estas comunidades se desenvolvessem, Rabin (2004, p. 178) aponta alguns encaminhamentos, sempre tendo em vista o perfil do usuário:

Proporcionar conteúdos adequados aos seus interesses, propiciar serviços que agreguem valor, patrocinar eventos e oportunidades em que os “interessados” possam compartilhar os interesses comuns ligados aos produtos e serviços que lhes oferecemos. Facilitar as oportunidades para que os membros do grupo se “encontrem”, interajam e formem vínculos de confiança, indistintamente, entre si e com os membros/representantes da entidade promotora.

Ou seja, a ideia era ter como ponto de partida um conteúdo ou tema de interesse mútuo para, então, produzir um ciclo acumulativo de respostas e retroalimentação das informações. No centro das comunidades *on-line*, o objetivo era somar questões e participações.

O desenvolvimento destas comunidades virtuais acabava estabelecendo princípios de lealdade e gerando o desenvolvimento de ideias, conceitos e debates aprofundados sobre as questões relativas aos membros. Quanto mais identificados com o tema/conteúdo, maior o comprometimento e a lealdade.

A participação crescente dos membros e a interação entre eles geram informação cada vez mais completa sobre os membros da comunidade e seu perfil de preferências, interesses e pontos de vista, ou seja, o perfil de seus pensamentos, sentimentos e ações. Estes perfis permitem aos gestores (entidade ou empresa patrocinadora) e aos seus próprios membros, focalizar suas atividades nos membros individuais, grupos ou subgrupos de membros, o que direciona ainda mais os perfis e cria mais valor para a comunidade. O valor percebido atrai mais participantes, usuários externos e gestores de outras comunidades, o que propicia e estimula a realização de transações diversas entre os membros entre si, e entre aqueles membros e membros das outras comunidades ou instituições. Completa-se assim o ciclo de transações, no qual os membros começam intercambiar valores entre eles e com os gestores (tempo, dedicação, dinheiro, energia, dados e informações, e conhecimentos) (RABIN, 2004, p. 179).

As comunidades virtuais sofrem um impacto com o surgimento da *web 2.0* e nunca mais serão as mesmas, sendo paulatinamente suplantadas ou incorporadas pelas redes sociais digitais. O termo *web 2.0*, surgido em 2004 por intermédio de um artigo publicado pelo irlandês Tim O'Reilly, ficou conhecido como a segunda geração da Rede Mundial de Computadores.

No referido artigo, Tim O'Reilly, fundador da O'Reilly Media e incentivador de movimentos de apoio ao *software* e código livre, aborda como os internautas passam de consumidores a produtores de conteúdo por meio da Internet. Desde então, foi reforçado o estímulo para o dinamismo da *web*, por meio da troca de informações e material colaborativo dos usuários em *websites* e serviços virtuais.

A enciclopédia *Wikipedia*, cujas informações são disponibilizadas e editadas pelos próprios usuários, pode ser exemplificada para o uso desta expressão. Apesar de levarmos em consideração que o termo 2.0 poderia ser apenas apropriado como um golpe de marketing para alavancar e incrementar a Internet, acreditamos também que tenha despertado a atenção para as potencialidades de interatividade desta nova rede virtual.

Com a viabilização técnica da *web 2.0* – rede colaborativa e participativa –, na primeira década deste século, ganham impulso inaudito os *sites* de redes sociais digitais. Mas, antes de avançar, é preciso pontuar neste momento as diferenças entre as redes sociais digitais e os *sites* de redes sociais.

Para Wasserman e Faust, Degenne e Forse, apud Recuero (2009), uma rede social é definida por um conjunto de atores e suas conexões. Os atores entendem-se por pessoas, instituições ou grupos e que são chamados de nós da rede. As interações ou laços sociais seriam estabelecidas por estas conexões.

Para Recuero (2009, p. 102), os “*sites* das redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet”. De acordo com Boyd & Ellison (2007), citados por Recuero (2009), são sistemas que permitem 1) a construção de uma *persona* através de um perfil ou página pessoal; 2) a interação através de comentários; e 3) a exposição pública da rede social de cada ator.

Os *sites* de redes sociais foram ganhando, com o tempo, uma enorme capacidade de gerar conteúdo, por meio de interações em tempo real, de forma multimídia, ou seja, agregando vídeo, áudio, foto, textos, e por meio dos dispositivos móveis, notadamente os *smartphones*. Com sua comunicação horizontalizada e dialógica, as redes sociais aprofundam o fosso das diferenças entre a comunicação de massa e as interfaces via *web*.

Com a facilidade de produção e geração de conteúdo, cada um pode ter o seu próprio veículo de comunicação – sem necessariamente um aparato técnico de uma grande rede mercadológica – e, assim, disseminar suas ideias pela *web*. Além disso, com uma espécie de pesquisa em tempo real, é possível saber o que os usuários acham de suas manifestações. Dessa forma, qualquer cidadão pode, além de ser consumidor de informações, também ser uma fonte a gerar e disseminar informações. Mas, para fechar o ciclo do sistema, é preciso que as fontes alcancem outras redes, tenham legitimidade e recebam o retorno do que foi publicado, constituindo uma conversa colaborativa.

Avançando um pouco mais, ainda segundo Recuero (2009, p. 102), “a grande diferença entre *sites* de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais

estabelecidos no espaço *off-line*”. Batista (2012, p. 77) também chama a atenção para esse fato:

Quanto às suas configurações, os *sites* de redes sociais justificam-se pela manutenção de redes sociais pré-existentes ou ainda pela emergência de agrupamentos baseados em interesses compartilhados, visões políticas ou atividades em comum em sentido geral ou específico. Como exemplo do segundo caso, encontram-se as redes que respaldam a coletividade em apenas um aspecto, relacionado ao caráter linguístico, racial, religioso, sexual e/ou nacional das diferentes identidades de seus potenciais usuários.

De acordo com Recuero (2012), na atualidade contextualizada pelas ferramentas digitais, ocorre uma “conversação emergente” que está reconstruindo práticas cotidianas de convivência, seja reelaborando a dinâmica de antigas redes, seja criando novos laços no cenário digital.

Importante destacar é que os *sites* de redes sociais possibilitam a intensificação do processo de conversação mediada por computador (CMC), na medida em que oferece serviços de comentários em tempo real, recursos disponíveis pela multimídia na *web* e participação de *chats* (multiconversas).

As redes sociais na Internet, deste modo, são dinamizadas por laços sociais provenientes de conversações entre atores sociais. O entendimento desta questão se faz necessário para compreender os processos de efetivação de sociabilidades propiciados pelas ferramentas de comunicação disponível na Rede Mundial de Computadores, fundamentalmente àqueles de mobilização social, como é o nosso caso de estudo.

Para Recuero, citado por Lopes (2013), as práticas de conversação, além da estrutura técnica de suporte à linguagem, são um conjunto de ferramentas cujo sentido é construído pelos interagentes.

O espaço mudou e as formas de conversação também. O ambiente da conversação é o ciberespaço, mesmo sendo um espaço onde as pessoas interagem de forma virtual, construído pela circulação de informações permeadas pela comunicação digital, ele é também construído significativamente pela participação dos atores através da conversação (LOPES, 2013, p. 13).

Dentre as características da CMC, segundo Recuero (2009), está a linguagem “oralizada”, ou seja, uma “escrita falada”, onde os contextos são convencionados pelos interagentes por intermédio da negociação. É uma conversação em rede, múltipla, espalhada, com a participação de muitos, que permanece gerando novas apropriações e migrando entre as diversas ferramentas. Outras características seriam a unidade temporal elástica, a representação da presença, a construção do contexto e a conversação em rede.

A autora explica que as interações mediadas pelo computador (IMC) comportam a conversação síncrona e assíncrona. A primeira ocorre quando as mensagens transmitidas pelos atores são identificadas e respondidas imediata e simultaneamente, como nos *chats* da rede. De outro modo, na conversação assíncrona a ordenação se diferencia pela circunstância do tempo. Aqui os interagentes não “conversam” de modo simultâneo, tecem diálogos em momentos diferentes uns dos outros.

Recuero (2012) ressalta ainda que as conversações podem acontecer de modo privado, quando as trocas de mensagens ocorrem apenas entre os atores da conversa, como nos *chats*, ou público, quando outros participantes da rede têm a possibilidade de acessar o que foi transmitido e compartilhado, como ocorre com os comentários referentes a uma publicação. Neste caso, os interlocutores não conhecem exatamente qual é na integralidade a audiência que possivelmente verá a interação das mensagens.

De acordo com Baron (2002), a comunicação mediada por computadores (CMC) – sistema no qual estão inseridos os *sites* de redes sociais digitais, como o *Facebook* - “é definida de modo amplo como quaisquer mensagens de linguagem natural que sejam transmitidas e/ou recebidas através de um computador. Falando de modo geral, o termo CMC se refere à linguagem natural escrita enviada via Internet”.

Marcuschi (2006, p. 15) cita ainda cinco características práticas, constitutivas da organização de uma conversação, como sendo, a “interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução em uma identidade temporal e envolvimento numa interação centrada”.

O incremento das redes sociais digitais está na possibilidade de se manter conversações com várias pessoas intercaladamente. De acordo com Crystal (2005, p.82), “nunca fora possível antes,

na história da comunicação humana, participar simultaneamente de várias conversas. Agora é, Isto também é um estado revolucionário de coisas no que diz respeito a fala”.

Esta conversação com várias pessoas de forma simultânea no *Facebook* acaba gerando aos participantes, segundo Lopes (2013), demora no envio e nas respostas das mensagens. Devido a este fator, novas estratégias são utilizadas para sintetizar os conteúdos de interação de cada entrada textual, como atribuir elementos da linguagem falada. É a “escrita falada”, referenciada há pouco, segundo Recuero.

Inicialmente, os textos compunham a quase totalidade das mensagens virtuais – de caráter informal – no *Facebook*. Para dar conta das multiconversas simultâneas, de acordo com Recuero (2012), foram desenvolvidas adaptações para expressar as emoções dos utilizadores, como a utilização dos caracteres simbólicos, incluindo os pioneiros *emoctions*.

Tendo em vista o conceito de Recuero (2009) a respeito de comunidade emergente, Oliveira e Paiva (2012, p. 4) ressaltam que o *Facebook* é considerado como uma rede fechada emergente, “embasada nas interações recíprocas dos seus atores, que se caracterizam pela interação mútua e reciprocidade à medida que há troca pela intimidade e confiança”.

O *site* de rede social pode ser facilmente manipulado por meio da “experiência do usuário” e intuição, de acordo com Oliveira e Paiva (2012, p. 6): “A prova disso é o fácil acesso para compartilhar e disponibilizar conteúdos tanto no ambiente do *site* quanto em outros *sites*, a partir dos comandos “comentar”, “compartilhar” e “curtir”.

Apresentados os aspectos técnicos e estruturais das redes sociais, tomamos como exemplo de *sites* de redes sociais e suas possibilidades de uso o pioneiro *Sixdegrees*, o peculiar *Twitter*, além do *Facebook*, maior *site* de rede social do planeta que, por oferecer nosso objeto de pesquisa, terá seção específica mais adiante.

De acordo com Recuero (2009, pag. 102), “sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet”, permitindo a organização de perfis em rede. Desta forma, os sites de redes sociais não somente estimulam o início de relações sociais por intermédio do meio digital, mas, de sobremaneira, torna possível a visibilidade e a articulação de redes sociais já constituídas.

Tendo em vista essas premissas básicas, o *Sixdegrees.com*, lançado em 1997, foi primeiro *site* de redes sociais. Para os usuários, ofereciam-se, de forma inédita, vários dos serviços. Pelo *Sixdegrees*, era possível criar perfis, construir listas de seus amigos e explorar a lista de outros usuários.

Os *blogs*, contração da expressão inglesa *weblog*, ou diários na *web*, são associados, de uma forma geral a uma estrutura de pequenos textos com ordem cronológica inversa, dotados das opções de comentários e utilização dos recursos multimídia.

Segundo Orihuela (2007), o primeiro *weblog* foi a página “*What’s new in 92*”, publicada por Tom-Berners Lee, em 1992, para divulgar a novidades do projeto da *World Wide Web* (www), a teia mundial.

Hewitt (2007) informa que, originalmente, os blogueiros em seus diários virtuais passaram a criar páginas na *web* para que outros fizessem comentários do que foi escrito acerca de suas próprias vidas. Em 2001 os *blogs* conquistaram relevante poder de denúncia ao relatar as amarguras do ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro.

Hewitt (2007) relata que, com os pioneiros *weblogs*, a maneira de as mídias tradicionais hegemônicas pautarem o que era notícia, por meio de um sistema de disseminação rigidamente controlado, sofreu abalos. Para Orihuela (2007, p. 8),

Os *blogs* contribuíram de forma decisiva para impulsionar o movimento dos meios sociais ou participativos que, sistematizados por Willis e Bowman (2003) e Gilmore (2004), está mudando boa parte dos paradigmas sobre os quais se assentava a comunicação pública antes da era digital.

Apesar de terem se colocado como um fator de renovação do cenário midiático, conforme ressalta Orihuela (2007, p. 10), “uma vez que gera agendas paramidiáticas (que extrapolam a comunicação) de grande interesse para as comunidades especializadas”, os *weblogs* conviviam, em sua maioria, com reduzida visitação, esparsa geração de conteúdo e pouca interação de seus visitantes.

Coube ao *Twitter*, com suas novidades a partir do conceito original de *blog*, mudar o curso da história dessa ferramenta. De acordo com Recuero (2009), foi denominado como um *microblogging* – plataforma híbrida, associando mensagens instantâneas à mobilidade – por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, ainda em 2006, como um projeto da empresa Odeo. Os usuários são convidados a construir um perfil (os nodos) e a exibir a sua rede de contatos.

As conexões *Twitter* são identificadas pela rede de *following* (seguidos) – com a lista de atores de que o usuário recebe atualizações – e dos *followers* (seguidores), aqueles que recebem as atualizações emitidas pelo usuário. Nas conversações públicas, é utilizado o caractere “@” antes do nome do destinatário (como em: @destinatário mensagem). Os assuntos em evidência, expressões mais recorrentes na rede em determinado período de tempo, são dispostos à direita na página de todos os usuários e são chamados *Trending Topics*.

Inicialmente, o *site* de rede social ofereceu aos usuários a possibilidade de postarem textos (*twitts*) reduzidos de até 140 caracteres, a partir da pergunta “O que você está fazendo? No entanto, como o passar do tempo, os usuários foram muito mais além, se apropriando da ferramenta, segundo Batista (2012), para campanhas políticas, usos jornalísticos e comerciais, e ativismo, como as manifestações de junho de 2013.

O estudo de Mischaud (2007) comprova esta apropriação para outros fins. De acordo com o resultado, 58,5% das atualizações não se limitavam a responder o questionamento “O que você está fazendo?”, mas se destinavam à publicação de pensamentos e opiniões, ao compartilhamento de *hyperlinks* e notícias e, ainda, ao envio de mensagens.

Tanto que, hoje, a apresentação na *homepage* do *Twitter* (www.twitter.com) é: “Conecte-se aos seus amigos e outras pessoas que você quer seguir. Saiba das últimas novidades em tempo real e em todos os ângulos”. Para Batista (2012, p. 96), de um uso inicial devotado à expressão pessoal e ao registro de atividades cotidianas, o *Twitter* passou a ser visto como uma “central de notícias sobre o mundo, mantida em tempo real por seus próprios usuários”.

Outras redes sociais que surgiram nestas duas últimas décadas, foram o *Friendster*, *LinkedIn*, *Myspace*, *Last.fm*, *HI5*, *Orkut*, *Flickr*, *Ning*, *Windows Live Spaces*, *YouTube*, *Plurk*, *Fotolog* e *Google Plus*, entre outros. Batista (2012) reproduz a cronologia dos *sites* de redes sociais de Boyd e Ellison (2007).

2.2 O FACEBOOK

Iremos, agora, descrever o *site* de rede social *Facebook*, que provê os objetos de nosso estudo, as comunidades “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” e “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)”, realizando um levantamento histórico, demonstrando seu funcionamento e diferenciais.

Ressaltamos que o objetivo geral com nossa pesquisa é verificar as oportunidades de mobilização social no âmbito dos *sites* de redes sociais, como o *Facebook*. Não é intuito abordar fatores como as limitações e características técnicas dos algoritmos, que propiciam ao *Facebook* definir qual sequência de informações é vista pelo usuário na *timeline*, ou as consequências psíquicas aos seres humanos ao se manterem conectados aos *sites* de redes sociais digitais em demasia.

Lançado em 2004, o *Facebook* (originalmente, *thefacebook*) se tornou o maior *site* de rede social do planeta. O sistema idealizado pelo americano Mark Zuckerberg, junto com Dustin Moskovitz, Chris Hughes e o brasileiro Eduardo Saverin, em 2004, enquanto eram alunos da faculdade Harvard, reúne 1,19 bilhão de usuários ativos por mês – dados de 2014, do próprio *Facebook*, metade do número de pessoas com acesso a Internet no planeta. Num dos meios de comunicação mais poderosos de nossos tempos, 936 milhões acessam todos os dias suas páginas virtuais, sendo que, apenas no Brasil, são 59 milhões.

O *Facebook* surgiu da ideia de trocar informações entre os alunos que estavam saindo do secundário (*High School*, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. A ideia inicial de Zuckerberg era gerar conteúdo para alunos que estavam concluindo o ensino secundário (*High School*, nos Estados Unidos) e para os calouros ingressantes na universidade. Ser membro de alguma das instituições reconhecidas era o pré-requisito.

Junto a este público, o *Facebook* contribuiu para que os jovens universitários promovessem vínculos sociais no momento que saíam da escola e ingressavam na universidade. Em muitos casos, nos Estados Unidos, o ingresso no curso superior representa uma mudança das cidades

onde moram ou nasceram os estudantes. Ou seja, a rede social digital seria um espaço de novos vínculos e socializações.

De acordo com a agência Reuters, no Brasil são 76 milhões de pessoas conectadas ao *Facebook*, parcela considerável de uma população de 200 milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo relatório *Digital Social e Mobile 2015*, produzido pela agência *We Are Social*, os brasileiros passam 9 horas e 12 minutos por dia conectados à *web*. Desse tempo, 3 horas e 48 minutos, em dispositivos móveis como o celular ou tablete, e outras 5 horas e 24 minutos nos computadores de mesa. Outras 3 horas e 47 minutos é o tempo que o brasileiro está conectado diariamente em alguma rede social, como o *Facebook*, de acordo com o levantamento. O *Facebook*, de acordo com dados da própria empresa, tem uma capacidade de armazenamento de 300 milhões de *gigabytes*. Diariamente, são recebidos 600 mil *gigabytes* de quantidade de dados e cada usuário, gera, também por dia, 0,6 *megabytes*⁴.

No Espírito Santo, a rede social já conta com 1.740.000 usuários cadastrados, praticamente metade da população do Estado, estimada em 3.839.366 pessoas, segundo dados do IBGE. Os jovens, assim como ocorre em muitas partes do mundo, são a maioria, chegando a 760 mil usuários na faixa etária entre 19 e 30 anos⁵.

O *Facebook*, que funciona por intermédio de perfis e comunidades, de acordo com Recuero (2009), por possibilitar que apenas usuários façam parte da mesma rede e que possam ver os perfis uns dos outros, é considerado, muitas vezes, como mais privado do que outros *sites* de redes sociais. O *site* de rede social também inovou ao permitir que usuários pudessem gerar aplicativos para o sistema.

Os formatos do *Facebook* são perfil, página, *fanpage* e grupo (onde estão as Comunidades), que usaremos como estudo de caso em nossa pesquisa. De acordo com suas particularidades, o

⁴ Cf. **O Lado Negro do Facebook**. Revista *SuperInteressante*, n. 348, junho de 2015.

⁵ “Questionamentos realizados com estudantes mostram que um número considerável de jovens opta por conversar virtualmente do que frente a frente com seus interlocutores. Assim, verifica-se que os diálogos no ciberespaço cada vez mais vêm ocupando o espaço das conversas face a face” (RIBEIRO e QUENTAL, 2006, p. 6).

perfil é o mais usual, tratando-se da interface dos usuários comuns. Geralmente para celebridades e organizações com um número muito elevado de amigos, são utilizadas as páginas onde os visitantes se tornam fãs. A *fanpage* é considerada um perfil associado a organizações, e muitas vezes é utilizado para promoção de empresas, produtos e marcas.

As atualizações dos amigos ou “*feed* de notícias” surgem no centro da página inicial do *Facebook*, com os itens dos quais podem ser comentados ou apenas clicar nos botões “curtir” e “compartilhar”. Os usuários também têm a opção de escrever para os amigos no campo “O que você está pensando”. De um modo geral, quanto mais um conteúdo for curtido ou comentado, mais aparecerá para as pessoas da própria rede.

Os grupos de comunidades, como é o caso do “Não é por 20 centavos, é por direitos ES”, interligam os usuários em torno de determinados temas ou interesses, para debater, compartilhar e divulgar ações, como foi o caso das mobilizações ocorridos em junho de 2013. Os grupos poderão ser abertos, fechados ou ainda secretos. De acordo com Lopes (2013), os recursos interativos mais utilizados são:

- Mural: no próprio perfil ou de amigos tem a opção de publicar textos, imagens e vídeos;
- Comentários: podem ser feitos em conteúdos públicos, e os usuários participantes recebem notificações na página;
- Curtir: uma das ferramentas mais interessantes, que substitui até mesmo comentários;
- Cutucadas: um meio de iniciar interação com outro indivíduo, com a opção de devolver a cutucada;
- Participação e publicação de eventos e grupos: essa opção permite a criação de grupos e eventos, onde usuários envolvidos podem gerar comentários e fazer publicações, e os participantes recebem notificações de determinado grupo sem a necessidade de serem amigos;
- Adicionando Amigos: pode ser feita a busca, adicionar *e-mail* e ainda importar contatos diretamente do servidor de *e-mails*, como o *Hotmail*;

- *Chat* e Mensagem Pessoal: com este recurso, o usuário pode enviar uma mensagem privada para outro usuário, se ambos estiverem on-line, podem iniciar uma conversação em tempo real;
- Notificações: o usuário é notificado quando suas publicações recebem comentários e “curtir”, também quando é marcado em outras publicações, ou sempre que há envolvimento;
- Marcações: possibilita que indivíduos sejam integrados em fotos, vídeos e comentários.

Cada *site* de redes sociais apresenta as suas peculiaridades organizacionais, mas o determinante é a apropriação e as formas de aceitação social da ferramenta. No nosso caso de estudo, interessa a apropriação para ação de contra-hegemonia. Assim, a seguir, uma análise teórica sobre essa potencialidade das redes sociais digitais.

2.3 A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DAS REDES PELO CONTRAPODER

Preponderantes neste cenário dinâmico e potencialmente revolucionário das relações sociais intermediadas pela *web*, no que tange a articulação, troca e disseminação de ideias e decisões, Arias (2014) chega a considerar a redes sociais digitais como mais um poder constituído, além do Legislativo, Executivo ou Judiciário. “É por meio da tecnologia que chegamos a este novo fenômeno: A Internet como novo fator de poder” (ARIAS, 2014, p. 33).

Quando ocorre o processo de mobilização pela *web*, os usuários agem como ciberativistas, atuando na construção da “cultura livre”, e colocando-se como protagonistas em lutas da defesa da liberdade e refutação dos mecanismos de controle da internet, por exemplo.

Para melhor compreensão desse contexto de confluências reivindicatórias, definimos inicialmente o que é ativismo, para em seguida, conceituarmos o ciberativismo. Nesse sentido, para Jordan (2002, p.12):

Ativismo é essencialmente algo feito conjuntamente por muitas pessoas, mas deve-se ter cuidado com o senso de grupo ou de coletivo que se é empregado aqui. [...] Deve existir um sentimento de identidade compartilhada, a qual pode ser melhor compreendida pelo reconhecimento da raiva, medo, esperança e outras emoções sentidas no processo de transgressão social. Solidariedade e transgressão, coletividade e ação, são os gêmeos do ativismo. O que separa o ativismo de multidões saindo do cinema, ou grupos reunidos, é que os ativistas

reconhecem uns nos outros o desejo de transformar a maneira pela qual suas vidas são vividas.

Noronha (2013, p. 9) define ainda o ativismo pela *web*:

O ciberativismo, como um conjunto de práticas realizadas em redes cibernéticas com o objetivo de ampliar os significados sociais através da circulação de discursos e ferramentas capazes de colaborar na defesa de causas específicas mostra-se, a nosso ver, como uma nova possibilidade de ligação das temáticas que envolvem cidadania e participação política democrática.

Este autor (2013, p. 8) também cita Sérgio Amadeu Silveira, estudioso que define o termo ciberativismo como “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas”.

O ativismo por meio das redes sociais, com a apropriação do suporte digital, se torna uma alternativa, dotada de mídia própria, com a opção para compartilhar, contribuir, ser solidário.

A capacidade de difusão rápida de informações tornou a internet uma fonte de comunicação poderosa, com potencial para gerar resultados rápidos se colocados em comparação com o que acontecia anteriormente, quando campanhas levavam meses, senão anos para atingir o mesmo reconhecimento e impacto. Redes, ONGs, grupos e, até mesmo, indivíduos isolados usam a internet como fonte alternativa de comunicação numa tentativa de, através dela, influenciar a opinião pública – trata-se do ciberativismo ocupando os espaços abertos pela via digital (NORONHA, 2013, p. 12).

Comunicar, comunidade, compartilhar, há uma total imbricação entre as palavras, principalmente, quando se leva em consideração a atuação dos ativistas na *web*. Quando há ausência do compartilhamento a redes sociais digitais perdem a razão de existir. Imaginar manifestações e mobilizações sem este aporte se torna impensável nos dias atuais.

Estas mesmas redes horizontais, que se articulam de várias maneiras, tanto na *web* – notadamente em relação aos *sites* de redes sociais digitais – quanto nos espaços urbanos, geram companheirismo, segundo Castells (2013) e, por consequência, fundamenta a era do compartilhamento. Segundo Castells (2013, p. 167), “a horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo que reduz a necessidade de liderança formal”.

O conceito de compartilhamento é amplamente ligado à interação via internet, sobretudo à *web 2.0* (ou segunda geração da *web*). Pode-se perceber claramente a necessidade de se produzir e disseminar conteúdo como uma das chaves para a utilização dos meios sociais da rede, condição que configura a “cultura do compartilhamento” (ZANETTI, 2011, p. 61).

Este espaço de convivência propicia uma nova forma de comunicação entre indivíduos, pautada principalmente pela emissão de ideias e pensamentos que, identificados reciprocamente entre os usuários, geram uma teia de relacionamento, a partir da disposição de conceitos comuns entre eles.

A noção de “cultura do compartilhamento”, que diz respeito não apenas ao aparato tecnológico que possibilita a sistematização de práticas de produção, distribuição e intercâmbio de conteúdos digitalizados, mas também à incorporação dessas práticas pelos sujeitos sociais e sua posterior apropriação por parte do mercado. Além disso, não se trata de um fenômeno, mas sim um modo de sociabilidade resultante da convergência entre vários aspectos do campo da cibercultura (ZANETTI, 2011, p. 61).

O compartilhamento popularizado pelas redes sociais digitais, como *Facebook* e *Youtube*, despertou e popularizou a prática da emissão de conteúdo por qualquer pessoa, conhecida ou desconhecida, de forma pública ou anônima, diferentemente dos meios comunicacionais anteriores, que permitiam apenas a recepção e absorção do que era repassado, sem contribuição do utilizador/consumidor em sua concepção.

Nesse sentido, uma das bases da cultura do compartilhamento está na própria ideia de “inteligência coletiva” proposta por Pierre Lévy (2000), um conceito que pressupõe a distribuição não hierarquizada de saberes e conhecimentos por meio da mobilização das mais variadas competências em comunidades virtuais. Nessa perspectiva, o autor considerava que o “ciberespaço tornar-se-ia o espaço móvel das interações entre conhecimentos e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados” (Lévy, 2000, p. 29). Ora, qualquer discurso atual em torno do fenômeno das mídias sociais na Internet se sustenta nessa premissa (ZANETTI, 2010, p. 63).

E o compartilhamento tem influência direta na produção e circulação de saberes, modificando a ontologia dos poderes, inclusive.

Outra posição quanto ao compartilhamento é a transmissão para o ambiente real, no ambiente físico, no mundo real das pessoas do cotidiano. “A informação eletrônica passa a ser acessada e distribuída de todo e qualquer lugar, a partir dos mais diferentes objetos e dispositivos. O

ciberespaço começa, assim, a ‘baixar’ para coisas e lugares, a ‘pingar’ no ‘mundo real’” (LEMOS, 2010, p. 163).

Como exemplo, figuram as manifestações populares brasileiras em 2013, em razão do descontentamento geral com o aumento das tarifas dos ônibus, conceito compartilhado pelas redes sociais que acabou contribuindo para o movimento multimodal.

Segundo Peruzzo (2015, p. 89),

Essas formas de comunicação germinam no contexto dos movimentos populares ou em coletivos envolvidos em dinâmicas de transformação das sociedades [...]. Elas se reelaboram no processo histórico, ou seja, os movimentos sociais e comunidades incorporam as tecnologias de informação e comunicação do seu tempo. Passam do presencial ao virtual, do movimento comunitário de bairros às comunidades virtuais de escolha, do altofalante a *webrádio*, da TV de rua à TV comunitária no sistema cabo, do jornalzinho impresso à plataforma colaborativa na internet. Há um esforço contínuo de incorporar o novo, às vezes lento, mas que aos poucos também aderem à blogosfera e ali se posicionam através de *blogs*, *sites*, redes virtuais, televisões, vídeos, plataformas, etc.

Dessa forma, a partir das ideias de Lévy (1998), quanto mais transmissão de mensagens e maior interação, potencialmente mais cidadãos conscientes surgem, capazes de tensionar as instituições formalmente constituídas e reduzindo a capacidade dos políticos de integrar as demandas pessoais e a pensarem um pouco mais na coletividade, como ocorreram nas manifestações ao redor do mundo, as quais iremos abordar mais adiante.

Ainda há muito a avançar em termos de compartilhamento, solidariedade de ideias e real interatividade no mundo virtual. É importante ressaltar, no entanto, que a comunicação virtual vem a somar e não suplantam ou substituir os produtos comunicacionais alternativos, muito menos as mobilizações do território físico, socialmente vivenciado.

Mas, exemplos e formas de chegar a este objetivo já foram colocados em prática e contribuem sobremaneira para transformar as relações sociais, culturais e políticas de uma sociedade, ainda aprendendo a lidar com esta realidade que se agiganta.

Na sociedade das redes, o ciberativismo e a cultura do compartilhamento, como visto até aqui, são fatores de influência no jogo do poder. Castells (2009, p. 10) define poder como:

A capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de um outro ator social de modo favorável à sua vontade, interesses e valores. O poder é exercido por coerção (ou pela possibilidade de) e/ou por construção de sentidos estruturantes dos discursos através dos quais os atores sociais guiam suas ações. As relações de poder são emoldurados por dominações, nas quais é o poder que está incorporado nas instituições da sociedade. A capacidade relacional do poder está condicionada, mas não determinada, pela capacidade estrutural da dominação. As instituições podem se envolver em relações de poder que dependem do domínio que exercem sobre seus subjugados.

Para Castells (2013), onde há poder estabelecido, sempre haverá o contrapoder, pelo fato do caráter contraditório e conflitivo das sociedades. Castells (2013, p. 10) define contrapoder como “a capacidade de os atores sociais desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses”.

Ou seja, entendendo-se poder como a capacidade de impor a outrem a sua vontade ou de fazer com que alguém haja de modo pelo qual este não planejava, pode-se vislumbrar o contrapoder como a resistência ao poder, ou seja, como uma reação contrária ao regime ou sistema ou força hegemônico e suas pautas, numa dada realidade.

Para Gramsci, citado por Moraes (2010), em sociedades capitalistas desenvolvidas, com estruturas de poder enraizadas e uma complexidade intrínseca, as disputas de poder são marcadas por prolongados embates entre grupos, motivados pelos seus anseios e concepções ideológicas.

Dessa forma, Moraes (2010, p. 52) ressalta que as mudanças culturais irão se concretizar de forma “lenta e gradual”, decorrentes de pressões de forma direta e indireta “na formação de mentalidades e dos sentidos de entendimento da vida social”. “As ‘pequenas ondas reformistas sucessivas’ vão promovendo abalos e fissuras nos consensos sobre os quais se apoia a dominação” (MORAES, 2010, p. 52).

Ainda de acordo com Moraes (2010, p. 101), “o poder exercido pelas classes e instituições hegemônicas não é uma fortaleza inexpugnável e está sujeito a condições e fissuras que podem ser exploradas pelos antagonistas”. Para contrapor, por exemplo, ao poderio dos meios de comunicação de massa tradicionais, é preciso se apropriar de todos os recursos táticos e

veículos alternativos e colaborativos contra-hegemônicos disponíveis, como as redes sociais digitais, mas que também possuem formas de se estabelecer controles.

Moraes (2010) ressalta que, apesar de não suplantarem os meios tradicionais de comunicação, a resistência que pode surgir a partir do uso das tecnologias digitais, notadamente as redes sociais, contribui sobremaneira como pontos de resistência aos discursos hegemônicos de nossa sociedade em rede.

Um dos desafios centrais para o pensamento contra-hegemônico consiste em alargar a visibilidade pública de enfoques ideológicos que contribuem para a reorganização de repertórios, princípios e variáveis de identificação e coesão, com vistas à alteração gradual e permanente das relações sociais de poder (MORAES, 2010, p. 104).

O contrapoder por meio da rede mundial de computadores surge como uma alternativa, cada vez mais acentuada, de produzir comunicação, interatividade e compartilhamento entre os cidadãos. Em alguns momentos, chega a servir de contraponto ou ponderar os tradicionais meios de comunicação de massa, conforme ressalta Peruzzo (2015, p. 88):

Em meio a essa *guerra* midiática, os grandes meios não operam sozinhos apesar do poder de influência e do alcance que têm. Mais do nunca, os meios pessoais (celulares e *smartphones*) e as câmeras de ativistas de mídias alternativas participaram na difusão da informação, colocando em *blogs*, *sites*, redes virtuais, no *Youtube* etc., fotos, vídeos e textos. Cada pessoa com celular conectado à internet pode gravar, interpretar e difundir, até em tempo real, o que se passava em praça pública. Essa contrainformação é fundamental no processo de mobilização e conscientização da população.

Para Castells (2013), o surgimento da “autocomunicação”, por intermédio da rede mundial de computadores e das redes sem fio é principal alteração ocorrida na comunicação nos últimos tempos e que pode dar sustentação, desta forma, ao contrapoder.

As redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são os veículos mais rápidos e mais autônomos, interativos, reprogramáveis e amplificadores de toda a história. As características dos processos de comunicação entre indivíduos engajados em movimentos sociais determinam as características organizacionais do próprio movimento: quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica e mais participativo o movimento. É por isso que os movimentos sociais em rede da era digital representam uma espécie em gênero (CASTELLS, 2013, p. 20).

Assim, as redes sociais digitais geram a possibilidade de se tornar um eficaz canal de comunicação, na medida em que, neste momento, são compartilhados sentimentos, reunidos empatias e desejos semelhantes, ou seja, a consonância cognitiva entre emissores e receptores da mensagem.

A segunda condição para que as experiências individuais se encadeiem e formem um movimento é a existência de um processo de comunicação que propague os eventos e as emoções a eles associadas. Quanto mais rápido e interativo for o processo de comunicação, maior será a probabilidade de formação de um processo de ação coletiva enraizado na indignação, propellido pelo entusiasmo e motivado pela esperança (CASTELLS, 2013, p. 19).

Mostrando-se em um processo contínuo, esta comunicação por meio da *web* ganhou novas formas de expressão e capacidade de democratizar conteúdos, como ocorrem em revoluções pelo mundo, a partir de 2012. O resultado foi o empoderamento das tecnologias que facilitam as conexões e a formação de novas redes, no caso, as virtuais.

De acordo com Sakamoto (2013, p. 95),

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social.

Segundo Castells (2013), para que um movimento social se inicie é necessário transformar a emoção em ação, propriamente dita. Desta forma, os membros entusiasmados e dotados de esperanças renovadas se mobilizam para alcançar um objetivo.

Os *sites* das redes sociais digitais, como o *Facebook*, foram apropriados como espaços de contrapoder pelas manifestações recentes pelo mundo, como na Primavera Árabe, as revoluções na Tunísia, no Egito do norte da África e Oriente Médio, em revoltas na Islândia e os indignados na Espanha, além do *Occupy* nos Estados Unidos, conforme relatado por Castells (2013).

Iremos recuperar o histórico das manifestações ocorridas na Tunísia, por ser considerada a pioneira em relação à utilização das redes sociais digitais e a do Egito, por se tratar de uma revolução que ganhou repercussão nos meios tradicionais de comunicação, antes de detalharmos como seu deu o processo semelhante no Brasil e mais especificamente, na Grande Vitória, no capítulo final de nossa dissertação.

Os referidos protestos ocorridos na Tunísia e Egito compõem o movimento revolucionário ocorrido no Oriente Médio e norte da África que ficou conhecido mundialmente por Primavera Árabe, em alusão a movimento Primavera dos Povos, também de cunho revolucionária, que ocorreu na Europa em 1848.

Em todos estes movimentos mundo afora - que tiveram inúmeros propósitos em termos culturais, sociais e econômicos - ficou a sensação de empoderamento e conseqüente contrapoder que norteou as mobilizações. Neles, as redes sociais digitais tiveram papel relevante, na medida em que contribuíram para unir, na mente de populações, suas experiências de revoltas e de alterações de seus modos de vida em curso.

A atuação dos jovens, grande parte deles conectados com os *sites* das redes sociais digitais, é marcante nos protestos pelo mundo. No entanto, o que se percebe é a ainda dependência da visibilidade pública proporcionada pelos meios de comunicação de massa tradicionais – referenciada por nós no capítulo anterior – para que ocorra inclusão no espaço de formação da opinião pública e possa resultar na continuidade ao processo.

Apesar de “conectados” por essas redes e, portanto, de não se informarem, não se divertirem e não se expressarem (prioritariamente) por meio da velha mídia, os jovens que detonaram as manifestações ainda dependem dela para alcançar visibilidade pública. Esse aparente paradoxo decorre do fato de que a velha mídia, sobretudo a televisão, (ainda) controla e detém o monopólio de “tornar as coisas públicas (LIMA, 2013, p. 89).

O movimento que ocorreu na Tunísia ficou conhecido como revolução de Jasmim. Para Castells (2013), foi de uma cidade de 40 mil habitantes deste país africano chamada Sidi Bouzid, em uma faixa pobre da região central da Tunísia que, de fato, eclodiram os movimentos pelo globo.

Neste local, o vendedor ambulante de 26 anos, Mohamed Bouazzi, ateou fogo no próprio corpo às 11h30, do dia 17 de dezembro de 2010. O protesto foi motivado pelo confisco rotineiro de sua banca de frutas e verduras, após recusas de desembolsar propinas a polícia local. A forma de protesto não chega a ser uma novidade, ocorreu anteriormente, por exemplo, com o monge budista, Thich Quang Duc, em 1963, denunciando uma campanha capitaneada pelo governo vietnamita do sul de perseguição religiosa ou pelas mulheres no Afeganistão que entraram em um processo depressivo ao serem obrigadas a casar.

Mas, neste caso, ocorreu de forma diferenciada. Um componente redundante das tecnologias de informação e comunicação potencializou o ato. O primo do vendedor tunisiense divulgou o vídeo pela internet, reverberando em outros suicídios e impulsionando a coragem dos jovens desempregados com instrução superior do país na luta pela dignidade social, desemprego, corrupção em larga escala e pobreza na Tunísia.

De acordo com o caráter multimodalidade das comunicações *on* e *off-line* verificado pelas manifestações mundiais na Tunísia, os jovens de posse de suas redes sociais da Internet, providos de seus aparelhos celulares, tiveram como aliados as suas próprias redes de amigos *off-line*. “Foi na conexão entre as redes sociais da internet e as redes pessoais que se forjou o protesto. Assim, a precondição para as revoltas foi a existência de uma cultura da internet, constituída de blogueiros, redes sociais e ciberativismo”, segundo Castells (2013, p. 29).

No país como um todo, a parceria se deu com a televisão por satélite Al Jazeera, que não pertence ao poder governamental, que resultou no sucesso de revoltas populares em 2011, com expressão de indignação, principalmente desencadeadas, ampliadas e coordenadas pelos jovens.

Houve uma relação simbólica entre jornalistas, cidadãos utilizando seus celulares para carregar imagens e informações no *Youtube* e a Al Jazeera, usando *feeds* por eles enviados e depois transmitindo-os à população em geral (40% dos tunisianos assistiam à Al Jazeera, já que a televisão oficial fora reduzida a uma primitiva ferramenta de propaganda). Esse elo entre Al Jazeera e internet foi essencial durante as semanas das revoltas, tanto na Tunísia, quanto em todo o mundo árabe. A Al Jazeera chegou a ponto de desenvolver um programa de comunicação para permitir que os celulares fossem diretamente conectados a seu satélite sem necessidade de equipamentos sofisticados (CASTELLS, 2013, p. 29).

Castells (2013) observou na Tunísia a predominante presença da cultura do ciberativismo, que criticou severamente o regime por mais de uma década. De acordo com o cenário do país, ocorria a existência de um grupo ativo de desempregados com educação de nível superior, que liderou a revolta ignorando qualquer outra liderança formal, tradicional e uma taxa relativamente alta de difusão do uso da Internet. Estes fatores levaram a Tunísia a ser considerada um arauto de uma nova forma de movimento social em rede nos países árabes.

Apesar da repressão, as manifestações prosseguiram e o resultado foi a abertura de novo espaço político no país, resultando na queda do ditador Ben Ali em 14 de janeiro de 2011, após 24 anos no poder, além da realização de eleições em 21 de outubro de 2011. Apesar disso, o país ainda enfrenta dificuldades, mas, após as manifestações, foi dotado de uma política democrática em curso.

Com uma sociedade civil consciente e ativa, ainda ocupando o ciberespaço e pronta a retornar ao espaço urbano se e quando necessário. Qualquer que venha a ser o futuro, a esperança de uma sociedade tunisiana humana e democrática será o resultado direto do sacrifício de Mohamed Bouazizi e da luta pela dignidade que ele defendeu para si mesmo, e a qual foi assumida por seus compatriotas (CASTELLS, 2013, p. 32.).

A revolução no Egito também ficou conhecida pela denominação de *Dias de Fúria*, *Revolução de Lótus* ou *Revolução do Nilo*, marcada pela luta contra a ditadura de Hosni Mubarak, deposto no ano de 2013. O contrapoder dos *sites* de redes sociais digitais também foi demonstrado no Egito. Os protestos dos movimentos sociais, com larga participação das redes sociais digitais, se iniciaram em 25 de Janeiro de 2011 e se encerraram em 11 de fevereiro do mesmo ano.

O poder neste país do norte da África era mantido pelo governo Mubarak por meio de forte repressão militar e de uma legitimidade seletiva, já que ignorava a influência islâmica em suas decisões. Os jovens mais uma vez tiveram participação decisiva quando demonstraram pelas redes sociais digitais a esperança de melhorias para um país carente financeiramente, incapaz de se adequar ao processo de globalização econômica mundial.

Estes jovens, e depois a população como um todo, começaram a se agrupar pelas redes sociais na *web* e nas redes urbanas. Esta junção de forças reuniu multidões – representada pela praça Tahir, no centro da capital da Cairo – e fizeram com que o medo da repressão fosse vencido. Este levante foi citado por Castells (2013, p. 71):

A Internet forneceu o espaço seguro em que as rede de indignação e esperança se conectaram. As redes formadas no ciberespaço ampliaram seu alcance para o espaço urbano e a comunidade revolucionária constituída nas praças públicas dessa vez resistiu com sucesso à repressão policial e se conectou por redes multimídias com o povo egípcio e com o mundo.

Embora o governo de Mubarak conseguisse resistir até o momento final como detentor de posse da TV estatal, os outros setores de comunicação, como os canais de TV privados e de empresas da Internet, deram sustentação ao contrapoder, além do papel das atividades na *web*.

Castells (2013, p. 50) esclarece a trajetória:

[...] os ativistas, como dizem alguns, planejaram os protestos no *facebook*, coordenando-os pelo *twitter*, divulgando-os pelo SMS e transmitindo ao mundo pelo *Youtube*. [...] Conectando rede de contrapoder, os manifestantes ficaram suficientemente poderosos para induzir a desconexão entre importantes redes de poder, enfraquecendo o sistema de dominação e transformando a violência num recurso cada vez mais difícil de empregar para manter o país sob controle.

Com a perda de legitimidade das forças militares do presidente, em face dos movimentos de contrahegemonia, houve forte represália durante todo o ano de 2011. A batalha entre o poder constituído e o contrapoder, alicerçado pelas redes, foi prolongado durante todo aquele ano.

Conjugando ciberativismo, compartilhamentos, ações de contrapoder, enfim, um conjunto de elementos até aqui arrolados, configuram-se os movimentos sociais contemporâneos, na contingência da sociedade em rede, que o vive o paradigma da comunicação em rede, conforme estudamos no primeiro capítulo.

Castells (2013, p. 159-166) reúne o que seriam as principais características dos movimentos sociais na atualidade. “São conectados em rede de múltiplas formas”, mixando plataformas comunicacionais, redes sociais e ambientes *on* e *off-line*. Iniciam-se nas redes sociais digitais, mas se completam como movimento ao “ocupar o espaço urbano”. “Os movimentos são simultaneamente locais e globais”. Com uma pauta definida no presente, buscando mudanças, se projetam com relação ao futuro, fixando uma “tempo atemporal”. Tratando-se de sua gênese, “são amplamente espontâneos em sua origem, geralmente desencadeados por uma centelha de indignação” (CASTELLS, 2013, p. 159-166).

Para Castells (2013, p. 159-166), “os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet, tanto quanto à dinâmica de difusão de mensagens e imagens, quanto na erupção atomizada de mobilizações, mundo afora, países afora, estados afora”. Para o mesmo autor, “trata-se de movimentos sem lideranças”, mais em razão da desconfiança generalizada da juventude quanto à delegação de poder do que em função da inexistência de líderes potenciais. Assembleias e comitês deliberativos são os fóruns mais comuns de decisão partilhada.

“As redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, criam companheirismo” (CASTELLS, 2013, p. 159-166). Esperança e coragem, daí surgidos, fazem frente ao medo da repressão do poder instituído. Sempre de acordo com a categorização de Castells (2013, p. 159-166) “são movimentos profundamente autorreflexivos”, quanto às características, marcas, pautas e deliberações das mobilizações. No geral, segundo Castells (2013), são movimentos que portam várias reivindicações cidadãs quanto às condições de vida consideradas insatisfatórias.

De acordo com Castells (2013, p. 159-166) esses movimentos “em princípio, não são violentos”, apesar de a ocupação de espaços urbanos muitas vezes gerar confrontos com a polícia. Por fim, são movimentos “voltados para a mudança dos valores da sociedade”, mas “não são muito políticos num sentido fundamental. Particularmente, quando propõem e praticam a democracia deliberativa direta, baseada na democracia em rede”.

Tendo em mente essas marcas dos movimentos sociais atuais e suas conexões com as potencialidades das redes sociais digitais, no próximo capítulo de nossa dissertação, iremos abordar as manifestações ocorridas no Brasil e na Grande Vitória em junho de 2013, também caudatárias desse movimento mundial iniciado na África.

Como estudo de caso, analisaremos as fanpages “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” e “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)”, conforme figuras abaixo.

Figura 1 - Página de Comunidade Não é por 20 centavos, é por Direitos ES



Fonte: Página “Não é por 20 centavos é por Direitos ES” no Facebook.

Figura 2 - Página de Comunidade Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)



Fonte: Página “Movimento contra o Aumento ES” no *Facebook*.

CAPÍTULO 3 – A REDE E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

Figura 3 – Jovens citam *Facebook*



Fonte: Terra⁶.

“Saímos do *Facebook*!!! Quem falou que era impossível?” O cartaz estampado durante as mobilizações do ciberativismo no Brasil em junho de 2013 traz um pouco do sentido levado pelas multidões às ruas, primeiramente na capitais brasileiras e, posteriormente, também nas cidades do interior. Essencialmente, o movimento exigia, em meio a uma pauta bastante difusa e variada, mais investimentos em saúde e educação, mais eficiência nos serviços públicos e menos corrupção.

Em nosso capítulo final, iremos por meio de uma genealogia dos movimentos, resgatar o histórico das mobilizações ocorridas no Brasil no ápice dos movimentos ocorridos em junho de 2013, alavancadas pelas redes sociais digitais, notadamente o *Facebook*, bem como as demais mobilizações que antecederam este processo – o nosso foco de estudo.

As mobilizações, segundo dados do Datafolha de 29 de junho de 2013⁷, tiveram amplo apoio popular. Mesmo aqueles que não participaram diretamente dos protestos em redes *on-line*

⁶ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/es-manifestacao-terminaem-confusao-provocada-porpolicias,2c5f483ea755f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 29 nov. 2015.

⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1303551-oito-em-cada-10-brasileiros-apoiam-manifestacoes.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2015

foram para as ruas. Pesquisa CNI-Ibope divulgada em fins de julho de 2013⁸ mostrou que apenas 9% dos entrevistados participaram das manifestações, mas 89% eram a favor delas e apoiavam o movimento contra o aumento das passagens e por melhores condições de serviços públicos. “As pessoas não se interessam pelo dia a dia da política partidária, mas quando o problema as atinge diretamente isso muda de figura” (TOGNOZI, 2014, p. 75).

3.1- A MANIFESTAÇÃO NACIONAL

O mês de junho de 2013 foi historicamente marcado pelo ápice das manifestações populares pelo país, capitaneadas pelos atos convocados principalmente por intermédio de eventos no *site* de rede social digital *Facebook*. As primeiras manifestações que reverberam em todo o Brasil foram iniciadas na capital paulista, quando manifestantes protestaram contra o aumento das tarifas de transporte coletivo. Posteriormente, as mobilizações se propagaram pelas capitais e pelo do interior do país, em um efeito viral jamais visto.

Figura 4 - A rede social sai do meio digital para o meio físico



Fonte: GGN O Jornal de Todos os Brasis

A primeira manifestação de envergadura nacional em junho de 2013, pelo menos com repercussão contínua nas mídias tradicionais, de acordo com Gohn (2014), se deu em São

⁸ Cf. Disponível em: < <http://pt.slideshare.net/NucleoMultimediaEstado/pesquisa-cni-ibope-julho-13>>. Acesso em: 29 nov. 2015

Paulo (SP) no dia 6, quando foi propagada a indignação contra o aumento do preço dos transportes públicos e a reivindicação de tarifa zero, na capital paulista. Depois desta data, ocorrem manifestações na capital nos dias 7 e 12 de junho e no dia 13 ocorreu o quarto ato na cidade, com a mesma pauta de reivindicações. No dia 17 de junho aconteceu o quinto ato.

Todas as mobilizações foram organizadas por movimentos de juventude, notadamente o Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL), que reivindicava gratuidade no transporte coletivo e tinha como slogan: “Não são os centavos, são nossos direitos”. De acordo com o seu *site* (<http://www.mpl.org.br/>)⁹, trata-se de um “um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”.

Detalharemos aqui algumas das principais mobilizações em nível nacional referentes às manifestações em protesto pelo aumento da passagem, de acordo com o Movimento Passe Livre (2013, pg.18)¹⁰:

2003 – Revolta do Buzu em Salvador (agosto-setembro).

2004 – Revolta da Catraca barra o aumento em Florianópolis (junho) e aprova lei do passe livre estudantil (26 de outubro); surge o Comitê do Passe Livre em São Paulo.

2005 – Plenária de fundação do MPL -Brasil no V Fórum Social Mundial em Porto Alegre (janeiro); luta contra o aumento em São Paulo (fevereiro); II Revolta da Catraca barra o aumento em Florianópolis (junho); mobilizações revogam o aumento em Vitória (julho).

2006 – Encontro Nacional do Movimento Passe Livre (junho); luta contra o aumento m São Paulo (novembro-dezembro).

2008 – Grande luta contra o aumento no Distrito Federal (outubro).

2009 – Aprovação do passe livre estudantil no Distrito Federal (julho); ocupação da Secretaria de Transportes em São Paulo (novembro).

⁹ Disponível em: < <http://www.mpl.org.br/>>. Acesso em: 22 dez. 2015

¹⁰ Cf. Movimento Passe Livre. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: Cidades Rebeldes. São Paulo, 2013.“

2010 – Luta contra o aumento em São Paulo (janeiro)

2011 – Luta contra o aumento em São Paulo e em várias capitais (janeiro-março); mobilizações revogam aumento em Teresina (agosto).

Precedendo os protestos realizados em junho de 2013, surgidos em São Paulo, podemos citar outras manifestações que tiveram a ampla participação das redes sociais digitais, demonstrando o ativismo pela rede, como a aprovação da Lei de Ficha Limpa, em 2009-2010, as Marchas contra a Corrupção, em 2011 e 2012, e até em manifestações regionais como o “Desocupa Salvador” e “Niterói contra o Prefeito”. Estas últimas, contrárias ao prefeito desses municípios, foram organizadas também via *Facebook* e mobilizaram milhares de ativistas digitais.

Prado apud Pimentel e Silveira (2013, *on-line*) dá a dimensão das potencialidades trazidas pelo *site* de rede social *Facebook*:

Neste espaço híbrido entre redes e ruas, foram os agenciamentos em torno das redes sociais que ganharam papel de destaque. Todos os grandes atos nas ruas derivaram de “eventos” agendados a partir do *Facebook*. Foi a partir deles que os eventos se difundiram pelas redes e, na proporção direta em que aumentava a indignação social, as manifestações ganhavam adesão massiva, potencializando o efeito viral do engajamento social.

Os atos divulgados, articulados e convocados com a participação de eventos no *Facebook* e demais *sites* de redes sociais impulsionaram as pessoas a saírem às ruas no Brasil para reivindicar seus direitos e ganharam proporções inesperadas, como iremos enfocar no prosseguimento de nosso estudo.

O gesto de legitimação e a adesão pela *web* foram espontâneos, independentemente do chamamento de organizações tradicionalmente estabelecidas, seja da sociedade civil, seja do sistema político, seja do Governo. Na oportunidade, a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em rede nacional, declarou que tinha obrigação de escutar a voz das ruas.

As mobilizações ocorreram em 12 capitais brasileiras, além de várias outras cidades de porte médio, com a população protestando contra o aumento da tarifa e pedindo melhorias da qualidade de vida urbana, de uma forma geral. Dentre as 12 capitais, além de São Paulo,

estavam Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília e Vitória, registrando revoltas mais intensas. No auge dos protestos, durante o mês de junho, 353 cidades se envolveram.

De acordo com Kahn, apud Figueiredo (2014, p. 124-125), este é o perfil das novas mobilizações:

- Maioria de manifestantes de classe média alta, mais escolarizados (os “pacíficos”). Diferente do público com que os policiais costumam lidar.
- Minoria de exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”). Inclui-se aí a eventual presença de grupos criminosos organizados e de grupos anarquistas.
- Escala das manifestações: não estamos falando de dezenas de torcedores, mas de centenas de milhares de manifestantes.
- Mobilização feita pelas redes e novas formas de comunicação: maior rapidez na convocação e disseminação dos fatos; rápida disseminação de imagens e palavras de ordem.
- Cobertura em tempo real pelos grandes canais de TV e ampla cobertura pelos meios de comunicação. População fotografando e transmitindo imagens ao vivo das ações.
- Demandas múltiplas, das mais objetivas e concretas, às mais abstratas e morais.
- Ausência de lideranças ou múltiplas lideranças, o que dificultou a negociação.
- Ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento. Sem carros de som, sem megafones etc.
- Rejeição a partidos, sindicatos e entidades representativas em geral.

No transcorrer do mês de junho de 2013, dois milhões de brasileiros ocuparam as ruas em 483 municípios. No dia 20 de junho, 1 milhão de pessoas espalhadas por todo o país se mobilizaram impulsionadas pelo lema “Vem pra Rua”. Concentrações de pessoas desta envergadura no país somente foram realizadas nos anos de 1992, em virtude do processo de impeachment do presidente Fernando Collor de Melo; em 1984, durante o movimento Diretas Já, que pedia o retorno da democracia; e na década de 1960, em greves e paralisações pré-golpe militar de 1964.

Nessa multidão, destaque para a classe média propriamente dita, onde estavam inclusas pessoas de diferentes faixas etárias, notadamente os jovens, atuando, mobilizando e convocando por meio dos *sites* de redes sociais digitais (Gohn, 2013, pg. 17).

A forma de comunicação entre os jovens manifestantes também se alterou e saber se comunicar *on-line* ganhou *status* de ferramenta principal para articular as ações coletivas. A comunicação não acontece só via os computadores e a internet. Os celulares e as diferentes formas de mídia móvel passaram a ser meios de comunicação básicos, o registro instantâneo de ações transformou-se em arma de luta, ações que geram outras ações como resposta. *Twitter, Facebook, Youtube, LinkedIn, Zynga* etc. acionados

principalmente via aparelhos móveis, como *blackberry*, *iphone* etc. são ferramentas do ciberativismo que se incorporam ao perfil do ativista

Os jovens, conectados por meio de seus dispositivos digitais móveis, foram preponderantes neste processo, conforme explica Gohn (2014, p. 12), enumerando as características das mobilizações realizadas no Brasil:

As manifestações de junho de 2013 no Brasil fazem parte de uma nova forma de movimento social composta predominantemente por jovens, escolarizados, predominância de classe média, conectados por e em rede digitais, organizados horizontalmente, críticos das formas tradicionais de política, tais como se apresentam na atualidade – especialmente os partidos e os sindicatos.

Em São Paulo, por exemplo, segundo pesquisa do Datafolha, citada do Gohn (2014), em junho, o perfil dos participantes era de jovens com menos de 25 anos (53%) e providos de diploma universitário (77%). O Datafolha também registrou em pesquisa realizada em junho 2011 que 71% dos jovens escolheram como o melhor meio de comunicação para a ação política justamente a Internet.

Portanto, estamos no curso de um processo no qual as redes e as mídias sociais vêm se firmando como o ambiente mais propício para fazer política. Com base nos movimentos organizados em razão do ativismo digital nos últimos dez anos, é possível perceber que as redes sociais se tornaram os principais canais de corpo a corpo, *one-to-one*, porque significaram uma grande mudança na forma de a sociedade fazer comunicação (TOGNOZI, apud FIGUEIREDO, 2014, p. 75).

Ou seja, das redes sociais *on-line* os jovens foram ocupar as redes de ruas e logradouros da cidade de concreto, constituindo uma inaudita conexão entre os mundos virtual e presencial.

Os jovens, tão importantes no processo de deflagração das mobilizações e acostumados com a utilização do espaço virtual, por vezes para debates e deliberações, descobriram a rua, conclamando a todos o movimento com a canção Vem pra Rua, o “hino” originado da campanha publicitária da montadora Fiat, visando à Copa das Confederações FIFA de 2013.

Gerações de jovens brasileiros não se aglutinavam dessa forma desde os anos 1990, quando do movimento “Fora Collor”. De acordo com Sorj (2014, pag. 91), “os jovens de hoje descobriram o *happening* político, o sentimento prazeroso de ser parte de uma ação coletiva

que produz o sentimento de influenciar uma vida real, o que decerto o mundo virtual não oferece”.

Em agosto de 2013, o país alcança o número de 100 milhões de pessoas conectadas, por meio de telefonia móvel, redes de fibras ópticas ou pelo antigo *modem* discado, de acordo com o Ibope¹¹. Deste montante, 68% tinham uma conta no *site* de rede social *Facebook* e 75 milhões usam as redes sociais digitais, em duas ou três vezes, simultaneamente, segundo pesquisa realizada pela Serasa Experian¹².

Os números demonstram a penetração da Internet, notadamente os *sites* de redes sociais digitais no cotidiano dos cidadãos brasileiros e, por consequência, o poder de disseminar informações, ideias, pontos de vistas díspares e reivindicações de qualquer natureza.

Segundo Tognozi (2014, p. 73), “ninguém conquistará o voto de um eleitor que tinha 14 anos em 2012 com santinho de papel ou por meio de propaganda eleitoral de TV”.

O mais incrível nisso tudo é que a maioria dos políticos brasileiros foi incapaz de enxergar o que acontecia, pelo simples motivo de não acreditar que algo chamado *Facebook* pudesse balançar o país da noite para o dia. A grande maioria enxerga as redes sociais como algo lúdico, um *game*, coisa de adolescente. É como se ainda não tivesse caído a ficha de que todo novo eleitor é um eleitor ponto-com. Quem ainda não tem computador, *tablet* ou *smartphone* está querendo ter. Isso será resolvido em pouco tempo com a queda cada vez maior nos preços e/ou aumento exponencial do número de pessoas conectadas. O governante que não souber o que eles estão dizendo, compartilhando e curtindo corre o risco de perder o poder. O viés apartidário dos protestos, a rejeição aos políticos, o surgimento dos *black blocs* – tudo isso vem das redes, do compartilhamento, do engajamento, sendo por eles alimentado. Tenho visto inúmeras teorias sobre os protestos de junho, muitas tentando explicar o que para muitos parece inexplicável. Mas o fato é que a grande força das redes sociais no Brasil dos protestos está no fato de ter colocado em marcha uma reforma política que não passa pelo Congresso nem pela ação dos representantes, mas pela vontade do cidadão que deseja transparência na política e na gestão pública. Deseja – em suma – que o país funcione de fato. É como se os eleitores estivessem dizendo: “Vocês não nos representam e não precisamos de vocês para mudar o Brasil”. Querem o político 2.0, que interage, ouve, responde, compartilha e age com transparência prestando conta dos seus atos, dos seus gastos. Vão elegê-lo e

¹¹ Cf.: Disponível em <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-passa-de-100-milhoes.aspx>> Acesso em 22 dez. 2015

¹² Cf.: Disponível em <http://noticias.serasaexperian.com.br/facebook-e-youtube-lideram-ranking-das-top-10-redes-sociais-mais-acessadas-em-julho-no-brasil-de-acordo-com-dados-da-hitwise-11/> Acesso em 22 dez. 2015

usar as redes sociais para interagir com ele (TOGNOZI, apud FIGUEIREDO, 2014, p. 84).

3.1.1 – Comunicações e ativismo

Durante as manifestações do outono brasileiro, foi possível identificar três formas de comunicação: a pessoal, executada pelos *sites* de redes sociais, *e-mails*, encontros presenciais etc.; a hegemônica, realizada pelos meios de comunicação de massa tradicionais; e a comunicação radical, feita por meio de grupos de contra-hegemonia.

Em nossas entrevistas com os participantes dos movimentos em estudo, no caso, os capixabas, verificamos o processo de uso e intercâmbios desses três modelos. De toda sorte, como o nosso foco de trabalho é a utilização das redes sociais digitais como espaço de comunicação reivindicatória, seguiremos analisando especificamente essa questão em nível nacional, o que também será priorizado em nosso estudo de caso.

As redes sociais digitais foram utilizadas como mídia colaborativa, participativa e potencialmente um espaço de discussão acerca do paradigma socioeconômico e político-cultural da atualidade brasileira, levando a posicionamentos críticos da realidade em nosso país, por meio das mobilizações *on* e *off-line*. Enfim, uma alternativa complementar para mobilização social, funcionando como território de contrapoder a instituições estabelecidas.

No campo comunicacional, as redes sociais digitais são um fenômeno potente e agudo na vida contemporânea, atravessando e mobilizando as mais diversas esferas da existência individual e coletiva. Para Tognozzi (2014, p. 78), “protestos organizados em rede começaram antes que as redes sociais surgissem, mas com elas ganharam força e personalidade própria, algo difícil de controlar, que vem transformando o mundo”.

As redes sociais são determinantes para articulação de uma mobilização social na atual sociedade midiaticizada, como ocorreu no Brasil, haja vista que são um dos fundamentos estruturantes desta. No viés político, as redes sociais digitais vêm se colocando, nesta segunda década do século XXI, no centro das articulações de contrapoder mundo afora, incluindo o Brasil e o Estado do Espírito Santo.

As redes se colocam como espaços propulsores de mobilização e politização, somando-se a assembleias, passeatas e atos públicos, conforme constata Moraes (2010). Perruzzo (2013, p. 79) reforça o contrapoder exercido pelas redes sociais digitais durante o movimento:

Uso da Internet, das mídias e redes sociais virtuais e de celulares se constitui num diferencial importantíssimo do novo grande movimento social que mexeu com o país e com as visões sobre ele. As mídias e redes sociais virtuais (*YouTube, Flickr, Facebook, Instagram, Twitter* etc.) se constituem em canais de informação, em ambientes comunicacionais, em pontos de encontro, enfim, em redes e, às vezes, até em comunidades, que facilitaram os relacionamentos (entre os que estão conectados), a articulação entre as pessoas e as ações conjugadas (acertos de dia, local e hora para encontros presenciais). Claro que servem ainda de arena de debate, de difusão, acesso e troca de informação. Tudo isso, no que se refere ao ambiente interno no ciberespaço e no que diz respeito ao processo de mobilização que acaba por desembocar nas ruas das principais cidades do País.

Para Perruzzo (2013, p.82), “uma outra comunicação se faz presente”. E foi na constituição de uma forma inovadora de interação que os manifestantes usaram meios próprios para se comunicar, seja por meio de aparelhos celulares mais modestos ou por intermédio de *smartphones* mais sofisticados. Assim como ocorreu em revoluções pelo mundo, as redes virtuais e o audiovisual alternativo proveram a sociedade com interações e informações *full time* do que ocorria nas ruas, sob o ponto de vista de fontes diversificadas.

Cidadãos comuns e grupos ativistas, através de aparelhos celulares conectados à Rede Mundial de Computadores, transmitiram mensagens, fotos e vídeos pelas ruas, em meio às multidões, utilizando os *sites* de redes sociais digitais como o *Twitter* e o *Facebook*.

Sem dúvida, a novidade durante as manifestações de junho de 2013 em relação aos demais movimentos históricos no Brasil foi a Internet e a apropriação das redes sociais digitais, conforme dito por Figueiredo (2014, p. 62):

As novas mídias, as redes sociais, mensagens rápidas e concisas por celular, as múltiplas e inovadoras forma de comunicação ao vivo, conectadas 24 horas por dia, provocam mudanças inesperadas..Tudo indica que este processo vai continuar existindo com cada vez mais intensidade, impactando as decisões políticas e econômicas.

Durante os protestos, 62% dos manifestantes obtiveram informações sobre as mobilizações pelo *Facebook*. Enquanto outros 29% obtiveram o informe também via *on-line* (internet e outros). E, ainda, 77% dos entrevistados pelo IBOPE (pesquisa manifestantes 20/06/2013) convocaram outros manifestantes por intermédio das redes sociais digitais¹³.

A difusão e articulação de informações no outono de 2013 foram postadas em *blogs*, *websites* e redes virtuais. Para Perruzzo (2013, p.89), “cada pessoa com celular conectado à internet pôde gravar, interpretar e difundir, até em tempo real, o que se passava em praça pública. Essa contrainformação é fundamental no processo de mobilização e conscientização da população”.

Anna Carolina Rapp e Camilo Rocha informam que, de acordo com um monitoramento feito pela empresa Scup, “publicações sobre os protestos impactaram mais de 136 milhões de pessoas nas redes sociais”. Entre 13 e 21 de junho de 2013, foram mais de 2 milhões de menções em Facebook, Twitter, YouTube e Google” (Rapp; Rocha, 2013: A19). O monitoramento, segundo a reportagem, foi feito usando as palavras-chave (hashtags) #passelivre, #vemprarua e #ogiganteacordou. Porém são dados implicados também em reprodução de discursos da mídia e de amigos além de passíveis a replicações de efeito viral nem sempre confiáveis (PERUZZO, 2013, p. 89)

Assim, os meios de comunicação tradicionais, apesar da ainda preponderante influência e poder de mobilização, têm cada vez mais dividido ou ponderado seu poder de mobilização com os meios pessoais, como os aparelhos celulares e *smartphones* e as câmeras de ativistas de mídias alternativas.

Estes novos meios de comunicação de massa surgem em um momento em que as organizações estabelecidas, como sindicatos, associações, grêmios estudantis e partidos políticos – que levavam milhões às ruas para protestar, antes do advento até mesmo do aparelho de telefone celular – não conseguem exprimir o sentimento de indignação da população como um todo.

Apesar da novidade proporcionada pelas redes sociais digitais, eliminando um eixo centralizador – como já preconiza o filósofo Pierre Lévy, no final dos anos 1990 –, é importante ressaltar que é, na realidade, todo o contexto institucional em que está inserida a sociedade o verdadeiro propulsor das mobilizações, em detrimento a tecnologia. No caso

¹³ Cf.: Disponível em <http://www.agppesquisas.com.br/noticias-e-artigos/veja-pesquisa-completa-do-ibope-sobre-os-manifestantes/> Acesso em 22 dez. 2015

brasileiro, tinha-se um sentimento de indignação pela falta de representatividade dos líderes políticos e com as condições precárias dos serviços básicos oferecidos à população.

Antecedendo os protestos de junho de 2013, outros movimentos foram orquestrados pelos *sites* de rede sociais em busca de reforma política, como em 2009-2010, no movimento pela aprovação da Lei da Ficha Limpa, e nas Marchas Contra a Corrupção 2011-2012.

A primeira iniciativa relevante se deu nas mobilizações favoráveis à Lei da Ficha Limpa. De acordo com a legislação brasileira, emendada à Lei das Condições de Inelegibilidade ou Lei Complementar nº. 64 de 1990, se buscava aumentar a idoneidade dos candidatos, tornando inelegível por oito anos um candidato que tiver o mandato cassado, renunciar para evitar a cassação ou for condenado por decisão de órgão colegiado (com mais de um juiz), mesmo que ainda exista a possibilidade de recursos.

No dia 5 de maio de 2010, o projeto foi aprovado pela Câmara dos Deputados. No dia 19 de maio de 2010, por votação unânime, também foi aprovado no Senado Federal. Por fim, foi sancionado pelo presidente da República e se transformou na Lei Complementar nº 135, de 4 de junho de 2010.

A aprovação da Lei da Ficha Limpa foi precedida da mobilização popular "Combatendo a corrupção eleitoral", em fevereiro de ..., que teve apoio das redes sociais digitais Twitter, Orkut e o Facebook e notadamente de uma rede de ativista para mobilização global, por meio da Rede Mundial de Computadores, denominado Fundação Avaaz. Por meio do site www.avaaz.org foram realizadas mobilizações em busca das assinaturas.

Figura 5 – Incentivo para assinaturas no *site* Avaaz



Fonte: Amor e Paz sem fronteiras (site)

As articulações pelas redes sociais também ocorreram em manifestações regionais capitaneadas por utilizadores do *Facebook*, como em 2012 com o “Desocupa Salvador”, protestando contra o prefeito da capital baiana, João Henrique, e “Niterói não tem prefeito”, em oposição ao prefeito Jorge Roberto Silveira.

De acordo com Figueiredo (2014, p. 89), “os motivos que levam as pessoas às ruas para exprimir insatisfações e anseios de mudanças devem ser procurados nos contextos sociais e institucionais, não nas tecnologias”. Aqui ponderamos de forma evidente a premissa dos deterministas tecnológicos, citados no capítulo 2, afirmando que é a tecnologia que impulsiona e incrementa a estrutura e os valores culturais de uma sociedade.

É importante reconhecer a importância e participação também das redes de movimentos sociais presenciais durante as mobilizações e reivindicações ocorridas em junho de 2013. De acordo com Perruzzo (2013, p. 87) “o que enfatizamos é que o movimento não começou na internet, no caso brasileiro, embora esta tenha sido fundamental para o debate e na mobilização que permitiu ações conjugadas que culminaram na presença de milhares de pessoas nas ruas em várias cidades”.

3.1.2 Ativismo digital

Os grupos internacionais de ativismo digital, principalmente o grupo *Anonymous*, também se fizeram presente durante as manifestações brasileiras, realizando a comunicação radical. Referência mundial nesse campo, o grupo estadunidense, criado já neste século XXI, é formado por centenas de coletivos que utilizam as redes e as tecnologias digitais para mobilizações, como o que ocorreu na Primeira Árabe, que referenciamos em capítulo anterior.

Em 2008, o *Anonymous* ganhou notoriedade internacional ao declarar guerra à seita religiosa da Cientologia, quando convocou 9 mil pessoas para protestar. O grupo é reconhecido por uma máscara inspirada em um soldado católico Guy Fawkes que, em 5 de novembro de 1605, no levante “Conspiração da Pólvora”, tentou explodir o Parlamento inglês.

Os *anonymous*, apesar de parecerem quase como imperceptíveis perante a população de um modo geral, foram decisivos durante os protestos de junho no Brasil, conforme atesta a pesquisa realizada pela InterAgentes¹⁴, por meio da rede social digital *Facebook*. Após a interpretação de dados colhidos pelo *software* Gephi, verificou-se o resultado do dinamismo de sua comunicação durante os dias 13, 17, 18 e 20 de junho de 2013.

O *software* demonstrou que os “nós” dominantes, aqueles que receberam o maior número de comentários, compartilhamento ou informações, foram dos *Anonymous*. Do ranking dos 20 mais listados, 12 deles eram do grupo de ativismo digital.

De acordo com o coordenador da pesquisa, Sérgio Amadeu, em entrevista publicada no jornal Folha de São Paulo¹⁵, “os *Anonymous* tiveram relevância na disseminação das informações e na articulação da solidariedade ao que era o movimento inicial pela redução das tarifas e contra a Copa”.

No dia 20 de junho de 2013, o vídeo *Anonymous* Brasil – As 5 causas –, assinado pelo

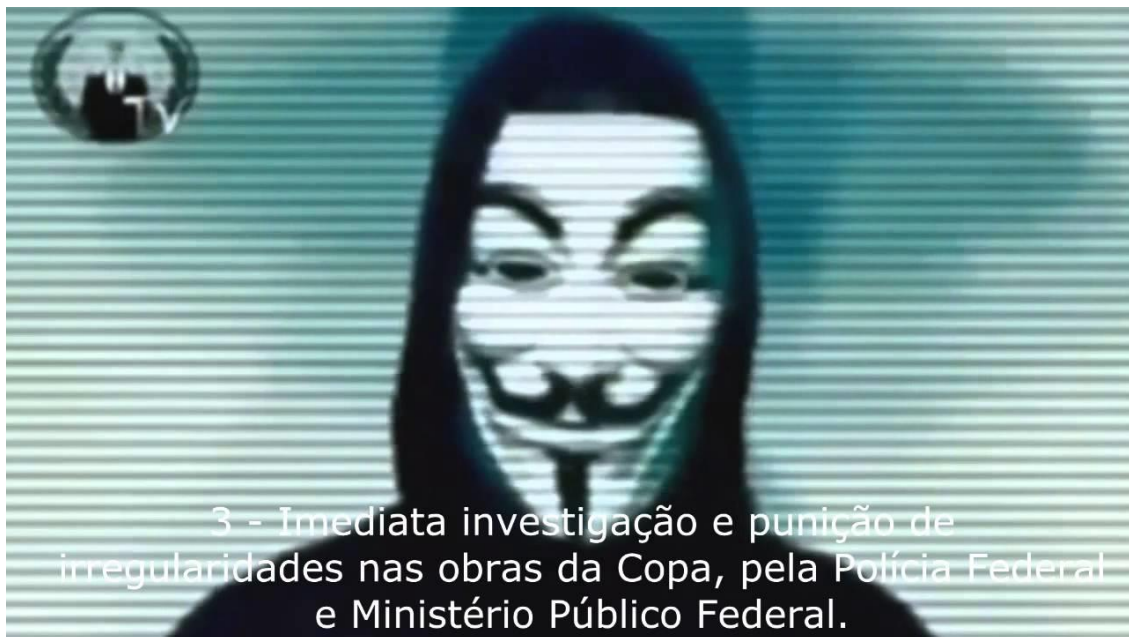
¹⁴ Cf. <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1310892-anonymous-lidera-ativismo-digital-nos-protestos-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

¹⁵ Cf. FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1310892-anonymous-lidera-ativismo-digital-nos-protestos-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

movimento *Anonymous* Brasil, alcançou a marca de 1 milhão e 194 mil acessos na rede social *YouTube*. Nas imagens, com uma locução realizada por intermédio de voz distorcida, apresentaram-se as cinco principais razões para que as manifestações prosseguissem no Brasil:

- 1 - Não à PEC- 37, que pretende limiar a ação do Ministério Público nas investigações policiais.
- 2 - Saída de Renan Calheiros da presidência do Congresso Nacional.
- 3 - Investigação e punição imediatas nas obras da Copa das Confederações e de 2014, pela Polícia Federal e Ministério Público Federal.
- 4 - Uma lei que torne hediondo o crime de corrupção.
- 5 - Fim do foro privilegiado para políticos.

Figura 6 - *Anonymus* incentivam a continuidade das manifestações



Fonte: *Anonymus* Brasil – 5 causas - YouTube

O movimento midialivrisimo (mídias livres) também foi representado durante os protestos de junho de 2013 pela “Narrativas Independentes Jornalismo e Ação”, a Mídia Ninja, que cobriu no modo *streaming* e obteve picos de até 25 mil pessoas *on-line*. A Mídia Ninja é o setor

relacionado à comunicação do coletivo de produtores culturais nomeado “Fora do Eixo”. São produtores culturais que realizam festivais e promovem música independente do mercado tradicional.

A Mídia Ninja é um veículo que, ao gravar e transmitir imagens e sons ao vivo das mobilizações, ganhou destaque devido a sua atuação durante as mobilizações, tendo-se tornado um canal de informação reconhecido, transmitindo a informação diretamente do cenário dos acontecimentos. Em muitos momentos, a Mídia Ninja contribuiu para pautar a mídia tradicional, principalmente quando veiculava imagens de enfretamento de manifestantes e das ações de brutalidade capitaneadas pela polícia.

As transmissões dos acontecimentos ocorriam "sem corte e sem censura", ao vivo, transportados por meio de carrinhos de mão, direto das ruas, sem um roteiro ou pautas definidas, no improviso, por meio de aparelhos celulares e dispositivos 4G. A prática de transmissão de atos públicos por veículos alternativos não chega a ser considerada uma novidade, mas surpreendeu como uma alternativa à imprensa tradicional, chegando a alcançar cerca de 100 mil espectadores.

Para Peruzzo (2013, p. 90),

[...] muitas vezes confrontando a versão da mídia convencional ou revelando fatos que ela não cobriu. Chegou até a servir de fonte para esta, quando enfrentou dificuldades em penetrar nas manifestações (passaram a não ser bem aceitas no decorrer do processo) quanto pela falta de capacidade de alterar os padrões tradicionais das coberturas jornalísticas. Por exemplo, no dia 18 de junho, só a Mídia Ninja cobriu o confronto entre manifestantes e a Tropa de Choque da PM na Rua Augusta, em São Paulo, com imagens feitas de um *smartphone* e postadas no canal *on-line* PosTV. A “exclusividade se refletiu nos acessos, que chegaram a 180 mil” (Rapp; Rocha, 2013: A19)

Figura 7 - Cobertura do Mídia Ninja no Rio de Janeiro



Fonte: You pixel, pessoas+pixels.

A entrevista do programa Roda Viva da TV Cultura, em 5 de outubro de 2013, com os idealizadores do Mídia Ninja, Bruno Torturra e Pablo Capilé, teve repercussão nacional, com as alegações viralizadas de que tivesse ocorrido um linchamento moral do coletivo e de suas lideranças.

Frente jornalistas bastante contundentes, os idealizadores se defenderam, tentando mostrar a realização de um jornalismo independente, pós-industrial, livre dos condicionamentos das empresas, tendo em vista a lógica das características da web, como imediatismo, agilidade e liberdade.

De acordo com Bentes (Internet e a Rua, p.15),

[...] a Mídia Ninja fez emergir e deu visibilidade ao ‘pós-telespectador’ de uma ‘pós-TV’ nas redes, com manifestantes virtuais que participam ativamente dos protestos/ emissões discutindo, criticando, estimulando, observando e intervindo ativamente nas transmissões em tempo real e se tornando uma referência por potencializar a emergência de “ninjas” e midialivristas em todo o Brasil.

As empresas de *broadcasting* – ligadas à comunicação de massas, com emissores visando a públicos em número ampliado –, em um primeiro momento, não realizaram a cobertura jornalística intensiva das manifestações. O jornalista da Rede Globo Arnaldo Jabor, por exemplo, que havia rotulado os participantes das manifestações de baderneiros no início dos movimentos, voltou ao ar posteriormente para se desculpar pela precipitação.

A divulgação dos movimentos somente ocorreu de forma sistêmica, posteriormente, impulsionada pelos comentários e interações promovidos pelas redes sociais digitais. Segundo Perruzo (2013, p. 82),

Estas se tornaram, inclusive, fontes para a grande mídia que se viu atônita e perdida, sem saber bem o que fazer, pois os acontecimentos fugiam ao seu tradicional esquema de pautas e coberturas. Estes favoreceram o exercício da liberdade de expressão, sem gatekeepers, e numa proporção imensurável devido ao efeito de replicação das redes virtuais.

Assim, as redes sociais digitais, após ganharem ramificações em relação à interatividade entre a população, começaram a pautar alguns dos assuntos veiculados pelos meios de comunicação de massa do país. Este fator também difere de movimentos anteriores em que as mídias online não tiveram esta legitimidade.

As convocações para os atos foram feitas vias redes sociais, e a grande mídia contribuiu para o crescimento repentino das mobilizações e manifestações em junho com a adesão da população, ao noticiar a agenda, os locais e a hora das manifestações, especialmente a TV e as redes online (GOHN, 2014, p. 13).

Para a autora, as mídias tradicionais acabaram contribuindo para a mobilização popular, tanto pela revolta com o tipo de cobertura feita quanto com a divulgação e repercussão dos fatos.

Minha hipótese é que a mídia escrita, TV, som/rádio e internet foi muito mais veículo de transmissão de acontecimentos. Foi parte agente de construção de eventos, quer seja noticiando as manifestações com destaque, manchetes diárias, divulgando as convocações, etc.; quer seja transmitindo os atos em tempo real (papel desempenhado num primeiro momento pela mídia alternativa, a exemplo da Mídia Ninja); quer como parte das manifestações, compondo um bloco formado de fotógrafos, repórteres e jornalistas, que se destacava dos outros dois blocos: os manifestantes e a polícia (GOHN, 2014, p. 72).

Tognozzi, (2014), nomeia como ativadores os líderes horizontais surgidos pelos fenômenos de mobilização digital, como ocorreram nas mobilizações pelo Brasil. Lideranças apolíticas,

produzindo conteúdo – como vídeos, imagens, textos, tendo como base o entretenimento – por meio do *site* das redes sociais digitais.

Um desses nomes é Felipe Neto, 25 anos, que no vídeo de protesto postado no de 28 de junho de 2013, com o título *Muda Brasil – Faz Sentido*, veiculado pela rede social *Youtube*, teve efeito viral e obteve 4,5 milhões de visualizações e quase 50 mil comentários. No dia 21 de junho, Romário de Souza Faria, deputado estadual carioca e ex-craque da Seleção Brasileira, apoiou os protestos com um vídeo no *Youtube* com 2 milhões de *pageviews* em menos de 1 mês.

Por meio destes ativadores, foi incentivado o engajamento, estimulando o senso de patriotismo e a descrença com o transporte coletivo, a ira em relação à corrupção e a indignação perante o precário funcionamento dos serviços públicos, agravado por um ano que o Brasil sediaria o final da Copa do Mundo, no chamado “Padrão Fifa”, de alta qualidade de organização e de gastos.

Tognozzi, (2014) ressalta a não-representatividade dos políticos, perante a população em geral, notadamente no que tange à utilização dos *sites* de redes sociais digitais, em especial o *Facebook*, objeto de nosso estudo.

Os protestos de junho de 2013 deixaram os políticos e seus partidos fora da festa, porque ficou evidente sua total desconexão com as ruas – sejam elas ruas reais ou virtuais. A grande maioria dos políticos não entende, não gosta e não quer saber das redes sociais, mídias sociais, ferramentas digitais ou até mesmo de um simples e-mail. São seres 1.0, como define Marcelo Minutti, consultor e professor de redes sociais e comportamento digital. Ficou claro que a classe política brasileira, ao negar a importância dos meios digitais, perdeu a sensibilidade para entender que algo havia mudado. Em junho de 2013, os políticos envelheceram cem anos da noite para o dia porque foram pegos de surpresa e não souberam lidar com o novo (TOGNOZZI, apud FIGUEIREDO, 2014, p. 82).

Perry Anderson, citado por Gohn (2014,) elegeu as três mais relevantes conquistas durante o outono brasileiro: o despertar político dos jovens; a compreensão do empoderamento social, tendo em vista o recuo do governo nas tarifas de transporte público; e ainda, levantou-se a “questão da distribuição escandalosamente distorcida das despesas públicas no Brasil”

Assim também se desenvolveram a ativação e o engajamento, acirrando o senso de patriotismo, o mau humor com o transporte coletivo, a raiva da

corrupção e o desconforto com o mau funcionamento dos serviços públicos num país que conheceu o padrão Fifa nos estádios. Na sequência, veio o efeito viral, epidêmico, e o contágio se espalhou. Nenhuma grande emissora de TV ou empresa de broadcasting fez campanha. O trabalho coube às lideranças apolíticas plugadas nas redes e às mídias sociais, produzindo vídeos, imagens, textos, conteúdos que adquiriram relevância por entreter (ANDERSON, apud GOHN, 2014, p. 86).

Aqui, uma retrospectiva das mobilizações ocorridas no mês de junho, de acordo com Figueiredo (2013, p. 15-22):

6 DE JUNHO

Liderados pelo Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo, cerca de mil manifestantes protestam contra a alta da tarifa dos transportes públicos; a polícia reage com bombas de gás lacrimogênio e balas de borracha. A agência de classificação de risco Standart & Poor's coloca a nota do Brasil em perspectiva de risco em função do baixo crescimento do PIB e dos gastos do governo.

7 DE JUNHO

Cerca de cinco mil pessoas bloqueiam a marginal do rio Pinheiros; a polícia utiliza bombas de gás lacrimogênio e balas de borracha e os manifestantes respondem com pedras. Uma catraca de vidro da estação Faria Lima de metrô é destruída. Quinze pessoas são detidas. Entre os manifestantes, militantes do PSTU, da União da Juventude Socialista e de grêmios estudantis da USP e de escolas particulares. O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, anuncia que pedirá ao governo federal a municipalização da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que incide sobre os combustíveis, para baratear o transporte público.

9 DE JUNHO

A popularidade da presidente Dilma, que era de 65% em março, cai para 57%, segundo o Datafolha.

10 DE JUNHO

Protesto contra o reajuste de passagens de ônibus no Rio de Janeiro reúne 300 pessoas na Cinelândia. Manifestantes destroem tapumes e a polícia reage com bombas de efeito moral e balas de borracha; 31 pessoas são detidas.

11 DE JUNHO

Manifestação convocada pelo MPL, contra o aumento de tarifas, reúne 12 mil pessoas e termina em confronto com a polícia no centro de São Paulo. Um PM fica ferido e ônibus são danificados. O MPL protocola pedido de reunião com a Prefeitura de São Paulo.

12 DE JUNHO

O governador Geraldo Alckmin e o prefeito Fernando Haddad criticam as depredações. O ministério da Justiça, José Eduardo Cardozo, pede à PF que acompanhe as manifestações em São Paulo e no Rio. Em cerimônia de anúncio de crédito para móveis e eletrodomésticos para beneficiários do programa Minha Casa Minha Vida, a presidente Dilma diz não haver “a menor hipótese” de “descontrole da inflação”. Em reunião de conciliação na sede do Ministério Público de São Paulo, líderes do MPL afirmam não ter mais controle sobre os participantes dos protestos.

13 DE JUNHO

Cerca de 10 mil manifestantes entram em confronto com a polícia na região da Avenida Paulista, em São Paulo. A tropa de choque utiliza bombas e balas de borracha e os manifestantes reagem com pedras e fogos de artifício. Um

fotógrafo é ferido por balas de borracha e vários repórteres são atingidos, com a detenção de 50 pessoas. Cerca de 10 mil manifestantes participam de ato no Rio de Janeiro e outras centenas vão para as ruas em Porto Alegre.

14 DE JUNHO

Em discurso na Rocinha, no Rio, a presidente Dilma qualifica os críticos da política econômica de “vendedores do caos”. O ministro José Eduardo Cardozo afirma que a ação da PM paulista foi “arbitrária” e “muito violenta”.

16 DE JUNHO

Manifestações lideradas por estudantes e imigrantes brasileiros reúnem centenas de pessoas em Washington, Berlim e Dublin. No Brasil, guia de conduta compartilhado nas redes sociais ensina como agir em protestos em caso de violência. O governo do estado de São Paulo afirma que não pretende utilizar Polícia Militar, tropa de choque ou balas de borracha nas manifestações convocadas para o dia 17 de junho e convida MPL para reunião.

17 DE JUNHO

230 mil pessoas protestam em 11 estados. Em Brasília, manifestantes ocupam a cobertura do Congresso Nacional; no Rio, a concentração é na Assembleia Legislativa; em São Paulo, representantes de partidos políticos são impedidos de levantar bandeiras. Não há confrontos com a polícia nem prisão de manifestantes. O governador de São Paulo afirma que protestos “fortalecem a democracia”. A presidente Dilma diz que protestos são “legítimos”. O ex-presidente Lula, em sua página no *Facebook*, declara que manifestações não podem ser encaradas como “coisa de polícia, mas sim de mesa de negociação”. O prefeito de São Paulo não comenta.

18 DE JUNHO

Manifestantes tentam invadir a sede da prefeitura paulistana, saqueiam lojas, queimam cabine da PM e um furgão da TV Record. A polícia reage com cassetetes e gás de pimenta. Vinte mil pessoas ocupam a Avenida Paulista, sem incidentes de violência. No Rio, dez mil se reúnem em São Gonçalo contra o aumento de tarifas do transporte público. O prefeito de São Paulo reúne-se com representantes do MPL e admite rever o aumento. O governador de Minas, Antonio Anastasia, pede apoio da Força Nacional de Segurança para controlar manifestações em Belo Horizonte. A presidente Dilma diz estar ouvindo “as vozes das ruas pela mudança”.

19 DE JUNHO

O governador do estado e o prefeito de São Paulo revogam o aumento das tarifas de ônibus, trens e metrô. O governador do Rio, Sérgio Cabral, anuncia redução de tarifas de transportes coletivos. O MPL convoca ato-festa para celebrar a vitória.

20 DE JUNHO

Mais de um milhão de pessoas vão às ruas em 75 cidades. Em Brasília, a polícia reprime tentativa de invasão do Itamaraty. No Rio, 22 pessoas ficam feridas com confronto entre manifestantes e a polícia. Em Ribeirão Preto, uma pessoa morre atropelada. Em São Paulo, há confronto entre manifestantes e militantes do PT; protestos interrompem tráfego de rodovias que dão acesso à capital. A presidente Dilma prepara “pacote” de medidas para a juventude, prometendo reforço do Programa Ciência sem Fronteiras, ampliação do acesso à universidade e de programas sociais, entre outras medidas.

21 DE JUNHO

O MPL anuncia que não convocará novas manifestações. Em cadeia nacional de TV, a presidente Dilma diz que receberá líderes das manifestações, que “não transigirá com violência”. Promete uma série de medidas de atenção

para melhoria dos serviços públicos, entre elas o Programa Mais Médicos. O Congresso promete elaborar o Pacto de Mobilidade Urbana.

22 DE JUNHO

Cerca de 100 mil manifestantes entram em confronto com a polícia na região do estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, onde as seleções do Japão e do México disputavam a Copa das Confederações; oito pessoas ficam feridas. A presidente Dilma propõe o Pacto da Mobilidade Urbana e anuncia que se reunirá com governadores e prefeitos.

23 DE JUNHO

No Rio, duas mil pessoas protestam contra a PEC 37 em frente à residência do governador Sérgio Cabral. O governo federal inicia mobilização do Congresso para a aprovação de um pacote anticorrupção.

24 DE JUNHO

Manifestantes depredam ônibus em Brasília, tomam as ruas do Rio e bloqueiam rodovias na Baixada Santista e em Goiânia, onde duas mulheres morrem atropeladas. A presidente Dilma recebe os líderes do Movimento Passe Livre em Brasília. No mesmo dia, propõe Constituinte para reforma política.

25 DE JUNHO

Sem apoio, Dilma desiste de Constituinte para reforma política e encaminha ao Congresso mensagem propondo plebiscito. A Câmara dos Deputados rejeita a PEC 37, que limitava o âmbito da atuação do Ministério Público.

26 DE JUNHO

Cinquenta mil manifestantes confrontam a polícia em Belo Horizonte, durante jogo em que o Brasil vence o Uruguai e se classifica para a final da Copa das Confederações. Dois mil manifestantes entregam pauta de reivindicações sobre transportes públicos ao governador Eduardo Campos, em Recife, e milhares vão às ruas em Brasília em várias cidades do Rio Grande do Sul. O Senado define corrupção como crime hediondo e a proposta segue para a Câmara. Os deputados aprovam o projeto que vincula recursos de *royalties* do petróleo à saúde e à educação. A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados aprova emenda que instituiu voto aberto para cassação de mandato de parlamentar por falta de decoro e por condenação criminal.

27 DE JUNHO

Manifestantes incendeiam carro da TV Diário e entram em choque com a polícia em Fortaleza, próximo do estádio do Castelão, durante jogo entre Espanha e Itália. Cinco policiais são feridos e 84 pessoas, detidas.

28 DE JUNHO

O deputado Natan Donadon, de Rondônia, se entrega à Polícia Federal. É o primeiro parlamentar preso no exercício do mandato desde 1974. A Bovespa registra o pior semestre desde 2008.

29 DE JUNHO

A popularidade da presidente Dilma cai 27 pontos percentuais em relação a março de 2013, segundo o Datafolha.

30 DE JUNHO

Setenta mil pessoas cantam o Hino Nacional Brasileiro à capela no Maracanã, antes do jogo em que se enfrentaram Brasil e Espanha, no final da Copa das Confederações de 2013.

Feito esse panorama das manifestações de junho de 2013, tanto do ponto de vista das mobilizações quanto da perspectiva do uso da comunicação contra-hegemônica nas redes

sociais digitais, conforme dois de seus principais agentes – O *Anonymous* e o Mídia Ninja –, chegamos ao estudo de caso capixaba, nosso foco.

3.2 – A GRANDE VITÓRIA NAS RUAS

Para melhor compreensão das manifestações ocorridas em Vitória, as principais registradas no Estado do Espírito Santo em junho de 2013, apresentamos os indicadores sociais e econômicos do referido ano. Assim procedemos para identificar a particularidade das mobilizações capixabas e também na perspectiva de que os movimentos sociais estão muito além da simples questão da tecnologia, como vimos assinalando ao longo deste trabalho.

Alguns índices mostram os fatores que contribuíram para o processo de descontentamento e, logo após, de articulação das redes sociais digitais em rede, por meio dos dispositivos móveis no Espírito Santo. Os índices apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) se mostraram preocupantes para os jovens no Estado.

De acordo com os dados divulgados no dia 21 de novembro de 2015, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2011, do IBGE, o Espírito Santo apresentava em 2011, ano mais próximo as manifestações, um total de 150 mil desocupados entre os jovens, dos quais, 105 mil na faixa etária entre 18 e 39 anos.

A taxa de desocupação no Espírito Santo, em 2011, com 7,7%, ficou acima do índice nacional que é de 6,7%, a maior parte em áreas relevantes da economia, como agricultura e comércio. Entre os jovens, é ainda maior, chegando a 15,8%, 2% acima do país.

A deficiência da Educação contribui para estes índices desfavoráveis. Na faixa entre 18 e 29 anos, tínhamos 7 mil analfabetos, 19,1% dos jovens capixabas entre 15 e 17 anos estavam fora da escola e a qualificação ainda crítica com a 12ª colocação nacional no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). A taxa de analfabetismo foi reduzida em 2011, quando comparada em 2009, mas ainda havia 50 mil pessoas nesta condição no Estado.

A taxa de escolarização de crianças e jovens também aumentou, de 2009 para 2011, com o índice de crianças entre 6 e 14 anos de idade na escola ampliando em 1,5 ponto percentual –

acima da média nacional, chegando a 98,9%. Entre os jovens de 15 a 17 anos, o percentual ficou em 85,1%.

As mulheres do Espírito Santo, de um modo geral, tinham rendimentos menores, quando comparados aos homens. A renda média dos homens ficou (em) em de R\$ 1.247,00, enquanto as mulheres, com 65,2% deste valor, ficou em R\$ 958,00.

Apesar dos números favoráveis, a qualificação dos capixabas ainda ficou crítica em 2011, (O Espírito Santo ocupou) com o estado ocupando o 12º lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do Ensino Médio.

O estudo do IBGE mostrou o crescimento dos capixabas no acesso ao uso do microcomputador, internet e aparelhos celulares. Também houve queda nos preços dos aparelhos. Ainda segundo o PNAD, a população capixaba, é essencialmente urbana, com 82,6% dos habitantes, contribuindo desta forma para a tomada das ruas da cidade, durante as manifestações. A população total é de cerca de 3,48 milhões de pessoas, em 2011, e as mulheres são a maioria, com 50,8% da população. Demonstramos, a seguir, os indicadores referentes a capital Vitória.

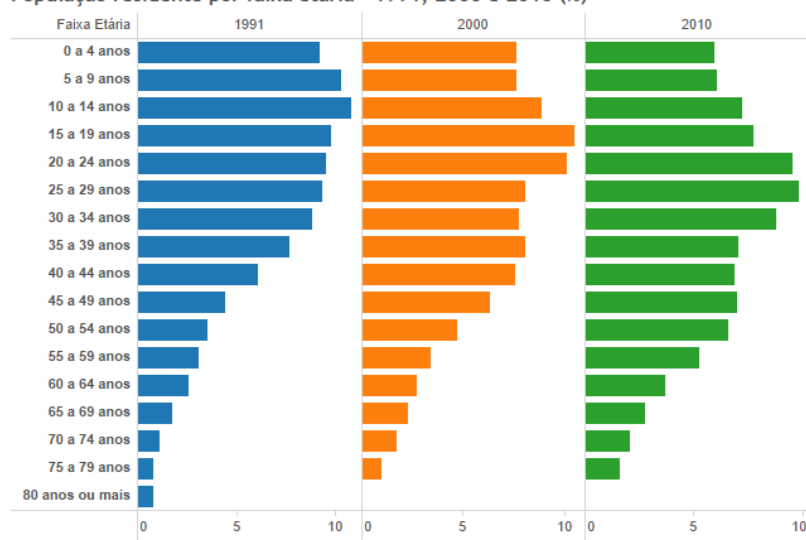
3.2.1 População

Gráfico 1 : População de Vitória

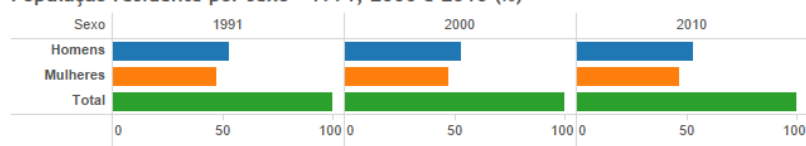
Vitória						
População	Despesa e Receita	PIB	Royalties	Emprego e Renda	Saúde	Habitação

Área territorial (km²) - 98,194
 Densidade demográfica - 2010 (hab/km²) - 3.338,3
 População estimada em 2014 - 352.104

População residente por faixa etária - 1991, 2000 e 2010 (%)



População residente por sexo - 1991, 2000 e 2010 (%)



Fonte: Anuário A Gazeta. Disponível em:
<http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>. Acesso em: 26 nov. 2015.

Com uma área territorial de 98,194 quilômetros, Vitória é a capital do Estado do Espírito Santo, parte da Região Metropolitana da Grande Vitória. Com população estimada em 2014 de 352.104 habitantes, é o quarto município mais populoso do Estado. A densidade

demográfica é de 3.338,3 habitante por hab/km². A maior parte da população se concentra na faixa etária de 20 a 29 anos, jovens, propulsores das mobilizações em rede pelo mundo. Pelas estimativas de 2010, representavam 9,8% da população em 2013, porcentagem maior do que em 2000 (8,09%) e 1991 (9,36%). Os homens são a maioria com 53,04% da população.

3.2.2 PIB

Gráfico 2: PIB de Vitória



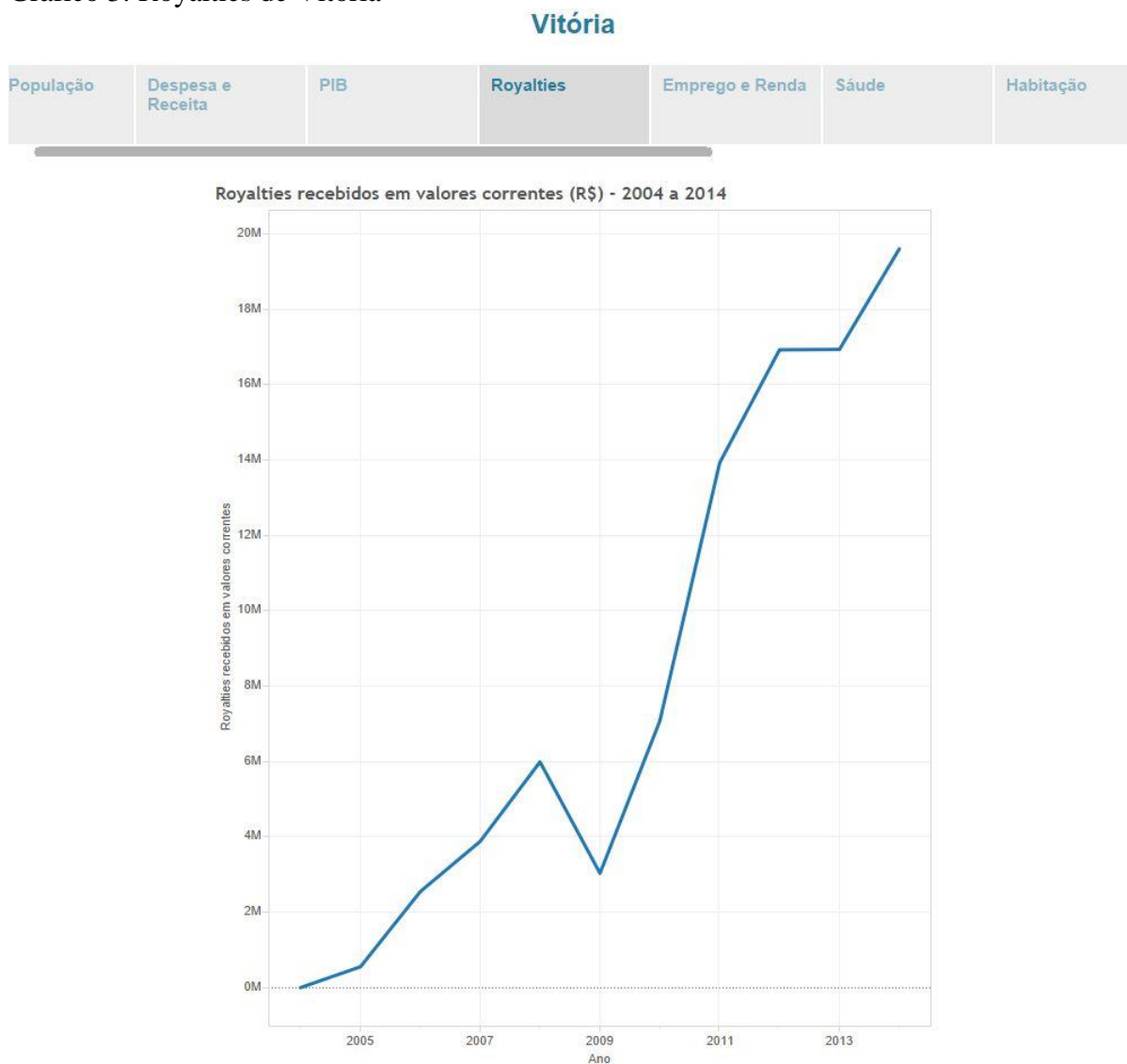
Fonte: Anuário A Gazeta 2015. Disponível em:

<<http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>> Acesso em: 6 nov. 2015.

O Produto Interno Bruto, depois de passar por anos em evolução, apresentou uma estabilização. Em 2011 o PIB per capita ficou em 85.794 e em 2012, 86.0009. Em relação ao PIB a preços de mercado (R\$ mil), em 2011 foram 28.357.236 e, em 2012 ficou em 28.655.025.

3.2.3 Royalties

Gráfico 3: Royalties de Vitória

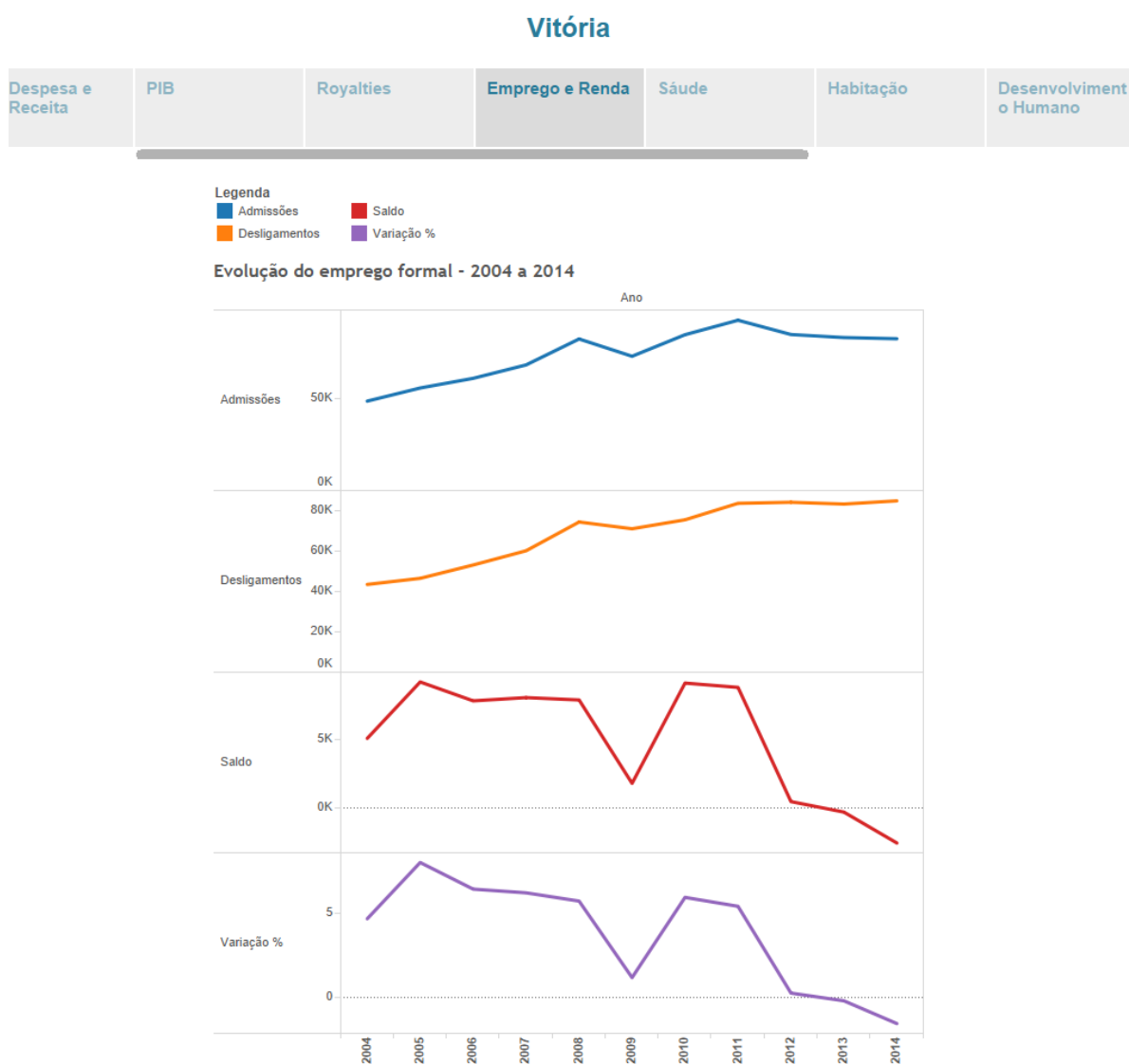


Fonte: Anuário A Gazeta 2015. Disponível em: <http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>. Acesso em: 26 nov. 2015.

Os valores dos royalties seguiam em forte ascensão. Os valores em 2013 chegaram em R\$ 16.936.497, ou seja, muitos recursos direcionados, mas com baixa qualidade dos serviços prestados pela população, segundo reivindicavam os manifestantes em Vitória.

3.2.4 Emprego e Renda

Gráfico 4: Emprego e Renda



Fonte: Anuário A Gazeta 2015. Disponível em:
<http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>. Acesso em: 26 nov. 2015.

Em 2013, o Espírito Santo passava por um período de estabilização em relação a admissões. Foram 82.844 neste ano. No entanto, os desligamentos estavam em evolução com 83.126 e o

saldo era de 282 negativo, o que pode explicar parte do sentimento de indignação demonstrado pelos manifestantes.

3.2.5 Saúde

Gráfico 5: Saúde



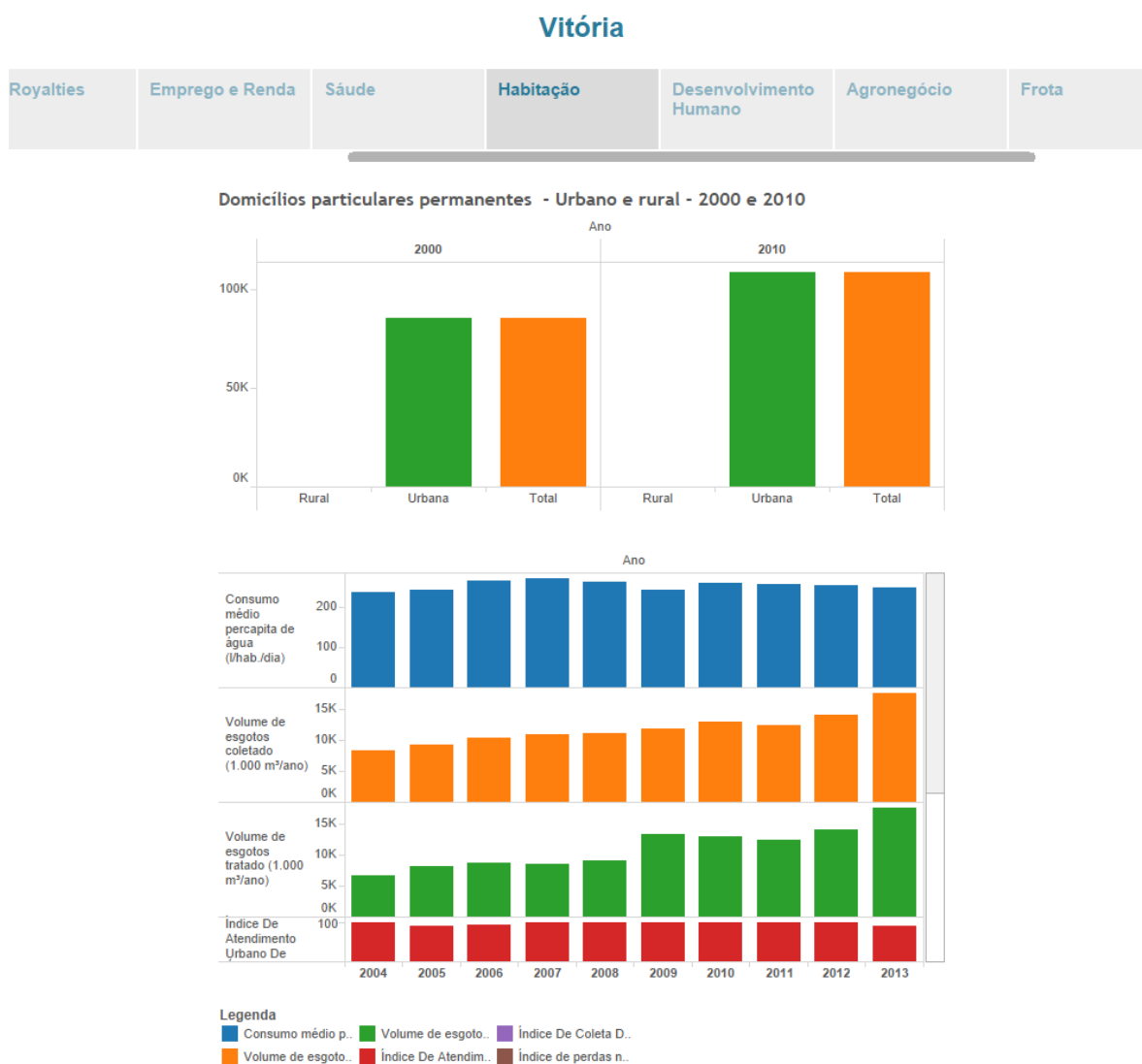
Fonte: Anuário A Gazeta 2015. Disponível em: <http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>. Acesso em: 26 nov. 2015.

A capital capixaba também reduziu nos últimos anos o coeficiente de mortalidade infantil, o número de óbitos com menos de um ano de vida e ampliou o número de nascidos vivos. Em

2013, o coeficiente de mortalidade infantil a cada 1000 nascidos foi de 10, o número de óbitos com menos de um ano de vida foi 47 e o número de nascidos vivos ficou em 4.656.

3.2.6 Habitação

Gráfico 6: Habitação



Fonte: Anuário A Gazeta 2015. Disponível em: <http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>. Acesso em: 26 nov. 2015.

Os índices também são favoráveis à capital no ano de 2013, quando ocorreram as mobilizações de nosso estudo, no que tange a Índice de Coleta de Esgoto, Volume de Esgoto Tratado, Volume de Esgoto Coletado e Índices de Perdas de Distribuição de Água. Os três primeiros índices cresceram nas últimas décadas e o último mencionado, foi reduzido.

3.2.7 Desenvolvimento Humano

Gráfico 7: Desenvolvimento Humano

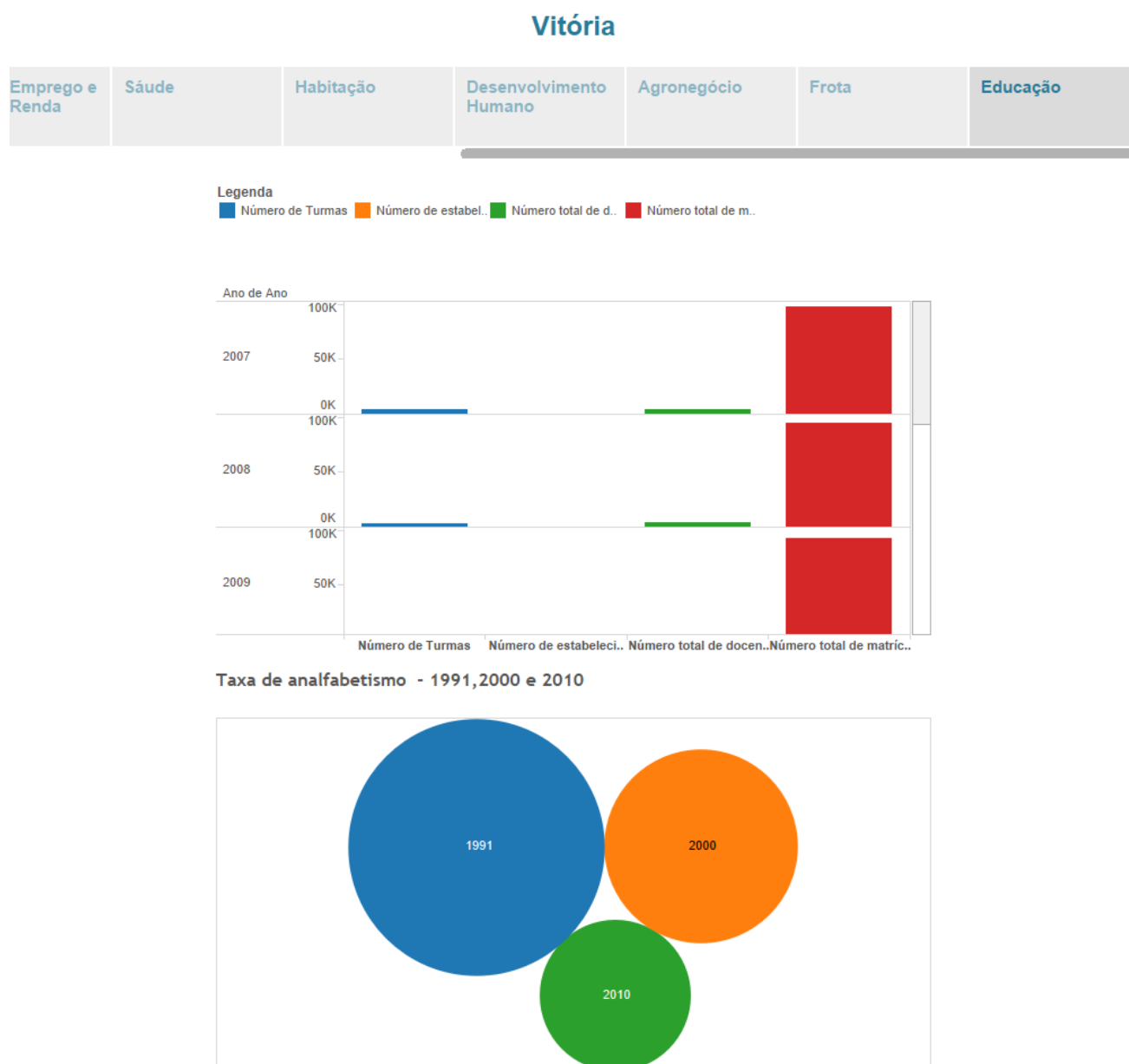


Fonte: Anuário A Gazeta 2015. Disponível em: <http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>. Acesso em: 26 nov. 2015.

O Índice de Desenvolvimento Humano também cresce a cada década. De acordo com as estimativas de 2010, em relação a 2013 a renda ficou em 0,8760, longevidade, 0,85%, educação 0,80% e o Índice de Desenvolvimento Humano Médio em 0,84%, considerado elevado pela Organização das Nações Unidas (ONU). O índice tem a escala que varia de 0 a 1, no qual, quanto mais próximo de 1, melhor é a avaliação obtida.

3.2.8 Educação

Gráfico 8: Educação



Fonte: Anuário A Gazeta 2015. Disponível em:
<http://especiais.gazetaonline.com.br/anuario/vitoria/>. Acesso em: 26 nov. 2015.

A taxa de analfabetismo cai a cada década, demonstrando o elevado grau de escolaridade, também característico dos manifestantes ocorridos nas últimas décadas. Em 1991 era 7,2% da população, em 2000, 4,1% e em 2010, 2,5% dos habitantes da ilha de Vitória. No ano de 2013, quando ocorreram as manifestações, haviam 180 estabelecimentos de ensino, 4.280 docentes e 95.640 alunos matriculados, sempre de forma crescente e contínua, quando comparado a anos anteriores.

O panorama caracterizado por uma população jovem, queda do analfabetismo e da mortalidade infantil, elevado índice de desenvolvimento humano e de tratamento de esgoto, aumento de recursos advindos dos royalties, mas também a elevação do número de desligamentos em relação ao emprego e a estabilização do PIB, conformaram as mobilizações do outono brasileiro no Espírito Santo. Além disso, é importante salientar que a capital está no centro de uma Região Metropolitana eivada por problemas de infraestrutura de transporte público, segurança, violência contra mulheres e populações marginalizadas – que também a afetam de forma significativa. A pobreza é também um fator importante em todo o território capixaba.

3.2.9 – Aspectos das mobilizações

A tomada das ruas em junho foi articulada por intermédio das reuniões semanais de jovens de diversas classes sociais, como estudantes e artistas, articulados por grupos da rede social *Facebook* e também por “assembleias livres” presenciais. Muitos destes jovens já haviam se organizado em torno de temas como a “Marcha das Vadias”, “Marcha da Maconha” e o “Movimento Passe Livre”. Trata-se de mais uma evidência da cultura da colaboração, do compartilhamento, citados por Antoun & Malini (2013, p. 214):

A narrativa colaborativa [...] é uma expressão de uma nova cultura de indiferenciação do consumo e da produção da informação, cujo traço peculiar é a instantaneidade em fluxo contínuo de uma conversa... Ela marca o engajamento do sujeito naquilo que escreve e na ação coletiva à qual ele se vincula.

No Estado do Espírito Santo, as manifestações ocorreram após a mobilização registrada, principalmente, a partir da *fanpage* “Não é por 20 centavos, é por Direitos ES”, inspiradas nos atos da capital paulistana, e também pela *fanpage* “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)”, ambas abrigadas no *Facebook*.

Losekann (2014) caracteriza três fases distintas das manifestações capixabas, apesar de ocorrerem aspectos que podem ser observados em mais de um dos três momentos. Estas mudanças refletem a maneira pela qual as manifestações são interpretadas pelos próprios manifestantes, intelectuais militantes, lideranças políticas e a mídia. Inicialmente, remarca-se que as manifestações são festivas, realizadas no transcorrer do mês de junho, apesar de não eliminarem o caráter político e crítico do movimento. Posteriormente, tem-se a manifestação propositiva – no período entre 2 a 12 de julho. E, por fim, a manifestação confrontadora. Nosso objeto de estudo se detém na primeira fase destes movimentos caracterizados, deste modo, como a manifestação festiva.

Na capital capixaba, os protestos com as características nacionais, citadas anteriormente, eclodiram em 17 de junho e, assim como ocorreu nas demais cidades, aconteceram semanalmente durante um mês. Neste primeiro momento, cerca de 20 mil manifestantes foram às ruas em apoio ao movimento contra o aumento da passagem e o passe livre, “Não é por 20 centavos, é por Direitos”, capitaneado pelos ativistas de São Paulo. Mobilizações semelhantes ocorreram em anos anteriores, como em 2010, quando ocorreram graves confrontos entre os manifestantes e a polícia, com um saldo de dezenas de feridos e processos de criminalização de estudantes.

Figura 8 - Iluminação de aparelhos celulares durante as manifestações



Fonte: Reprodução TV Gazeta – Reprodução. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-uMqDnt_5Fb8/UcMEa4MbDgI/AAAAAABf_k/aiIFSpQDIyw/s640/ponte_1.jpg>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Apesar das sempre permanentes e pertinentes solicitações pelo transporte público e gratuito e de aperfeiçoamento da mobilidade urbana, estes protestos já haviam logrado êxito em alguns aspectos ligados às passagens de ônibus na Grande Vitória. Dessa forma, o foco se voltou para a cobrança do pedágio na Terceira Ponte¹⁶. O sentimento de indignação se expressava convergentemente na praça do pedágio da Terceira Ponte, que, posteriormente, passa a ser o maior símbolo das manifestações no Espírito Santo.

¹⁶ A cobrança de pedágio da principal ponte que liga Vitória a Vila Velha, conhecida como Terceira Ponte, é questionada há anos, inclusive em função do conturbado processo de concessão da via, no final do século passado. A Justiça e o Tribunal de Contas estão às voltas com processos que questionam valores e o próprio contrato firmado entre o Governo do Estado e a concessionária.

As mobilizações têm um caráter de conteúdo aberto e que está sendo construído no próprio processo de ação. Este elemento torna as manifestações mais difíceis de serem capturadas pelas forças políticas já estabelecidas. Neste sentido, pode ser o início de novas e criativas formas e conteúdos políticos. Momentos como os dos protestos que assistimos abrem as possibilidades de associação, criam novos formatos, novos repertórios, expõem a fragilidade de certas instituições, rompem com padrões morais e questionam aspectos valorizados tradicionalmente na sociedade. Provocam, também, um empoderamento de pessoas antes desmobilizadas e descrentes com a política. Sendo assim, espero e desejo que possam também projetar um processo de refundação real e simbólica da política (LOSEKAN, 2014, p. 17).

Figura 9 – Manifestantes rumam para a Terceira Ponte.



Fonte: Terra¹⁷. Reprodução.

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), assim como nas demais mobilizações, foi o principal local de arregimentação de manifestantes e saída dos protestos (na maioria das vezes, ocorrida às 18h30). No dia 17 de junho, cerca de 20 mil manifestantes tomaram as ruas rumando para a Terceira Ponte, que liga a capital Vitória ao município de Vila Velha, sob os gritos de “Vem pra Rua”, percorrendo cerca de 12 quilômetros e chegando até a residência oficial do governador em Vila Velha.

A passeata não teve situações violentas durante todo o trajeto, mas tudo foi acompanhado atentamente pelo Batalhão de Missões Especiais da Polícia Militar (BME). No entanto, se cerca de 90% do trajeto foi realizado de forma pacífica, ao final, um artefato arremessado

¹⁷ Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/es-manifestacao-terminaem-confusao-provocada-porpoliciais,2c5f483ea755f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 29 nov. 2015.

contra os policiais iniciou a represália com bombas de gás lacrimogênio. Durante o tumulto e o conflito ocorreram depredações de carros, lixeiras até por volta das 23 horas.

Figura 10 – Ufes foi o principal local de saída dos protestos.



Fonte: Terra¹⁸. Reprodução

Para Pereira (2013, p. 16), cientista político, “aqui no Espírito Santo não teve aumento, mas houve solidariedade. Esse movimento deu a oportunidade para que as pessoas levassem suas demandas para as ruas”.

O renascimento dos movimentos populares de rua chegou ao ápice no dia 20 de junho, quinta-feira. A tomada de ruas recebeu o nome dos próprios autores como “atos”, numerados de acordo com o transcorrer dos acontecimentos. Tais atos foram organizados tanto de forma presencial quanto por intermédio de articulações realizadas pelo *site* de rede social *Facebook*.

¹⁸ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/es-manifestacao-terminaem-confusao-provocada-porpoliciais,2c5f483ea755f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

Geralmente as manifestações de grande magnitude acontecem por diversos motivos, mas as manifestações de junho de 2013, que ocorreram em todo o Brasil, e, mais especificamente na Grande Vitória, tiveram como ponto central a convocação de uma gama de pessoas através das redes sociais (CÔGO, 2014, p. 63).

O “2º Ato” desta primeira fase das manifestações, ocorrido no dia 20 de junho de 2013, tomou proporções históricas, reunindo cerca de 100 mil pessoas na Grande Vitória, a maior aglomeração de pessoas no Estado de que se tem notícia até esta data. As articulações também foram capitaneadas pelo movimento "Não é por 20 centavos, é por Direitos" e protestaram contra a qualidade dos serviços públicos como saúde, educação, transporte, segurança e também no combate à corrupção e a impunidade.

Muitos protestantes dos 100 mil estavam desconectados do propósito das manifestações, no entanto, eram movidos pelo mesmo sentimento de indignação que moveu milhões de pessoas pelo mundo. Protestavam, alguns, em ritmo de “micareta” – as festas populares, conhecidas como “Carnaval fora de Época” – contra as condições de saúde e educação, a corrupção, o deputado federal Marco Feliciano, a Proposta de Emenda Constitucional 37 e críticas aos governos, dentre outros temas.

De acordo com Losekan (2014, p. 7),

Foi um momento de catarse coletiva. A tomada das ruas poderia ser lida aqui como um fim em si mesmo. O lema “#vem pra rua” parecia bastar para explicar qualquer descontentamento. Ambivalentemente, o tom era mais de comemoração pela ruptura da inércia e pela tomada do espaço público (a rua) do que o aspecto sério e indignado geralmente identificado aos protestos. Daí a correlação com a “micareta”. Foi visível o encantamento de si que a multidão experimentou. Pessoas acostumadas a ouvirem sobre a impotência e fraqueza de sua própria sociedade na criação de mobilizações coletivas, espantaram-se e admiraram-se com o próprio feito mobilizatório.

A saída dos manifestantes ocorreu um pouco antes das 18 horas, na Ufes, em direção à avenida Nossa Senhora da Penha, seguindo até a Assembleia Legislativa e, posteriormente, o Tribunal de Justiça (ES), onde um grupo de manifestantes depredou prédios e quebrou vidraças. Na Ponte da Passagem, uma das ligações entre a parte continental e a porção ilhéu da capital Vitória, próxima à Ufes, manifestantes soltaram fogos de artifício e pararam para cantar o Hino Nacional.

As mobilizações ocuparam um território de cerca de cinco quilômetros de distância, deixando a Reta da Penha completamente tomada pelos manifestantes. O pedágio da Terceira Ponte teve cabines quebradas e queimadas. No momento em que o protesto chegou ao TJ-ES, o então presidente do tribunal, Pedro Valls Feu Rosa, recebeu uma pauta com as reivindicações do grupo.

Figura 11 – Jovens fazem reivindicações ao presidente do TJES



Fonte: G1 Espírito Santo¹⁹.

¹⁹ Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiq_qT0xLnJAhXEOZAKHay1BY0QjRwIBw&url=http%3A%2F%2Fg1.globo.com%2Fespírito-santo%2Fnoticia%2F2013%2F06%2Fmanifestacao-leva-100-mil-ruas-de-vitoria-e-minoria-destroi-cidade.html&psig=AFQjCNHhd-JBZooHBJEviDWC-kw55ncLaA&ust=1449020464510094>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Figura 12 – Terceira Ponte é totalmente tomada pelos manifestantes



Fonte: Entredivas (*site*)²⁰.

O desfecho para este histórico 20 de junho foi a ocupação do espaço e das cabines de pedágio da Terceira Ponte, com o quebra-quebra de cabines e cancelas. A única resposta do poder público para este primeiro momento das manifestações foi a atuação de policiais militares que coibiram o ato com balas de borracha e gás lacrimogêneo.

²⁰ Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjJsT7wrnJAhWCGpAKHfniCL4QjRwIBw&url=http%3A%2F%2Fwww.entredivas.com.br%2Fpre-para-que-agora-e-hora-da-revolucao%2F&bvm=bv.108194040,d.Y2I&psig=AFQjCNGUEPMDZ_BkPHobBXePbDUCvniw5A&ust=1449020156222766>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Figura 13 - Tropa de choque cerca praça do pedágio após vandalismo em Vitória/ES.



Fonte: G1 Espírito Santo²¹. Reprodução.

A manifestação propositiva foi marcada pela ocupação da Assembleia Legislativa, quando foi exigido o fim da cobrança do pedágio da Terceira Ponte, que liga a cidade-ilha ao município de Vila Velha. O resultado foi a eclosão de embates entre manifestantes e policiais no dia 19 de julho, com várias prisões irregulares.

²¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirtosanto/noticia/2013/06/manifestacao-leva-100-mil-ruas-de-vitoria-e-minoria-destroicidade.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

Para Losekan (2014, p. 17),

Os protestos evidenciam claramente um processo de crítica às condições sociais locais e à falta de vontade das elites em resolvê-las. Sugerem também uma forte crítica às instituições representativas, às elites políticas e às formas tradicionais de organização da política. Por outro lado, a resposta aos protestos a partir do uso da força policial não contribui em nada para restaurar a credibilidade das instituições e das classes políticas.

Na fase seguinte, durante a manifestação confrontadora registrada nesta data, ocorreu a desocupação da Assembleia Legislativa, sem que a lista de reivindicações fosse atendida. Ganha força o movimento que defendia a ação direta, notadamente a tática *Black Bloc* de resistência, com barricadas, banco e prédios públicos quebrados, avenidas fechadas. A resposta dos policiais veio com o uso do gás lacrimogêneo e balas de borracha. Para Losekan (2014, p. 13), dois aspectos chamaram a atenção em Vitória:

[...] primeiro, a presença das narrativas dos participantes de elementos que evidenciam um contexto social marcado pela violência e opressão cotidianas; segundo, a demonstração de uma predisposição à formação ideológica posterior à ação de protesto. Ou seja, a construção de um enquadramento ideológico que se dá depois de iniciado o processo de ação coletiva).

No transcorrer do mês de junho outras passeatas foram realizadas, alterando a rotina dos capixabas, obrigando órgãos públicos e o comércio a fecharem mais cedo, buscando evitar depredações. Para pesquisadores e profissionais, as causas que fizeram com que o “Gigante acordasse” e a população saíssem às ruas para gritarem por um Brasil melhor foram inúmeras e não uma razão consensual.

Simões (2013, p. 16) aponta como causa uma mescla de indignação e esperança, tendo em vista a política, de uma forma geral: “Esses movimentos são desencadeados por uma faísca de indignação relacionada a um acontecimento concreto ou porque a repugnância ao comportamento dos governantes chegou ao limite”.

A carência de lideranças assumidas como tal, como ocorreu em outras manifestações pelo mundo, se assemelha como o que ocorreu no Espírito Santo. “Não há liderança tradicional. É um processo que evita a manipulação. Mas não pode negar a representação. O que se quer é

controlar a representação. Nós estamos experimentando isso. E os rumos disso são imprevisíveis” (SIMÕES, 2013, p. 17).

Para o economista Clóvis Vieira (2013, p. 20), as mobilizações proporcionaram um novo momento na história do Estado do Espírito Santo: “O movimento já alcançou êxito na redução das tarifas de transporte e nas medidas aprovadas pelo Congresso e mostra que o país nunca mais será o mesmo. Atitudes serão tomadas e o movimento mostra que o povo não é mais tolerante como antes”.

Para Simões (2013), professor de Políticas Públicas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), os movimentos devem ser analisados por meio de níveis diferenciados. Os atos começaram de forma pacífica, mas, em junho de 2013, alguns acabaram se transformando, em muitos momentos, em objeto de confronto entre policiais e estudantes. As manifestações, de acordo com Simões (2013), foram catapultadas pela repressão policial ocorrida durante os movimentos para redução das tarifas. No entanto, a diversidade de reivindicações – assim como ocorreu em todo o país – já surgia neste momento, extrapolando o propósito inicial.

Assim como na manifestação inicial do “Movimento do Passe Livre”, em São Paulo, Simões (2013, p. 17) destaca que “são especialmente significativas as imagens de repressão violenta por parte da polícia ou de criminosos pagos. A imprevisibilidade não é destacada”. Outro fenômeno apontado por Simões (2013) é o perfil dos jovens que participaram dos movimentos mais truculentos – os chamados vândalos. “Essa terminologia (vândalo) está abarcando sentidos diferentes. Temos que analisar quem são essas pessoas, já que pode existir entre elas, por exemplo, um ódio pela polícia” (SIMÕES, 2013, p.18).

Um fato destacado por Pereira (2013, p. 18) e que foi percebido nos protestos realizados no Espírito Santo é que há muitos “infiltrados” no movimento, grupos pequenos e radicais que participam do ato com o intuito de pichar prédios, depredar e usar de violência para se manifestar. “Essas pessoas acreditam que é preciso usar violência para serem atendidas, talvez até pela realidade em que vivem”.

Além de ocorrer alguns “infiltrados”, Pereira (2013, p. 18) alerta para o fato de alguns criminosos usarem o momento para roubar e saquear o comércio. “Isso nos preocupa muito, pois esse grupo de pessoas ataca em lugares diferentes de onde está sendo realizada a

manifestação”. No entanto, Pereira (2013) alerta para o fato de que esse tipo de criminalidade já existe no Brasil e que os que o cometem estão apenas aproveitando a ocasião.

Isso tudo é reflexo da falta de segurança pública e o problema precisa ser debatido com a sociedade em busca de soluções... Se um ‘noiado’ aproveita o movimento, isso mostra que existe um problema de segurança pública. Acontecia antes, está acontecendo agora e vai continuar acontecendo, se algo não for feito para mudar (PEREIRA, 2013, p.18).

O professor de Direito da Ufes e especialista em Teoria do Estado Júlio Pompeu²² ressalta a diversidade de demandas. “Aqueles que estão no poder é que precisam entender o que está acontecendo. Há uma mensagem clara que pode ser percebida neste movimento: Existe uma insatisfação generalizada pelo modo como as decisões dos governantes são tomadas”.

Apesar de o despertar da capacidade de poder se articular e mobilizar ter se tornando o resultado mais expressivo das mobilizações, vários outros desdobramentos políticos surgiram depois que a população decidiu ir às ruas protestar. Em resposta aos manifestantes, a presidente Dilma Rousseff anunciou a realização de pacto com governantes para a melhoria dos serviços públicos e defendeu uma reforma política para “oxigenar o sistema político”, combater a corrupção e valorizar os partidos políticos, que foram duramente atacados nas ruas.

Para Pereira (2013, p. 19), sempre em entrevista ao dossiê jornalístico, já referenciado, sobre as manifestações capixabas, desperta a atenção o elevado número de pessoas participando e o sentimento de ódio que perpassa a multidão e a impulsiona para as ruas: “Por ser um movimento organizado pela internet, eu diria que é cíclico. Eles somem e depois reaparecem porque as razões não desaparecem”.

Em seguida, vamos registrar as respostas que obtivemos com nossas pesquisas acerca da apropriação das redes, incluindo análise de dados, entrevistas e depoimentos, buscando responder às questões sobre como se processa a apropriação das redes sociais digitais com objetivo de mobilização social.

Vamos estudar o caso das manifestações de junho de 2013, por meio da comunidade “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)” e Não é por 20 centavos, é por direitos

²² Cf. **O Que é isto?**. Entrevista concedida à Revista ES Brasil, n. 95, junho de 2013, p. 17.

ES” – que contou com a participação dos entrevistados que constam nesta pesquisa. A página está abrigada no *site* de redes sociais *Facebook*. Vamos analisar todas as postagens dessas páginas *on-line* efetivadas durante o mês de junho de 2013.

3.3 ESTUDO DE CASO “NÃO É POR 20 CENTAVOS, É POR DIREITOS ES”.

Como parte final de nosso estudo, iremos registrar as respostas que obtivemos com nossas pesquisas acerca da apropriação das redes, incluindo análise de dados, entrevistas semiestruturadas dirigidas e depoimentos sobre as manifestações de junho de 2013.

O ineditismo histórico dessa mobilização social, articulada em moldes incomuns, inauditos, em verdade, com contribuição da internet e as redes sociais digitais, nos motivou a estudar este tema, com a seguinte pergunta: como as mobilizações sociais se apropriam das redes sociais digitais para articular massivas manifestações públicas em torno das mais diversas pautas?

Buscando responder a questão prioritariamente, conforme indicamos na introdução deste estudo, vamos analisar o caso das mobilizações do Outono Brasileiro – a maior do Estado do Espírito Santo – por meio das comunidades “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” e “0,20 Não é centavos é por seus Direitos ES”, abrigadas no *site* de redes sociais *Facebook*.

Vamos analisar todas as postagens *on-line* efetivadas durante o mês de junho de 2013 da página “Movimento contra o Aumento ES”, e das publicações feitas entre os dias 26 (data do lançamento) e o dia 31 de junho da página “0,20 Não é centavos é por seus Direitos ES”. Brevemente, de início, iremos descrever as duas páginas da rede social citadas anteriormente.

A página de comunidade “0,20 Não é centavos é por seus Direitos ES” (<https://www.facebook.com/20centavosES/>) foi lançada no dia 26 de junho de 2013, fruto de articulações ocorridas no Espírito Santo, mas inspirada no movimento em prol da redução das tarifas em São Paulo. O objetivo era publicizar os acontecimentos das ruas capixabas, em tempo real, além de mobilizar e relatar as assembleias populares realizadas durante as jornadas de junho de 2013.

A comunidade “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” (https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/info/?tab=page_info) concluiu suas postagens em 12 de junho de 2014. Durante os protestos, chegaram a utilizar o *link* <http://bit.ly/protestoES> (agora desativado) para documentar, priorizar e visualizar os objetivos da manifestações. Também foi disponibilizado um sítio www.contraoaumento.blogspot.com e e-mail para contribuições: protestoes@hotmail.com.

No *link* “Sobre” consta o seguinte texto, com reivindicação relativa ao sistema de transporte urbano:

[...] O Movimento convoca a população capixaba a lutarmos juntos para que o governo atenda nossas reivindicações, na certeza de elas serem o caminho real para termos um transporte público de melhor qualidade, mais acessível, que caiba no bolso do estudante e do trabalhador capixaba e que garanta a dignidade da pessoa humana.

NOSSOS PLEITOS

Somente a criação de um Conselho de caráter Metropolitano não atende às demandas dos usuários do Sistema de Transporte Público Urbano. Sendo assim, através desta nota oficial, apresentamos nossos pleitos.

Redução imediata da tarifa aos valores referentes ao ano de 2010;

Extinção imediata do Conselho Tarifário (COTAR) - e criação de um Conselho Estadual de Transporte Público, com 50% de representação de usuários, 25% de trabalhadores rodoviários e 25% para governo e empresários;

Aumento da frota de ônibus do Sistema Transcol;

Ônibus 24 horas;

Exoneração da diretora-presidente da CETURB, Denise Cadete;

Exoneração do Secretário Estadual de Segurança Pública, Henrique Herkenhoff;

Desarquivamento da CPI do Transcol;

Mês de maio fixo para reajuste tarifário. CHEGA de aumento no Reveillon!;

Conferência Estadual que debata com a população sobre mobilidade urbana;

Modalidades alternativas de transporte (ciclovias, aquaviário, perueiros, etc.);

Fim dos pedágios da Terceira Ponte e da Rodovia do Sol;

Extinção do Batalhão de Missões Especiais - BME;

Garantias de mecanismos de transparência nas discussões do preço da tarifa tais com: Mudança na data da reunião ordinária que discute o preço da tarifa;

Entrega da planilha de custos com um mês de antecedência;

Garantir que as reuniões que discutirão os preços da tarifa sejam precedidas de audiências públicas; Acesso irrestrito às tabelas de custos do Sistema Transcol.”

Com nossa metodologia, buscamos compreender e apurar as estratégias comunicacionais utilizadas na rede social digital pelos partícipes, levantando dados que revelem como se deu a interação dos usuários nas páginas do *Facebook*, com relação aos eventos e artigos convocatórios, além de compreender a interface da *fanpage* com as manifestações nas ruas de Vitória.

3.3.1. – Análise das comunidades do *Facebook*

Como parte concluinte de nosso estudo iremos analisar as páginas das comunidades do *site* de rede social *Facebook* “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)” e “Não é por 0,20 centavos, é por Direitos”, tendo em vista as características das mobilizações pelo mundo fornecidas pelo sociólogo Manuel Castells (2013) e Kahn, apud Figueiredo (2014).

Desta forma, primeiramente vamos apresentar um estudo detalhado de postagens por nós coletadas nas páginas em estudo. Com base nessas observações, vamos montar um quadro das marcas dos protestos capixabas, cotejando-os com as análises dos autores supracitados.

Vale lembrar que tal procedimento também foi realizado no processo de entrevistas com os participantes dos protestos, relatado em seções anteriores. Desta vez, as “respostas” serão fornecidas em face dos comentários, curtidas e compartilhamentos destas páginas do *Facebook*, no mês de junho de 2013. Foram analisadas todas as postagens deste período nas duas páginas do *site* de rede social digital.

Em um dos destaques, é o *post* do dia 26 de junho, do “Movimento contra o Aumento ES (@protesto GV) que linkava para a página no Terceiro Grande Ato – Não é por 20 centavos. Um total de 146 mil pessoas foi convidado e 12 mil delas confirmaram presença e outras 4,3 mil confirmaram interesse. No caso das páginas de comunidade em foco, elas foram utilizadas tanto para prestação de serviço como relatório de reuniões, convocação para os eventos e palavras de ordem.

Figura 14 - Comunidade – Topo da página do Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)



Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Data	Postagem	Comentários	Compartilhamentos	Curtidas
Dia 17	Post 1	0	3	4
Dia 19	Post 1	0	1	1
	Post 2	0	2	4
	Post 3	0	0	2
	Post 4	0	0	0
	Post 5	0	0	0
	Post 6	0	1	0
	Post 7	0	1	4
	Post 8	2	1	3
	Post 9	1	69	9
	Post 10	14	139	44
	Post 11	0	3	5
	Post 12	0	5	0
	Post 13	1	2	3
	Post 14	1	37	6
	Post 15	3	0	3
	Post 16	7	40	17
	Post 17	0	231	15
	Post 18	0	27	7
Total do dia 19	18	29	559	123
Dia 20	Post 1	1	41	20
	Post 2	5	117	30
	Post 3	5	52	15
	Post 4	0	2	11
Total do dia 20	4	11	212	76
Dia 21	Post 1	1	0	9
	Post 1	1	4	14
	Post 1	2	0	12
	Post 1	1	2	7
	Post 1	2	0	10
	Post 1	0	0	6
	Post 1	0	0	2
	Post 1	0	1	7
	Post 1	0	0	6
	Post 1	0	1	3
	Post 1	0	23	20
Total do dia 21	11	7	31	96
Dia 23	Post 1	0	79	15
	Post 1	1	1	13
	Post 1	0	2	3
Total do dia 23	3	1	82	31
Dia 24	Post 1	9	915	42
	Post 1	0	97	16
Total do dia 24	2	9	1012	58
Dia 25	Post 1	37	34	32
	Post 1	2	13	17
	Post 1	0	1	3
	Post 1	2	24	11
Total do dia 25	4	41	72	63
Dia 30	1	1	0	4
Total geral	44	99	2971	455

3.3.1.1 Análise do quadro

De acordo com o quadro acima, que representa a postagem na referida página do *Facebook*, a quantidade de compartilhamentos é destaque. São 2.971 *posts*. Bem acima do número de curtidas, um total de 445, e de comentários, com 99 participações. A postagem do dia 24, que pedia o fim do pedágio da Terceira Ponte alcançou o maior número de compartilhamentos, um total de 915.

O *post* 1, do dia 25 de junho, referente a suposta violência de um policial contra um manifestante, obteve o maior número de comentários. Já o *post* 10, com críticas ao apresentador do programa “Bom Dia ES”, obteve o maior número de curtidas, 44 ao todo. O dia 19 obteve o maior número de postagens, demonstrando o caráter convocatório, notadamente marcante para o *Facebook*, visto que, no dia seguinte, aconteceria o 20 de junho, a maior aglomeração de pessoas da história do Espírito Santo até então.

A página do “Movimento contra o Aumento ES” (@protesto GV) se tornou porta de entrada para reivindicações, prestações de contas e direcionamento para assinaturas durante os protestos de junho de 2013 no Espírito Santo. A primeira postagem do grupo foi no dia 20 de agosto de 2011 e a última no dia 12 de julho de 2014. As postagens da comunidade no mês de junho iniciaram no dia 17 e utilizaram recursos multimídia de áudio, vídeo e texto.

Buscaremos, neste momento, demonstrar algumas destas postagens para ilustrar as referidas articulações demonstradas nesse mês visando à participação da população nos protestos do Outono brasileiro. Vamos citar as características das manifestações, em nível mundial e local, por nossos teóricos, relacionando, por meio de exemplos, o que ocorreu no Estado do Espírito Santo. Nesta parte de nosso estudo de caso, destacamos as páginas de eventos, para onde algumas páginas do “Movimento contra o Aumento ES” (@protesto GV) remetem. Nesta página, há convocações para atos e prestação de contas de relatórios de assembleias durante este período.

Eu estou lhe enviando para você completar as informações, conforme ABNT, que faltam. Estão todas macadas em amarelo. A maioria é informação sobre a URL do site de onde você tirou e a sua data de acesso àquele conteúdo, já que ele pode sair do ar em momento posterior. Isso é indispensável. "Disponível em: < >. Acesso em:". É só completar.

Além disso, há outros poucos amarelos que se referem a incoerências que encontrei, para você decidir.

Quero que você complete as informações para eu retirar os amarelos e já fazer uma revisão final da formatação para lhe entregar.

3.3.1.2 Características das manifestações em nível mundial e local

O número de compartilhamento mostra que foram virais, tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimento em si, quanto na direção de espriar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização.

No dia 20 de junho, as duas postagens confirmando a presença na rua obtiveram 158 compartilhamentos e 30 pessoas curtiram. No dia 20 de junho, a comunidade não postou imagens do ato dos 100 mil. A operadora de telefonia 3G alegou que a rede ficou congestionada. Os administradores da página questionaram este congestionamento.

Figura 15 – Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)
20 de junho de 2013 ·
Quem estará na UFES hoje as 17hrs, Compartilha!
#protestoemvitoria #protestoES #vemprarua #vemgente



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Características das manifestações em nível mundial e local: As mobilizações eram realizadas pelas redes *on-line* e novas formas de comunicação, por meio de uma maior rapidez na convocação, disseminação de imagens, fatos e palavras de ordem.

O *post* do dia 26 de junho, com 6 curtidas e 1 compartilhamento, remetia para a página no Terceiro Grande Ato – Não é por 20 centavos. Um total de 146 mil pessoas foi convidado e 12 mil delas confirmaram presença e outras 4,3 mil confirmaram interesse. No caso das páginas de comunidade em foco, elas foram utilizadas tanto para prestação de serviço como relatório de reuniões, convocação para os eventos e palavras de ordem.

Figura 16 – Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV) compartilhou o evento de Rafael Caetano.
26 de junho de 2013 ·

Galera de Vila Velha, haverá travessia da terceira ponte rumo à Vitória na sexta!

Concentração no Posto ao lado da Terceira Ponte as 17 horas e saída as 18 hs com unificação do ato no Pedágio!

#VempraRua!



28 JUN - Comparecerei

TERCEIRO GRANDE ATO - Não é por 20 centavos

Sex 17:00 em UTC-03 · UFES · Vitória

Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

No dia 20 de junho, postagem confirmando a presença na rua obteve 158 compartilhamentos e 30 pessoas curtiram. Um cartaz foi utilizado com o grito ouvido por muitas das manifestações “Vem para Rua”.

Figura 17 – Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)

20 de junho de 2013 ·

Quem estará na UFES hoje as 17hrs, Compartilha!

#protestoemvitoria #protestoES #vemprarua #vemgente



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Características das manifestações em nível mundial e local: Os movimentos reivindicavam melhores condições pelos direitos em áreas prioritárias como saúde, segurança e educação, conforme demonstrado nos *posts*.

No dia 19 de junho, um cartaz anunciava o movimento “Vem pra Rua, não é só uma tarifa” para o dia 20 de junho, com saída do Teatro Universitário, a partir das 17 horas. Para este *post* ocorreram 231 compartilhamentos.

Figura 18 – 19 de junho de 2013

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)

19 de junho de 2013 ·

O ATO NACIONAL UNIFICADO será no dia 20 de Junho, quinta-feira!

Concentração: 17:00

Início: 18:30

Saída: UFES



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

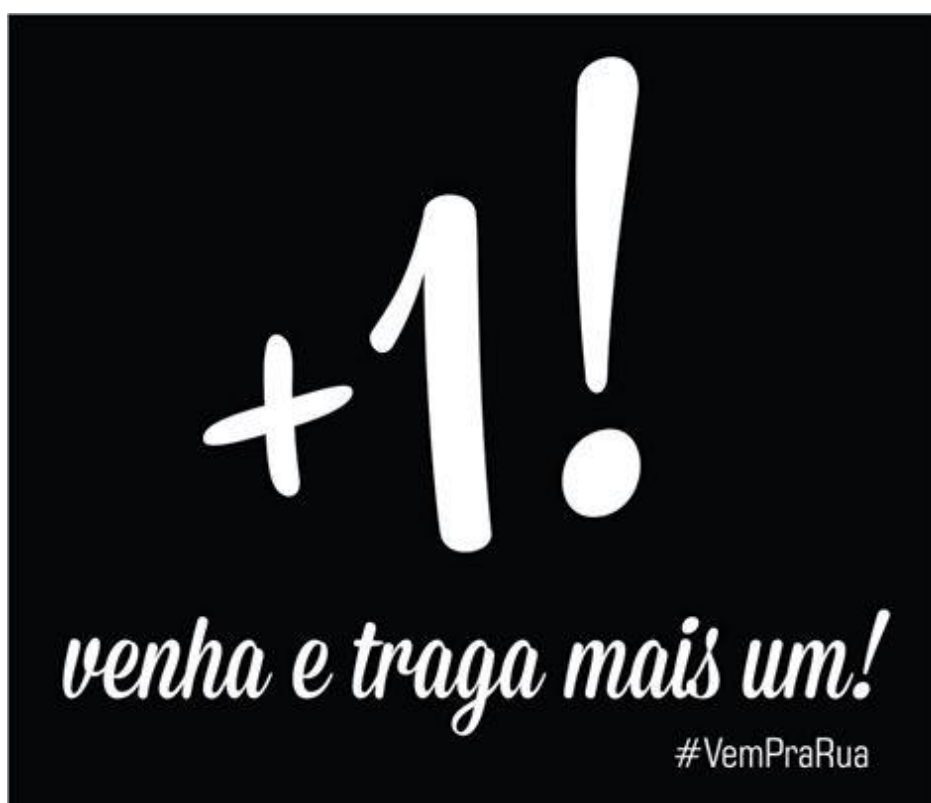
Características das manifestações em nível mundial e local: Ocorria a ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento. No caso do Espírito Santo, as páginas demonstraram que havia trajetos definidos dos atos, eles eram apresentados nas páginas dos eventos, com locais, horários de início e encerramento. Ocorriam poucas mudanças de rotas nos percursos.

O *post* do dia 19 de junho remetia para páginas de eventos dos movimentos nos municípios de Alfredo Chaves, Aracruz e Bom Jesus do Norte. Na página de Bom Jesus do Norte foram 8,4 mil convidados, para a manifestação de sábado dia 22. Dos quais, 1,6 mil confirmaram presença e 327 afirmaram ter interesse – isso é quase 20% da população total do município, que é de 9.476 habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE para 2014²³.

Figura 19 – 19 de junho de 2013 – Confirmadíssimo!

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV) compartilhou a própria foto.
19 de junho de 2013
CONFIRMADÍSSIMO!
O ESPÍRITO SANTO "Não é por 20 centavos - Ato NACIONAL a favor da democracia"

Confira os Municípios que já confirmaram:
Alfredo Chaves: <http://www.facebook.com/events/167158616789949/?ref=3>
Aracruz: <http://www.facebook.com/events/164650280374510/?fref=ts>
Bom Jesus do Norte/ES: <http://www.facebook.com/events/387518398036519/>
Vitória: <http://www.facebook.com/events/291139821023098/?fref=ts>



²³ Cf. <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=320110>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Figura 20 – Vem Pra Rua Bom Jesus

Público · Organizado por Junior Gomes e outras 5 pessoas



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Características das manifestações em nível mundial e local: Parte dos posts foi utilizado para realizar críticas aos meios de comunicação tradicionais.

O *post* do dia 19 de junho questiona o número de participantes nas manifestações, anunciado pelo apresentador do programa “Bom Dia ES”, da Rede Gazeta. O *post* alcançou 139 compartilhamentos e 44 curtidas.

Figura 21 – 19 de junho de 2013

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)

19 de junho de 2013

Será que amanhã superamos os 5 mil anunciados pelo Bom dia ES? Kkkkkk

O jornalista Mario Bonella, da TV Gazeta ES, conseguiu transformar a manifestação capixaba de 20 mil pessoas em 5 mil ~baderneiros~ em rede nacional.

Calcule: 30 metros de largura x 3km comprimento. (completamente preenchido de gente)...



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Características das manifestações em nível mundial e local: Houve companheirismo por meio da *web*. O pedido para liberação de senha para o *Wi-fi* postado no dia 19 de junho alcançou 69 compartilhamentos. Na mensagem: “Atenção Galera! Quando a manifestação passar na sua rua, libere a senha do *Wifi* pra galera poder publicar fotos em tempo real”. E ainda deu orientações de como transmitir vídeos ao vivo por meio dos aparelhos de *smartphones*.

Figura 22 – Senha para Wifi



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Características das manifestações em nível mundial e local: A população de um modo geral fotografava e transmitia imagens ao vivo das ações.

Post

Pelas postagens dos organizadores das páginas e dos comentários, são percebidas interações em tempo real durante as manifestações e logo após os eventos. Durante as postagens havia contribuições de fotografia e imagens das ações pelas ruas, além dos administradores da página.

Figura 23 – 21 de junho de 2013

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV) adicionou 11 novas fotos ao álbum: Imagens do Ato Não é por 20 centavos - 20/06.

21 de junho de 2013 ·

Foto: Yuri Barichivich



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Figura 24 – 19 de junho de 2013 I

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)
19 de junho de 2013

Reunião realizada terça-feira (18/06/2013) para construção do ato de quinta, dia 20.

Foto: Mauro Sergio

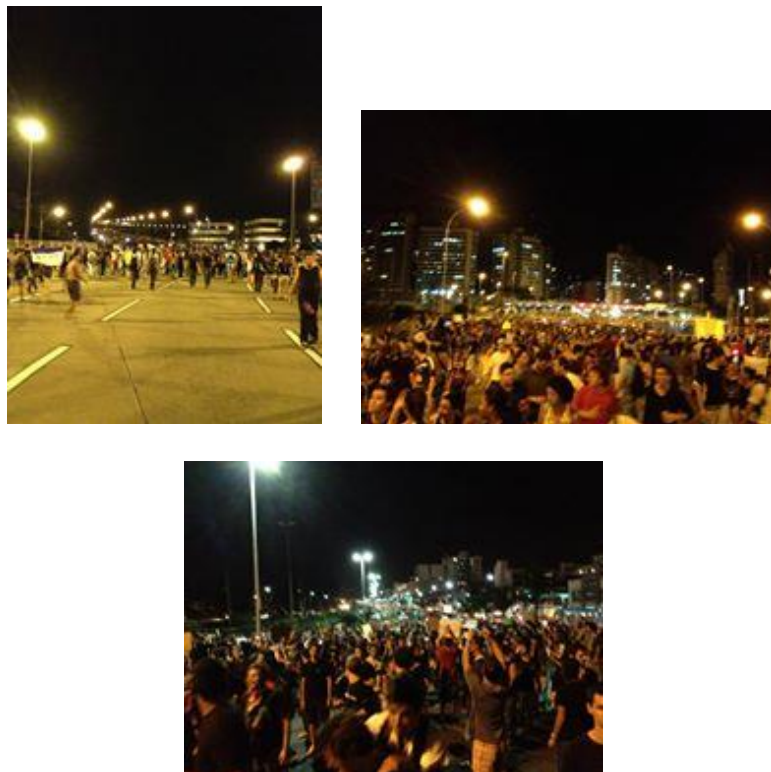
Relatoria:

Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Figura 25 – 19 de junho de 2013 II

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV) adicionou 5 novas fotos ao álbum: Mais imagens do #ProtestoES (17/06/2013).
19 de junho de 2013





Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Figura 26 – 19 de junho de 2013 III

Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV) adicionou 15 novas fotos ao álbum: Mais imagens do #ProtestoES (17/06/2013).

19 de junho de 2013

Fotos: Yuri Barichivich



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

3.3.1.3 Análise dos posts: Comunidade – “0,20 Não é por centavos. É por Direitos ES”

Figura 27 – Topo da página Comunidade – “0,20 Não é por centavos. É por Direitos ES”



Disponível em: < <https://www.facebook.com/Movimento-Contra-o-Aumento-ES-protestoGV--139731566116191/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015. Fonte: Página “Movimento Contra o Aumento ES (@protestoGV)” no *Facebook*.

Quadro 2 - Página “Comunidade – “0,20 Não é por centavos. É por Direitos ES” no *Facebook*

Data	Nº de Posts	Comentários	Compartilhamentos	Curtidas
25	1	10	61	44
27	1	02	57	41
	1	19	414	113
	1	23	319	146
	1	05	13	24
Total dia 27	04	49	803	324

28	1	16	185	112
29	1	4	12	44
30	1	10	22	16
	1	0	03	14
	1	06	02	28
Total dia 30	03	16	27	58
Total Geral	10	95	1088	582

De acordo com o quadro, inspirada no movimento nacional deflagrado em São Paulo, a página “0,20 Não é por Centavos. É por Direito ES” iniciou postagens no dia 25, utilizando recursos multimídia de áudio, vídeo e texto. A última postagem da comunidade ocorreu no dia 13 de janeiro de 2015, com uma atualização da foto de capa e uma postagem relativa à manifestação “Tarde na Praça”, contra a tarifa, agendada para 14 horas do dia 16 de janeiro, na Praça Costa Pereira, no Centro de Vitória.

A página havia paralisado suas postagens desde o dia 22 de janeiro de 2014. Um total de 7.710 pessoas curtiu a página da comunidade. O dia 27, que antecedia o ato do dia 28, o Terceiro Grande Ato, foi o dia mais movimentado da página no mês de junho. O *post 2*, do dia 27, referente a convocação para a manifestação pelas ruas obteve o maior número de compartilhamentos, 414 no total.

O maior número de curtidas ficou para o *post 3*, que menciona as pautas para o Ato neste mesmo dia. O *post 3*, do dia 27, também obteve o número maior de comentários e versava sobre criminalização de setores sociais. Durante o “Outono Brasileiro”, a página apresentou o relatório da assembleia realizada no dia 29 de junho, em frente ao Restaurante Universitário, na Universidade Federal do Espírito Santo. Os pontos de pauta foram, além dos informes, a avaliação do movimento, pautas estaduais e os próximos passos do movimento. Também ocorreram protestos, informes de assembleias, convocação para passeatas e contra a criminalização dos movimentos sociais.

A página do evento recebeu 124 curtidas, 43 comentários e 86 compartilhamentos. Com números ainda mais relevantes, nesta referida página, 118 mil pessoas foram convidadas e 9,7 mil confirmaram presença e outras 3,3 mil mostraram que tinha interesse. O companheirismo

pode ser verificado pelo apoio ao movimento na página de eventos quando ocorreu um número elevado de intenções de participações, tanto nas assembleias, como nos movimentos de rua. Neste caso, cerca de 1/3 da população da capital em junho de 2013.

Os movimentos não foram limitados e vinculados fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões etc.), pois também tiveram um cunho de projeto político ou de sociedade. É possível constatar pelas pautas dos movimentos demonstradas na página.

As pautas versavam sobre atualidades, tanto em nível regional como local, no que tange a mobilidade urbana, educação, meio ambiente, direitos humanos e saúde. Em nível nacional, havia reivindicações como 10% do PIB para saúde pública, outros 10% para educação pública, auditoria da dívida pública já e contra a criminalização dos movimentos sociais. Agora é o momento de analisarmos a página “Não é por 20 centavos, É por Direitos”, a partir das características das manifestações fornecidas pelo nosso referencial teórico.

- Características das manifestações em nível mundial e local: “Os movimentos são simultaneamente locais e globais”. Além da pauta local, havia conexão com movimentos semelhantes pelo país e pelo mundo.

Na última postagem do mês de junho, realizada no dia 30, ocorreu a convocação para o “Quarto Grande Ato – Não é por 20 centavos”, agendado para o dia 4 de julho. Na postagem colocou-se um *link* para o relatório da assembleia realizada no dia anterior, dia 29 de junho.

Figura 28 – Post de 30 de junho de 2013

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

30 de junho de 2013 ·

QUARTO GRANDE ATO - Não é por 20 centavos

DIA: 04/07 (quinta-feira)

CONCENTRAÇÃO:

Vitória: UFES as 17h, saída as 18:30h.

Vila Velha: Posto ao lado da Terceira Ponte as 17h, saída 18h30 e unificação ao ato no Pedágio



Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Post

Demorou mais saiu !
Relatório da Assembleia de ontem

INFORMES

1. O Sindipúblicos irá realizar um ato nessa segunda-feira (01)
2. Fomos avisados que o Governador Casagrande deseja se reunir nessa semana com representantes do movimento para discutir a pauta estadual;
3. IFES irá realizar uma mesa-redonda para discutir sobre as manifestações sociais. Uma estudante, que estava presente na assembleia, pediu que um representante do movimento marcasse presença na mesa-redonda;
4. Os enfermeiros irão realizar um protesto de âmbito nacional nessa segunda-feira (01). Em Vitória, o ato irá começar às 09h, em frente à Assembleia Legislativa. A pauta será: Piso Salarial; Carga horária; Ato Médico; Contra a privatização da área da saúde;
5. Ocorrerá nessa terça-feira (02), na UFES, um debate sobre as manifestações das últimas semanas. Começa às 18h, no ED7 (UFES).

AValiação

Abriu-se a inscrição para os presentes fazerem uma avaliação das assembleias e das manifestações.

PAUTAS ESTADUAIS

Obs: foi acordado um coro mínimo de cinco pessoas que solicitem destaque para debater a proposta.
Tempo máximo de fala por pessoa: 2 minutos
Propostas debatidas e aprovadas:

REVINDICAÇÕES ESTADUAIS:

Mobilidade Urbana

1. Implementação do projeto Tarifa Zero já !
2. Reabertura do Aquaviário já !

3. Enumeração de todos os pontos de ônibus da Grande Vitória
4. Fim do pedágio da Terceira Ponte e da rodovia ES 010
5. Suspensão imediata do contrato da Rodosol pelo Governo do Estado
6. Discussão pública sobre a mobilidade urbana
7. Contra a privatização BR 101
8. Convocação Imediata da Conferência de Mobilidade Urbana
9. Transparência nas planilhas de gastos e investimentos da CETURB / Sistema TRASCOL
10. Ciclovias Contemplando As Principais Vias De Todos Os Bairros Da Grande Vitória
11. Desarquivamento e divulgação dos documentos da antiga CPI do Transcol e abertura de nova CPI sobre as irregularidades do sistema Transcol
12. Aumentos da frota de ônibus
13. Ampliação das linhas e frotas dos ônibus 24hs
14. Que o Concelho de Mobilidade Urbana de fato discuta melhorias no transporte público, que seja composto por 25% governo, 25% rodoviários, 50% usuários
15. Administração direta da CERTUB sem concessão.
16. Passe Livre para estudantes e desempregados

Educação

17. Criação da Universidade Estadual do ES
18. Inclusão do Projeto Mais Educação Integral e Pré-Ifes em todas as escolas públicas
19. Priorizar educação destinando verbas para melhoria da infra-estrutura e valorização dos professores
20. 30% do orçamento estadual para educação

Meio Ambiente

21. Abertura de CPI do pó preto
22. Investigação pelo MP de irregularidades do IEMA/SEAMA no licenciamento de grandes empreendimentos poluidores no ES
23. Contra a privatização da CESAN
24. Contra novos portos no ES, construídos sem discussão ampla e deliberação pública.

Direitos Humanos

25. Pela não criminalização dos Movimentos Sociais no ES
26. Humanização do Sistema Penal com punição imediata dos gestores por crime de tortura em presídios e delegacias no ES
27. Implementação de políticas públicas de juventude - Pelo fim do extermínio da juventude negra

Saúde

28. Contra o Projeto "Rede Abraço"
29. Melhorias e prioridade de investimentos nos serviços públicos básicos: saúde, segurança e transporte

Outros

30. Realização de concurso para procurador municipal, e a homologação dos já concursados
31. Criar mecanismo de comunicação que contemple as comunidades dos municípios acessar informações via banda larga
32. Frente contra a ONG "Espírito Santo Em Ação", como uma organização que detém as rédeas do Estado e do investimento público
33. Facilitação legal para ocupações de construções e terrenos abandonado
34. Fim da perseguição política por meio de Processos Administrativos Disciplinares abertos contra sindicalistas e militantes da Ufes e do Ifes
35. Transparências de gastos públicos
36. Empregados públicos, agente públicos em função (cargo) de confiança no estado e municípios, inclusive nas empresas públicas, que sejam ficha suja, entreguem os cargos imediatamente. Inclusive nas empresas onde o governo e acionistas.
37. Fim da isenção fiscal para o setor atacadista e divulgação dos valores que deixam de ser arrecado pelo estado
38. Concurso público para conselheiros do TC-ES, não a indicação por deputados.

Municipal

39. Implementação imediata da proposta de mobilidade urbana defendida durante a campanha eleitoral, com cronograma de conclusão
40. 35% do orçamento investimentos educação municipal
41. Priorizar educação destinando verbas para melhoria da infra-estrutura e valorização dos professores
42. Melhorias e prioridade de investimentos nos serviços públicos básicos: saúde, segurança e transporte

PRÓXIMO PASSOS:

- Ato quinta-feira, 04 de julho
- Ato quinta-feira, 11 de julho, adesão a greve geral que está sendo puxada nacionalmente por todas as centrais sindicais

TRAJETO DO ATO DE QUINTA-FEIRA, 04 DE JULHO:

A manifestação terá como destino final a Praça do Pedágio, a fim de liberar as cancelas da Terceira Ponte.

A concentração do ato deva ocorrer em apenas dois pontos: UFES E Vila Velha.

Concentração a partir das 17h na UFES – Saída às 18h30

Concentração a partir das 18h em Vila Velha, em frente ao posto BR – Saída às 19h

PRÓXIMA ASSEMBLEIA DO MOVIMENTO:

SÁBADO, DIA 06/07 - PARQUE TANCREDÃO – NO ESTACIONAMENTO AO LADO DO SKATE PARK

HORÁRIO: 14H – O MESMO DAS DEMAIS REUNIÕES

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: O número de compartilhamentos demonstram a viralização on-line inerente ao movimento, seja no tocante a conteúdos, seja na direção de espriar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização. Nas postagens, o número de compartilhamento é destaque, obtendo um número maior, na maior parte das vezes, quando comparado a curtidas e comentários.

Na postagem do dia 27 de junho era apresentada as pautas estaduais do Terceiro Grande, previsto para o dia 28. Foram 319 compartilhamentos e 146 curtidas recebidas. Em todos os atos foram demonstradas as pautas dos movimentos e os relatórios das assembleias e a convocação para os atos.

Figura 29 – Post de 27 de junho de 2013**Post****Não é por 20 centavos, é por direitos ES****TERCEIRO GRANDE ATO****PAUTAS ESTADUAIS:**

1. Reabertura do Aquaviário
2. Suspensão imediata do contrato da Rodosol pelo Governo do Estado
3. Discussão pública sobre a mobilidade urbana
4. Abertura da CPI do Pó Preto
5. Realização de Concurso para Procurador Municipal
6. Transparência da Ceturb

7. Implantação de Política Pública da Juventude - Pelo fim do extermínio da Juventude negra
8. Universidade Estadual do ES
9. Investigação pelo MP de irregularidades do Iema/SEAMA no licenciamento de grandes empreendimentos poluidores do estado.

PAUTAS NACIONAIS:

1. 10% do PIB para saúde pública
2. 10% do PIB para educação pública
3. Pela inversão das prioridades: Auditoria da dívida pública já
4. Contra a criminalização dos movimentos sociais

#VemPraRua

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Em outra postagem do dia 27 de junho apresentando as pautas estaduais e convocando para o terceiro grande ato foram 114 curtidas e 415 compartilhamentos.

Figura 30 – Post de 30 de junho de 2013

Post

27 de junho de 2013

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

TERCEIRO GRANDE ATO - SAÍDA DE VILA VELHA

PAUTAS ESTADUAIS:

1. Reabertura do Aquaviário
2. Suspensão imediata do contrato da Rodosol pelo Governo do Estado
3. Discussão pública sobre a mobilidade urbana
4. Abertura da CPI do Pó Preto
5. Realização de Concurso para Procurador Municipal
6. Transparência da Ceturb
7. Implantação de Política Pública da Juventude - Pelo fim do extermínio da Juventude negra
8. Universidade Estadual do ES
9. Investigação pelo MP de irregularidades do Iema/SEAMA no licenciamento de grandes empreendimentos poluidores do estado.

PAUTAS NACIONAIS:

1. 10% do PIB para saúde pública
2. 10% do PIB para educação pública
3. Pela inversão das prioridades: Auditoria da dívida pública já
4. Contra a criminalização dos movimentos sociais



Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: As manifestações foram reprimidas em vários momentos, conforme exibido nas postagens dos grupos, como no dia 30, 29, 28 de junho. Também foi possível perceber atos de violência.

Figura 31 – Posts de 30 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

30 de junho de 2013

Foi assim que ficou um professor atingido por uma bomba de gás lacrimogênio na manifestação hoje no Rio de Janeiro

#ContraACriminalizaçãoDosMovimentosSociais



Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES compartilhou a foto de Tales Felix.

29 de junho de 2013 ·

Outro relato da ação da polícia na noite desta sexta-feira.



Tales Felix

29 de junho de 2013 ·

Vitória/ES, 29/06/2013

Nós acreditamos viver numa democracia e ficamos felizes por isso, porém mal sabemos que vivemos uma ditadura que o governador utiliza um...

Lobo Pasolini e outras 26 pessoas curtiram isso.

11 compartilhamentos

Linda de Abreu "A bala de borracha nao é completamente feita de latex. Ela é uma bolinha de ferro envolvida em borracha, assim tem mais estabilidade e convenhamos, so borracha nao ia fazer nada.

PORÉM, percebi que os danos causados por algumas balas de borracha estão... [Ver mais](#)

29 de junho de 2013 às 13:56 · [Curtir](#) · 1

Linda de Abreu A polícia está tratando todos os manifestantes como bandidos, isso é inaceitável.

29 de junho de 2013 às 13:57 · [Curtir](#) · 4

Priscila Dalfior porque eles não encurralaram as 100 mil pessoas da semana passada? o povo em massa eles não conseguem conter, mas estão querendo que a cada dia a manifestação perca força, não podemos parar!

29 de junho de 2013 às 14:06 · [Curtir](#) · 3

Joao Carlos só isso a dizer!

<http://objection.mrdictionary.net/go.php?n=6772660>

Objection!

OBJECTION.MRDICIONARY.NET

29 de junho de 2013 às 16:18 · [Curtir](#)

Emerson Tomate Não podemos fazer igual a imprensa faz, ficar mostrando apenas o vândalismo e violência das manifestações.

Vamos gerar um movimento para todos postarem fotos e vídeos mostrando muito mais o bem da manifestação: as crianças, os pais, a alegria, os cartazes, a paz e a nossa felicidade de estarmos ali lutando pelo Brasil.... [Ver mais](#)

29 de junho de 2013 às 16:28 · [Curtir](#) · 4

Emerson Tomate Fica a Dica.

29 de junho de 2013 às 16:28 · [Curtir](#)

Fabíola Cerqueira Concordo Emerson. Vamos postar as fotos que mostram a beleza do movimento, mas não podemos nos calar diante da truculência da polícia e da negligência desse Estado.

29 de junho de 2013 às 21:34 · [Curtir](#) · 3**Post****Não é por 20 centavos, é por direitos ES**

29 de junho de 2013 ·

À todas as vítimas de violência pelo abusos de policiais, por favor, contate-nos. Se puderem passar qualquer vídeo, foto de qualquer má conduta que vocês tenham, nos passem. Queremos averiguar cada fato e cada vítima. Não podemos deixar que isso aconteça e devemos exigir dos órgãos e instituições punição aos responsáveis pelo abuso de poder.

Lori Regattieri, Vitor Bermudes e outras 42 pessoas curtiram isso.
12 compartilhamentos

Theolla Scardua <http://www.youtube.com/watch?v=AKR3YJxHjAE>

Protestos ES - Polícia cria confusão com manifestantes - ...

YOUTUBE.COM

29 de junho de 2013 às 12:56 · Curtir

Fernanda Castro Podem verificar no meu status o que ocorreu comigo, meu marido e minha sogra de 65 anos!!

29 de junho de 2013 às 12:56 · Curtir · 1

Theolla Scardua https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded...

Manifestação encima da 3° ponte veja a realidade do Fatos...

YOUTUBE.COM

29 de junho de 2013 às 12:56 · Curtir · 2

Não é por 20 centavos, é por direitos ES Alguém conhece esse menino de bicicleta que aparece no vídeo?

29 de junho de 2013 às 13:11 · Curtir

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES compartilhou a publicação de Marcelo Pitaxá.

30 de junho de 2013

Outro relato do despreparo da polícia

Marcelo Pitaxá com Cássio Rebouças de Moraes.

30 de junho de 2013 ·

eu mais um monte de pessoas fomos encurralados na terceira ponte na ultima manifestação. detidos e levados pro batalhao dos bombeiros sem nenhuma acusação ou prova.

tanto q todos (dos que vi) foram liberados sem ter q assinar nada depois de um terrorismo psicologico barato.

uma ação pro Jornal A Gazeta que junto a policia vao gerar uma falsa noticia sobre o controle da situacao.

a verdade eh q a policia esta mais q despreparada.

meu maximo respeito a galera dos direitos humanos q nao saiu de la enquanto todos nao foram liberados! a

policia q tinha ameaçado de bater, principalmente nos menores, ficou pianinha qdo viu os advogados la do lado do povo.

muito obrigado Jose Garajau Marcela Mattos que ja tavam la fora me esperando pra carona.

so um resumo do q rolou...

4 pessoas curtiram isso.

Kênia Bitarães Que isso não se repita nas próximas manifestações...Pura ditadura militar!!! Devem estar ganhando muito bem prá agirem assim. Sai fora!!!

30 de junho de 2013 às 17:25 · Curtir

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

29 de junho de 2013 ·

A Polícia Militar impedindo o direito de ir e vir?! TEM QUE VER ISSO AÍ.

Protestos ES - Polícia cria confusão com manifestantes - 28/06/2013

Vídeo filmado dia 28/06/2013 em frente a praça de pedágio da terceira ponte. Vitória, ES Veja como começa uma confusão. De quem partiu? Quem começou? Repare ...

YOUTUBE.COM

Apoena Medeiros e outras 36 pessoas curtiram isso.

49 compartilhamentos

M Claudia Théo Zucchi Lamentável.

29 de junho de 2013 às 09:02 · Curtir · 1

Nathália Pontara Sacripantas essa PM!Ver tradução

29 de junho de 2013 às 09:05 · Curtir

Liliam Romanha Depois da confusão tentei passar por ali,um policial impediu e falou q avisou q n era pra população ter ido pras ruas.

29 de junho de 2013 às 09:50 · Curtir

Túlio Caio Alves Dos Anjos 1º de Julho eles vão ver se não é pra ir pra rua!

29 de junho de 2013 às 09:58 · Curtir · 1

Jess Melo tentei passar pela direção da rua que vai pro shopping, e um da BME encencou com a blusa que coloquei na cabeça pra proteger do gas! Bateu na minha cabeça com violencia para tirar a blusa, fiquei puta da vida ...depois foi me puxando pro camburão e me "jogou lá dentro! Logo após esse cara de bike do lado esquerdo do video foi 'jogado' lá tb, com a cabeça sangrando!

29 de junho de 2013 às 10:01 · Curtir

Priss Reges Ferreira Temos que fazer uma manifestação contra o despreparo e a truculência da polícia, afinal ela não cansa de falar que está lá para nos defender, mas nos defender de quê, se é ela quem nos reprime e oprime?

29 de junho de 2013 às 10:16 · Curtir

John Erik Souza contra os vagabundos a policia nao tem essa disposicao toda... por isso que vai continuar ganhando esse salario que ganha..

29 de junho de 2013 às 10:47 · Editado · Curtir · 1

David G. Borges Leiam a parte especial, cap. I, art. 133, II-B. "Utilizar-se de anonimato" é uma transgressão GRAVE para um policial militar no estado do ES, e por isso é passível de punição severa. Retirar os nomes do uniforme, como tem sido feitopela polícia nos últ...Ver mais

29 de junho de 2013 às 11:51 · Curt

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES compartilhou a foto de Darsilvio Junior.
28 de junho de 2013 ·



Darsilvio Junior

19 de junho de 2013

Esse garotão ae tomou uma bala da polícia... covardia demais! Eu tava lá e vi, não me contaram... É realmente uma bala que faz chorar e a gente chora msmo!

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: Os movimentos, conforme percebido pelas postagens, tinham a intenção de abrir possibilidades para a discussão de um projeto político e de sociedade, conforme post do dia 29 de junho (a seguir). A iniciativa foi postada, mas em dezembro de 2015, quando fizemos as coletas, as páginas vinculadas a tal link já não estavam mais disponíveis.

Figura 32 – Post de 29 de junho de 2015

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

29 de junho de 2013 ·

Vamos utilizar o link <http://bit.ly/protestoES> para documentar, priorizar e visualizar nossos objetivos. Em seguida, vamos usá-lo como guia e alcançar o futuro que sonhamos.

Este será um longo processo e certamente passará por uma reforma estrutural política e no modelo democrático deste país. Calma e persistência deverão ser as bases para nossa luta, comemorada por cada vitória.

Passo 1: Assista o vídeo "Como usar o Trello" http://www.youtube.com/watch?v=_0tCTM87SU4

...Ver mais

#ProtestoES - Propostas para um País melhor

Grupo para discussão e organização dos protestos e manifestações no Espírito Santo.
TRELLO.COM

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: Postagens favoráveis aos movimentos sociais constituídos foram poucas nestas páginas *on-line*.

No dia 28 de junho foi convocado um ato em defesa dos direitos e contra a criminalização dos movimentos sociais. A postagem alcançou 112 curtidas de pessoas e 185 compartilhamentos e 15 comentários.

Figura 33 – Post de 29 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

28 de junho de 2013 ·

Hoje é de mais um ato em defesa de nossos direitos e contra a criminalização dos movimentos sociais.

<http://m.facebook.com/...>

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em: 01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: A centelha de indignação que desencadeou a maior parte dos movimentos sociais pelo mundo ocorreu no Brasil com as manifestações contrárias ao aumento da tarifa por parte do governo de São Paulo. No Espírito Santo ocorreu com a adesão ao movimento capitaneado por um grupo ligado aos movimentos sociais.

A postagem inaugural do grupo ocorreu no dia 25 de junho convocando para a assembleia geral no dia 29 de junho, às 14 horas, no Cine Metrópolis. O *post* recebeu 61 compartilhamentos e 44 pessoas curtiram.

Figura 34 – Post de 25 de junho de 2013**Post****Não é por 20 centavos, é por direitos ES**

25 de junho de 2013

NOVA ASSEMBLEIA MARCADA:

Dia 29/06

Às 14h

Em frente ao Cineclube Metrópolis

Vamos dar prosseguimento às pautas gerais do movimento, organização e data do próximo ato. Tragam suas sugestões para serem discutidas e incluídas.



Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: Também nas páginas “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” foi demonstrado que havia trajetos definidos dos atos, eles eram apresentados nas páginas do eventos, com locais, horários de início e encerramento, como no dia 28 de junho.

Figura 35 – Post de 28 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES compartilhou a própria foto.

28 de junho de 2013

TERCEIRA PONTE FOI LIBERADA PELA GUARDA DE TRÂNSITO

Moradores de Vila Velha interessados em participar do protesto de hoje:

A organização do evento entrou em contato com a Guarda de Trânsito e a travessia da 3ª ponte foi liberada. A concentração em VV será próximo ao Shopping Praia da Costa, no posto próximo antes da subida da Terceira Ponte.

Concentração: 17h

Saída: 18h

Os manifestantes de Vila Velha se unificam aos manifestantes que sairão da UFES na Praça do Pedágio. De lá, todos partirão para a sede da Rede Gazeta, acabando posteriormente na Prefeitura de Vitória.

Segue aqui carta aberta enviada à imprensa capixaba, inclusive ao jornal A Gazeta: <http://migre.me/fe2YW>

Carta aberta do Movimento “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” à imprensa capixaba

O movimento “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” em comunhão com outros veículos de comunicação do estado do Espírito Santo convocou a manifestação agendada para sexta-feira (28), além dos aspectos gerais desse movimento, organizado e representado pelos cidadãos capixabas.

A data e o objeto da manifestação foi proposta e votada por expressiva maioria na assembleia do último domingo (23), realizada em frente ao Cine Metropol, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O ato terá concentração em dois pontos principais: O Campus de Guarabira da UFES e do posto de gasolina próximo à subida da terceira ponte em Vila Velha, percorrendo a Terceira Ponte, para chegar à capital. A manifestação terá o seguinte trajeto: avenida Fernando Ferrari, avenida Nossa Senhora da Penha, Praça do Pavilhão, Avenida Bena Mite, passando pela PMV e chegando à Rêde Gazeta.

Isso porque devemos anunciar nossa forte crítica e repúdio à maneira como está se dando a cobertura dos movimentos sociais feitos pela imprensa capixaba. Nota-se que, ao invés de destacar o caráter social e democrático das manifestações, destina-se a vincular imagens que contribuem para uma visão negativa dos manifestantes.

Observar-se, ao longo das semanas, que as coberturas do movimento ocupam os espaços de destaque nos jornais, portais com conteúdo vasto sobre as greves e bandeiras de luta. Destacamos os dois indivíduos, as duplas e coletivos e outros notáveis que usam apenas a palavra lábia.

O movimento “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” é intencionalmente contrário a esse tipo de cobertura jornalística.

Podemos tratar, no entanto, tanto em relação à pauta pensada e discutida em nossas assembleias e apresentada à população, como às ações que transcorrem durante nossas manifestações.

Comunicamos, portanto, que todas as informações relacionadas ao movimento “Não é por 20 centavos, é por direitos ES” serão publicadas em nossa página oficial do Facebook.

A seguir: <https://www.facebook.com/20centavosES/>

PAUTAS NACIONAIS

1. 10% do PIB para saúde pública;
2. 10% do PIB para educação pública;
3. Pela inversão das prioridades: Auditoria da dívida pública já;
4. Contra a criminalização dos movimentos sociais.

PAUTAS ESTADUAIS

1. Respeito ao Aquilino;
2. Suspensão imediata do contrato da Rodovias pelo Governo do Estado;
3. Discussão pública sobre a mobilidade urbana;
4. Abertura da CP do P3 Preto;
5. Realização de Concurso para Procurador Municipal e a chamada imediata dos concorrentes;
6. Transparência da Carreira;
7. Implantação de Política Pública de Assistência – Pelo fim do estereótipo da Assistência negra;
8. Universidade Estadual do ES;
9. Investigação pelo Ministério Público do ES de irregularidades do EMA/SEAMA (ligado ambiental ES) no licenciamento de grandes empreendimentos petrolíferos do estado – incluindo investigação sobre a falta de Autonomia Científica dos Técnicos, e a responsabilização do Governador.

É preciso ressaltar, ainda, que este não é a pauta definitiva do movimento “Não é por 20 centavos, é por direitos ES”. O movimento ainda está se organizando e aprimorando as propostas/indicações de cada integrante. As propostas sugeridas na última assembleia somente mais de 200. Por conta disso, nossas assembleias serão mobiladas. Sendo a próxima, nesse sábado (29), às 14h, em frente ao Cine Metropol, na UFES.

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

O jornal também cobriu das autoridades estaduais e federais investimentos em infraestrutura, como a duplicação das rodovias federais.

Corrupção

Verba da Copa

Diversidade

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: As páginas foram utilizadas tanto para prestação de serviço como relatório de reuniões, convocação para os eventos e palavras de ordem. Como pode ser visto nas postagens do dia 28.

Figura 36 – Post de 28 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

28 de junho de 2013

ORIENTAÇÕES JURÍDICAS PARA QUEM FOR NA MANIFESTAÇÃO:

1. A polícia PODE te deter, por alguns minutos, para “averiguação”. Ou seja, para verificar se você está carregando bombas, armas, drogas, etc. A polícia NÃO PODE te prender para averiguação, te jogar em um camburão, e te levar para a delegacia;
2. Se você for pego cometendo algum crime (independente das razões para isso), você poderá ser preso. Se você estiver portando drogas, bombas, armas, ou estiver depredando o patrimônio público, a polícia PODE te prender e te levar para a delegacia;
3. Você tem o direito de permanecer calado diante de qualquer pergunta, de qualquer autoridade. Você também tem direito, na delegacia, de contar com o auxílio de um advogado. Se você for preso, levado para a delegacia, e quiserem tomar o seu depoimento, EXIJA um advogado presente. Se não permitirem a presença de um, dê como declaração o seguinte: “PERMANECEREI EM SILÊNCIO, PORQUE ME FOI NEGADO O DIREITO DE TER UM ADVOGADO ACOMPANHANDO ESTE ATO”. Isso tem que ficar documentado no papel. Se o delegado ou o agente da polícia civil se negar a colocar isso no papel, NÃO ASSINE NADA!
4. Na delegacia, LEIA TUDO ANTES DE ASSINAR! Se o que estiver escrito não for a realidade, ou se você não disse alguma coisa que está escrita, NÃO ASSINE;
5. Se você for preso, não adianta discutir com o policial. Não reaja. Anote o nome de todos. Grave-os na sua memória. Se você vir alguém sendo preso, FILME! E, se souber o nome de quem está sendo preso, colete outros nomes ao redor, com telefone para contato, que poderão no futuro servir de testemunhas. Após, entre em contato com a pessoa que foi presa e repasse as informações.
6. Qualquer revista da polícia, em você ou em mochilas, DEVE SER FEITA NA PRESENÇA DE TODOS. A polícia NÃO PODE pegar a sua mochila e ir verificá-la longe dos olhos de todos.
7. Se você estiver machucado, EXIJA ATENDIMENTO MÉDICO IMEDIATO, mesmo antes de ir para a delegacia. A sua saúde deve ser mais importante do que a sua prisão.
8. Alguém foi preso ou está precisando de auxílio de algum advogado, entre em contato pela página “Habeas Corpus Movimento Passe Livre Manifestação 17/6”. Já somos mais de 4000 dispostos a te ajudar, gratuitamente.

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

28 de junho de 2013 ·

Como se defender do spray de pimenta:

**MANUAL NAOSALVO.COM.BR DE
COMO SE DEFENDER
DO SPRAY DE PIMENTA**

VOCÊ VAI PRECISAR	COMO FAZER						
<p>1. Máscaras cirúrgicas (vendidas em farmácias)</p>  <p>2. Recipiente de spray</p>  <p>3. Antiácido líquido (Gastrol, Asilone ou qualquer anti ácido líquido vendido na farmácia)</p>							
<p>MODO DE USO</p> <p>1. Preencha metade do recipiente com água e a outra metade com o antiácido;</p> <p>2. Quando for exposto ao spray de pimenta, borrife a mistura nos olhos, boca e rosto. Depois, engula.</p>							
<p>OUTROS PRODUTOS QUE AJUDAM A AMENIZAR OS EFEITOS</p> <table border="0"> <tr> <td>1. Bicarbonato de sódio</td> <td>4. Leite de magnésia</td> </tr> <tr> <td>2. Leite</td> <td>5. Álcool</td> </tr> <tr> <td>3. Shampoo infantil</td> <td>6. Hidróxido de alumínio</td> </tr> </table>		1. Bicarbonato de sódio	4. Leite de magnésia	2. Leite	5. Álcool	3. Shampoo infantil	6. Hidróxido de alumínio
1. Bicarbonato de sódio	4. Leite de magnésia						
2. Leite	5. Álcool						
3. Shampoo infantil	6. Hidróxido de alumínio						
<p>NÃO ESFREGUE A ÁREA AFETADA</p>							

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: Pelas postagens dos organizadores das páginas e dos comentários são percebidas as interações em tempo real durante as manifestações e logo após os eventos. Os comentários das postagens demonstravam, por vezes, descontentamentos em relação a reivindicações ou direcionamentos pelos organizadores das páginas.

Figura 37 – Post de 30 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES
30 de junho de 2013 ·

Demorou mais saiu !
Relatório da Assembleia de ontem

Eudes Vianna Vianna Amanha sairemos da Ufes??Certo?? as 06 horas??

30 de junho de 2013 às 23:46 · [Curtir](#) · 2

Eduardo Scalzer Cadê o movimento contra a corrupção? Dissolveu-se nessa necessidade de fetiche revolucionário que quer mudar tudo de uma só vez? Alguém se lembra que, no passado, prefeitos bandidos de todo o Espírito Santo tiveram seus processos arquivados sem que nen... [Ver mais](#)

1 de julho de 2013 às 00:27 · [Curtir](#) · 12

Fabricio De Paula Meira O Eduardo Scalzer tem razão. Essa pauta gigantesca só faz mais uma vez dispersar as idéias. E outra, já passou da hora de ficar ensaiando manifestação depois do expediente quando só o que se tem conseguido ultimamente é a indignação do trabalhador que só quer chegar em casa depois de mais um dia de labuta.

1 de julho de 2013 às 00:49 · [Curtir](#) · 5

Plínio Medeiros As pautas estão ficando cada vez melhores.

1 de julho de 2013 às 01:52 · [Curtir](#) · 1

Washington Cezario shooooow

1 de julho de 2013 às 05:34 · [Curtir](#)

Anderson Kamalyon Parabéns galera, so queria que as pautas fosse escolhida aqui no face, mas está, PARABÉNS

1 de julho de 2013 às 06:44 · [Curtir](#)

Daiane Campos Juvencio Muito bom... orgulho... só faltou melhor pontuação e descrição da pauta da Saude.

1 de julho de 2013 às 07:11 · [Curtir](#) · 2

Rafael Lages Apenas uma contribuição:

Algumas localidades já estão corrigindo um equívoco que nós ainda insistimos em manter.... [Ver mais](#)

1 de julho de 2013 às 07:11 · [Curtir](#) · 13

Marcio Correa Necessidades básicas mesmo !!! Isso e a correção de 30 anos de atraso

1 de julho de 2013 às 07:16 · [Curtir](#)

Antonio Coutinho Muito bom as reivindicações. Um pouco de tudo que aparece nas manifestações. Não foi discutido como ISOLAR os mascarados das manifestações. Eles atrapalham o movimento. Quando tem baderna a imprensa valoriza mais este assunto e as reivindicações ficam em segundo plano.

1 de julho de 2013 às 08:44 · [Curtir](#) · 2

Marcelle Altoé rrsr Verdade Lindamaris de Abreu!!! Verdade!! rrsr

1 de julho de 2013 às 09:21 · [Curtir](#)

Patricia Helena Garcia Que pedágio da ES 010?

1 de julho de 2013 às 09:27 · [Curtir](#)

Karla Lopes SÓ ACHO QUE NÃO CUSTAVA NADA TER NA LISTA DE REIVINDICAÇÃO NACIONAL O ESTATUTO DO DOENTE CRÔNICO, ESTOU INDO AS REUNIÕES PARA VER SE O POVO CAPIXABA ENTENDA A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO DOS DOENTES DO BRASIL ... ESTATÍSTICAS ... CÂNCER... [Ver mais](#)

ESTATUTO DO DOENTE CRÔNICO

Este é um serviço público de disponibilização gratuita de abaixo-assinados. A responsabilidade dos...
ABAIXOASSINADO.ORG

1 de julho de 2013 às 09:55 · [Curtir](#) · 4

Karla Lopes SÓ ACHO QUE NÃO CUSTAVA NADA TER NA LISTA DE REIVINDICAÇÃO NACIONAL O ESTATUTO DO DOENTE CRÔNICO, ESTOU INDO AS REUNIÕES PARA VER SE O POVO CAPIXABA ENTENDA A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO DOS DOENTES DO BRASIL ... ESTATÍSTICAS ... CÂNCER...[Ver mais](#)

ESTATUTO DO DOENTE CRÔNICO

Este é um serviço público de disponibilização gratuita de abaixo-assinados. A responsabilidade dos...
ABAIXOASSINADO.ORG

1 de julho de 2013 às 09:55 · [Curtir](#) · 2

Não é por 20 centavos, é por direitos ES **Karla Lopes** Ei querida, bom dia. Sabemos da importância da sua proposta criando o estatuto do doente crônico e achamos que deveria ser inclusiva em âmbito nacional, não estadual. Portanto, iremos colocá-lo na pauta NACIONAL para ser apresentada. No enta...[Ver mais](#)

1 de julho de 2013 às 10:20 · [Curtir](#) · 3

Não é por 20 centavos, é por direitos ES **Karla Lopes** No entanto, se você preferir, podemos incluí-lo nas reivindicações estaduais, na parte de saúde.

1 de julho de 2013 às 10:23 · [Curtir](#) · 2

Mara Coradello A Gazeta Online disse que o nome da marcha de quinta é#vitoria500milnarua, isso é verdade?

1 de julho de 2013 às 10:38 · [Curtir](#) · 1

Henrique Stein Gostei da pauta, mas concordo com os comentários do Eduardo Scalzer e do Rafael Marighella.

1 de julho de 2013 às 12:42 · [Curtir](#) · 1

Ronni Garcias Pereira ES 010 é a rodovia do sol. No caso, só há pedágio na sul. A ES 010 norte liga carapina a Aracruz.

1 de julho de 2013 às 13:11 · [Curtir](#)

Swami Cordeiro Bérnago Boa. Mas a pauta da EDUCAÇÃO me parece que tem condições de avançar. Faltam elementos fundamentais que representa o combate à corrupção e a qualidade no ensino. Infelizmente não pude ir nesta assembleia, pois estava fazendo uma avaliação.

SUGIRO. ...[Ver mais](#)

1 de julho de 2013 às 13:23 · Editado · [Curtir](#) · 1

Karla Lopes Pode incluir o Estatuto na marcha Estadual também, assim ganha força também pra marcha Nacional. Obrigada.

1 de julho de 2013 às 13:19 · [Curtir](#) · 1

Caio Ferrari De Castro Melo mas*

1 de julho de 2013 às 13:52 · [Curtir](#)

Ana Paula Fialho E contra Corrupção nada?É por Isso que Vamos as Ruas

1 de julho de 2013 às 14:40 · [Curtir](#)

Marcio Diasi Hã? Concurso pra Procurador Municipal? ai ai...

1 de julho de 2013 às 18:43 · [Curtir](#)

Ima Borges Donatelli Incluir porque não o voto facultativo.Chega de ser obrigada a votar.Aí sim,iremos oportunizar o político trabalhar. Pense nisso.

VOTO FACULTATIVO.

9 de julho de 2013 às 13:20 · [Curtir](#)

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: Também nesta comunidade foi percebida a crítica aos veículos de comunicação tradicionais. No dia 30 de junho e 28 de junho, era questionado o número de manifestantes.

Figura 38 – Posts de 30 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

30 de junho de 2013

Vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil!

Enquanto cerca de 78 mil pessoas viam o jogo dentro do Maracanã, mas de 100 mil estavam na rua lutando por mais investimentos para saúde e educação e pro um Maracanã acessível para toda a população.

#OMaracaÉNosso



Linda de Abreu, Emanuel Simon, Lobo Pasolini e outras 205 pessoas curtiram isso.
112 compartilhamentos

Wagner Teixeira E a globo falando cerca de 1000 a 1200 pessoas globo mentirosa
30 de junho de 2013 às 21:09 · Curtir · 1

Não é por 20 centavos, é por direitos ES Só uma correção, não foram 100 mil manifestantes e sim 10 mil.
30 de junho de 2013 às 21:22 · Curtir · 4

Wagner Teixeira Mesmo sendo 10 mil a Globo durante o jogo falou q era mil manifestantes.
30 de junho de 2013 às 21:36 · Curtir

Post**Não é por 20 centavos, é por direitos ES**28 de junho de 2013 · [Vitória](#)

A CBN (que pertence à rede Gazeta) acaba de noticiar 2 mil pessoas na manifestação. A polícia militar estimou cerca de 7 mil. Quantos serão?

[Lori Regattieri](#), [Brunella França](#) e [outras 34 pessoas](#) curtiram isso.

[1 compartilhamento](#)

[Anelise Mello](#) Falaram que tinha só 800 no jornal da rede gazeta...

[28 de junho de 2013 às 20:49](#) · [Editado](#) · [Curtir](#) · [1](#)

Não é por 20 centavos, é por direitos ES Pois é...

[28 de junho de 2013 às 20:49](#) · [Curtir](#)

[Brunno Freitas](#) eles estao em frente a ela ainda ???

[28 de junho de 2013 às 20:50](#) · [Curtir](#)

Não é por 20 centavos, é por direitos ES Sim!

[28 de junho de 2013 às 20:52](#) · [Curtir](#)

[Washington Da Silva Muniz Moreira](#) Cachorrada. 7Mil e CBN FALA QUE TEM 2MIL

[28 de junho de 2013 às 20:53](#) · [Curtir](#)

Post**Não é por 20 centavos, é por direitos ES**28 de junho de 2013 · [Vitória](#)

A CBN (que pertence à rede Gazeta) acaba de noticiar 2 mil pessoas na manifestação. A polícia militar estimou cerca de 7 mil. Quantos serão?

[Lori Regattieri](#), [Brunella França](#) e [outras 34 pessoas](#) curtiram isso.

[1 compartilhamento](#)

[Anelise Mello](#) Falaram que tinha só 800 no jornal da rede gazeta...

[28 de junho de 2013 às 20:49](#) · [Editado](#) · [Curtir](#) · [1](#)

Não é por 20 centavos, é por direitos ES Pois é...

[28 de junho de 2013 às 20:49](#) · [Curtir](#)

[Brunno Freitas](#) eles estao em frente a ela ainda ???

[28 de junho de 2013 às 20:50](#) · [Curtir](#)

Não é por 20 centavos, é por direitos ES Sim!

[28 de junho de 2013 às 20:52](#) · [Curtir](#)

[Washington Da Silva Muniz Moreira](#) Cachorrada. 7Mil e CBN FALA QUE TEM 2MIL

[28 de junho de 2013 às 20:53](#) · [Curtir](#)

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: Pelas postagens dos organizadores das páginas e dos comentários são percebidas as interações em tempo real durante as manifestações, como ocorreu no dia 28 de junho.

Figura 39 – *Posts* de 28 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

28 de junho de 2013 · [Vitória](#)

Acabamos de receber, por telefone, informações de uma manifestante. O protesto está em frente à Rede Gazeta e segue pacífico. A polícia militar está em frente ao prédio, junto com seguranças da empresa. Atrás e nas laterais estão policiais de elite (possivelmente o BME).

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

28 de junho de 2013

Terceira ponte liberada para a passagem de veículos.

[13 pessoas](#) curtiram isso.

[Marcia Anjos](#) amo essa pagina estao no momento...muito boa...

28 de junho de 2013 às 23:54 · [Curtir](#) · [1](#)

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

28 de junho de 2013 · [Vitória](#)

Trânsito: Norte-Sul com lentidão. Centro de Vitória totalmente livre.

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

28 de junho de 2013

3a ponte agora.



[Vitor Bermudes](#) e [outras 37 pessoas](#) curtiram isso.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

Características das manifestações em nível mundial e local: Os movimentos foram virais, tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimento em si, quanto na direção de espriar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização, conforme demonstrando em post do dia 27 de junho com 571 compartilhamentos.

Figura 40 – Post de 27 de junho de 2013

Post

Não é por 20 centavos, é por direitos ES

27 de junho de 2013

COMPARTILHEM!

Soubemos também de possíveis 2 ônibus que iriam sair de Terra Vermelha para o protesto.

Os políticos e grandes empresários estão usando os marginalizados como estratégia de ataque e criminalização forçada/formada.

ISSO É JUSTO? É ISSO QUE ELES ENSINAM?!

Eles querem conteúdo pra mídia sensacionalista aumentar seu ibope.

NÃO VAMOS DEIXAR ISSO PASSAR EM BRANCO!



Thayanny Pombal, [Erly Vieira Jr](#), [Ronaldo Pazini Marangoni](#) e outras 285 pessoas curtiram isso.
[571 compartilhamentos](#)

Disponível em: < <https://www.facebook.com/20centavosES/?fref=ts>>. Acesso em:01/12/2015

A seguir, apresentamos um cotejo das principais marcas do movimento capixaba, segundo as características observadas com as análises das páginas, com os pontos característicos verificados pelos autores de referência em nossos estudos.

Manuel Castells	Marcha capixaba
Os movimentos foram conectados em rede de múltiplas formas, off-line, como o impresso, e online por meio de celulares, smartphones, tablets, computadores de	Pelas postagens dos organizadores das páginas e pelos comentários, são percebidas as interações em tempo real durante as manifestações e logo após os

mesa e notebooks.	eventos.
Foram virais, tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimento em si, quanto na direção de espalhar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização onde quer que seja.	O número de compartilhamentos é destaque nas postagens, obtendo um número maior, na maior parte das vezes, quando comparado a curtidas e comentários.
Houve companheirismo por meio da web.	O companheirismo pode ser demonstrado pelo apoio ao movimento na página de eventos, quando ocorreu um número elevado de intenções de participações, tanto nas assembleias como nos movimentos de rua.
Houve questionamentos acerca das motivações, projetos, modos de mobilização etc., dentro do movimento. Ou seja, houve uma “autorreflexão” do movimento, tanto no que tange à deliberação das assembleias, como também em múltiplos fóruns da internet, como nos blogs e grupos de discussão nas redes sociais.	Os comentários das postagens demonstravam, por vezes, descontentamentos com relação a reivindicações ou direcionamentos pelos organizadores das páginas.
Castells também nota que os “os movimentos são simultaneamente locais e globais”, mixando temas locais, nacionais e globais.	Nas páginas de eventos, surgem as reivindicações em nível estadual e também as pautas em nível nacional, conforme o relatório da assembleia do dia 29 de junho, postado em 30 de junho.
Foram limitados e vinculados fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões, etc.) ou tiveram um horizonte de possibilidades ilimitado, pensando em	As pautas versavam sobre atualidades tanto em nível regional como local, no que tange a mobilidade urbana, educação, meio ambiente, direitos humanos e saúde. Em nível nacional, reverberaram-se

termos projeto político ou de sociedade.	reivindicações nacionais, como 10% do PIB para saúde pública, outros 10% para educação pública, auditoria da dívida pública já e contra a criminalização dos movimentos sociais, demonstrando que havia um projeto político ou de sociedade.
Foram espontâneos em sua origem, desencadeados por uma centelha de indignação.	A centelha de indignação ocorreu com a adesão ao movimento contrário ao aumento das passagens em São Paulo. Foi capitaneado por um grupo ligado aos movimentos sociais.
Houve claro o repúdio à ação de lideranças no formato tradicional.	Houve um repúdio preliminar, o que inibia o aparecimento de lideranças, ressaltado pelos administradores das páginas em vários momentos. Mas, podemos considerar os próprios administradores das páginas e lideranças do movimento estudantil e de movimentos sociais como lideranças, mas que não assumiram esta postura de forma tradicional.
Tiveram sua origem na desobediência civil, pacífica.	Tinham um caráter pacífico, algumas vezes festivo.
Foram violentos e reprimidos em algum momento.	As manifestações foram reprimidas em vários momentos, conforme exibido nas postagens dos grupos. Também foi possível perceber atos de violência.
Foram voltados para a mudança dos valores da sociedade. Recusaram-se a legitimar as institucionalidades do <i>status quo</i> , propondo e praticando uma democracia deliberativa.	Os movimentos reivindicavam melhores condições em áreas prioritárias como saúde, segurança e educação, conforme demonstrado nos posts.

Kahn	Marcha capixaba
A maioria dos manifestantes era de classe média alta, mais escolarizados.	Pelas páginas dos perfil, pode-se constatar manifestantes de várias classes sociais.
Os exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”) eram minoria nas manifestações.	Não ocorria a incitação de vandalismo na maior parte das postagens; pelo contrário, eram reprimidos.
As mobilizações eram realizadas pelas redes on-line e novas formas de comunicação, por meio de uma maior rapidez na convocação, disseminação de imagens, fatos e palavras de ordem.	As páginas foram utilizadas tanto para prestação de serviço, como relatório de reuniões, quanto para convocação aos eventos e disseminação de palavras de ordem.
A população de um modo geral fotografava e transmitia imagens ao vivo das ações.	Durante as postagens, havia contribuições de fotografia e imagens das ações pelas ruas, além dos administradores da página.
A cobertura foi realizada em tempo real pelos meios de comunicação tradicionais.	O Facebook mantém características diferenciadas de outras redes sociais digitais como o Youtube ou Twitter, assim, não foi realizada a cobertura em tempo real, por meio deste site de rede social digital.
Havia demandas múltiplas, das mais objetivas e concretas, às mais abstratas e morais/simbólicas.	As demandas eram objetivas e concretas. Não descambavam no campo moral ou simbólico.
Ocorria a ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento, sem carros de som, sem megafones etc.	As páginas demonstraram que havia trajetos definidos dos atos, eles eram apresentados nas páginas do eventos, com locais, horários de início e encerramento.
Houve rejeição a partidos, sindicatos e	Parte dos posts foi utilizada para realizar

entidades representativas em geral.	críticas aos meios de comunicação tradicionais.
-------------------------------------	---

3.3.2 Entrevistas com partícipes das mobilizações

As entrevistas semiestruturadas dirigidas aos colaboradores das comunidades do *site* de rede social *Facebook* “Movimento contra o Aumento ES (@protestoGV)” e “Não é por 0,20 centavos” compõem a etapa seguinte, após levantamento realizado de possíveis entrevistados, tendo como base as próprias postagens das páginas *on-line* referidas e o engajamento demonstrado nas manifestações, por meio, tanto na mídia alternativa, conforme nos referimentos como nos meios de comunicação de massa tradicionais.

Nesse sentido, realizamos as entrevistas com atores e partícipes envolvidos nas mobilizações, com o objetivo de investigar e analisar como foi realizada a produção e a gestão desta comunidade na referida mídia *on-line* durante as mobilizações de junho de 2013. Ressaltamos que, apesar da intensa participação no processo, os depoentes não se assumiram como líderes dos protestos do Outono Brasileiro.

No âmbito de uma rede de comunicação horizontalizada e tratando-se de movimentos que recusam formas de articulação tradicionais, interessa-nos especialmente verificar como se abordava a questão da liderança no movimento e nos diálogos via *fanpage*. Enfim, havia líderes? Quais as estratégias de “ação” e de “invisibilidade”?

Adotamos como base para as referidas perguntas das entrevistas, os perfis das mobilizações traçados por Castells (2013) e Kahn, apud Figueiredo (2014), conforme citados no início deste capítulo. É exatamente a partir dessas 14 marcas essenciais dos movimentos sociais em rede demarcadas por Castells (2014) e das características listadas por Kahn (2014, apud FIGUEIREDO, 2014, p. 124-125), que balizamos as nossas entrevistas.

Para os depoentes, em sua totalidade, os movimentos foram conectados em rede de múltiplas formas, *off-line* – como o impresso – e *on-line* por meio de celulares, *smartphones*, *tablets*, computadores de mesa e *notebooks*. Também foram virais, tanto no sentido de

compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimento em si, quanto na direção de espriar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização onde quer que seja.

Também ocorreu o companheirismo por intermédio da Rede Mundial de Computadores, com questionamentos acerca das motivações, projetos, modos de mobilização etc., dentro do movimento. Para os entrevistados, ocorreu ainda uma “autorreflexão” do movimento, tanto no que se refere à deliberação das assembleias, como também em múltiplos fóruns da internet, como nos *blogs* e grupos de discussão nas redes sociais, além de “movimentos locais e globais”, com uma pauta local, conectados com movimentos semelhantes pelo país e o mundo.

Para Monteiro (2015) e Nunes (2015), em entrevista ao autor, as mobilizações foram limitadas e vinculadas fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões, etc.) ou tiveram um horizonte de possibilidades ilimitado, pensando em termos projeto político ou de sociedade. Toledo (2015), também em entrevista ao autor, considera que o movimento embora muito fluido e dinâmico, em sua maioria defendia um outro projeto político e de sociedade também.

Com relação à presença de lideranças, os depoentes têm visões diferentes. Para Monteiro (2015), “houve lideranças e era claro o repúdio à ação de lideranças. Cito as organizações tradicionais do movimento popular, seja estudantil, sindical, comunitário”. Para Toledo (2015), não foram identificadas lideranças; o movimento era completamente horizontal: “Trabalhamos por meio de comissões, desde a articulação para as reuniões com o governo e com os deputados; elas articulavam, funcionando como uma comissão de organização também. Tive a oportunidade de fazer parte da articulação e ajudava no que fosse necessário na comunicação”.

Para Toledo (2015) e Monteiro (2015), os movimentos não foram provenientes da desobediência civil. Nunes (2015) discorda em relação ao assunto. Monteiro (2015) e Nunes (2015) acreditam que os movimentos foram violentos e duramente reprimidos. Toledo (2015) concorda parcialmente, visto que não acredita que os movimentos tenham sido violentos. No entanto, todos acreditam que os exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”) eram minoria nas manifestações.

A “comunicação interpessoal/intergrupar” é aquela comunicação feita em redes digitais que, potencialmente, pode atingir milhares e milhões, rivalizando com os meios tradicionais (o início está confuso). Assim, perguntamos: ocorreram registros de ampla reverberação das publicações de vocês na Rede Mundial de Computadores?

Todos concordam quanto ao contrapoder efetivado pelas redes sociais digitais durante o protesto, assinalando positivamente quando questionados que “as mobilizações eram realizadas pelas redes *on-line* e novas formas de comunicação, por meio de uma maior rapidez na convocação, disseminação de imagens, fatos e palavras de ordem”. Além disso, confirmam que a população de um modo geral fotografava e transmitia imagens ao vivo das ações.

Para todos os depoentes, ocorreu ampla reverberação das publicações na Rede Mundial de Computadores. De acordo com Monteiro (2015), “a grande adesão popular foi notada também na receptividade e retransmissão dos conteúdos produzidos nas novas redes, como o *Facebook* e o *Twitter*, por exemplo. Todas as convocatórias eram amplamente reproduzidas”.

Toledo (2015) diz: “Criamos uma comissão de comunicação que trabalhava desde as Redes Sociais, TV ocupa Ales (nosso canal no *youtube*), jornais, panfletos etc, tentando sempre utilizar plataformas diversificadas, para dialogar de diversas formas *on-line*, editadas e escritas sempre utilizando plataformas *on* e independente. Garantindo uma memória e conteúdo para os nossos meios de informação e comunicação, de forma que, não necessariamente precisemos trabalhar juntos no mesmo ambiente, exceto o Ocupa Ales, que chegamos a ter um ‘agência de comunicação’ do movimento dentro da Assembleia Legislativa, No *Facebook* utilizamos as páginas <https://www.facebook.com/20centavosES/> e <https://www.facebook.com/protestogv/>.

Em contrapartida, os meios de comunicação tradicionais não realizam a cobertura jornalística dos movimentos em tempo real, ficando tal transmissão a cargo das mídias alternativas como a Mídia Ninja e o Moqueca Mídia, de acordo com Toledo (2015).

Os depoentes Monteiro (2015) e Nunes (2015) acreditam que os movimentos de junho de 2013 foram voltados para a mudança dos valores da sociedade, recusando a legitimar as institucionalidades do *status quo*, propondo e praticando uma democracia deliberativa. Toledo (2015) discorda e acrescenta que “a jornada de junho de 2013 trazia muito mais um

sentimento de indignação e mudança do que algo tão concreto como a pauta de uma mudança de democracia deliberativa. Muito embora, os (as) manifestantes gritavam pedindo ‘poder para o povo, o poder do povo vai fazer um mundo novo’ esse é sentimento que existiu, mas não é algo que deslegitima a institucionalidade, mas a forma como ela ocorre”.

Nunes (2015) e Toledo (2015) acreditam que o movimento não era formado somente por jovens de classe média alta, conforme caracterizad. Para Toledo (2015) “na Grande Vitória em 2013, diferente de São Paulo que o estopim foi o aumento da passagem, aqui se deu a primeiro momento em apoio aos manifestantes do RJ e SP que estavam sendo duramente reprimidos. Criamos um evento que, em dois dias tinha mais de 30 mil confirmados em uma página do *Facebook*, puxamos uma assembleia popular que era bem representativa, do pobre favelado ao trabalhador classe média e até alta, claro que acredito que a burguesia que reside na ilha do frade não estava presente”.

Para Toledo (2015) e Nunes (2015), havia meios de organização durante as manifestações como palcos, trajeto definido, horário de início e encerramento, carros de som e megafones. Para estes referidos depoentes não houve rejeição a partidos, sindicatos e entidades representativas em geral. E acrescenta Toledo (2015): “Tinha uma certa rejeição a partidos considerados de alinhamento à direita, mas não à esquerda (PSOL, PSTU e PCB), que estiveram bem presentes durante o processo. Os sindicatos e outras organizações também era bem-vindos; por exemplo o OcupaAles recebeu relevante auxílio e suporte dos sindicatos de luta do estado”.

A “Comunicação Radical”, que visa à resistência aos discursos hegemônicos, tanto quanto aos movimentos quanto como à pauta das mobilizações, fez parte da estratégia de mobilização, de acordo com todos os entrevistados. Neste sentido, os eventos eram criados no *Facebook* onde ocorriam as interações. Em paralelo, também foram criados outros grupos no *Facebook* para discutir as questões do ato.

A maioria das publicações ocorria em tempo real, principalmente quando as relacionadas a denúncias de violação de direitos, informes sobre pautas, notas de repúdio ou esclarecimentos, além de relatos posteriores, com menor intensidade. As comissões de comunicação realizaram a maioria das postagens, sem edição ou controle das referidas publicações. A maior parte dos eventos era agendada através do *Facebook*. “Esta prática aqui na Grande Vitória já vem desde

a época do *Orkut*, em meados de 2010, passando pelo *blogspot* (<http://contraoamentos.blogspot.com.br/>), *Twitter* (@protestogv) até chegar no *Facebook*”, de acordo com Nunes (2015).

Muitos que confirmavam presença por intermédio do *Facebook* compareciam aos eventos; além disso, outras pessoas de outros estados e regiões que não poderiam comparecer, confirmavam presença como forma de apoio a movimentação. Para Lopes (2015), “a Comunicação Radical fez parte sim da estratégia de mobilização e divulgação dos atos, como contraponto a narrativa tradicional e como forma de envolver a principal faixa etária envolvida nos atos: a juventude. Havia eventos agendados. As expectativas de participação quase sempre eram superadas”.

Toledo (2015) demonstra o caráter de uma comunicação multimodal, mesclando tanto os dispositivos presenciais como as mídias *on-line*, notadamente as redes sociais digitais. No ato dos 100 mil, Toledo (2015) ressalta que 58 mil confirmaram presença por uma página no *Facebook*: “a estratégia de comunicação sempre foi fazer contraponto com a grande mídia, levando a transparência e informação das pautas do movimento, de forma que possibilitasse uma atenção do cidadão que captava a mensagem a fim de aglutinar o movimento. Trabalhando as pautas, sentimentos e vontades comuns. Isso foi feito por meio de campanhas de rua e também *on-line*. Utilizamos peças publicitárias e jornalísticas com dados das pautas e informações que indagavam a população que, de forma geral, não tem acesso - e muito menos é noticiada - à mídia hegemônica, além de estar em espaços extremamente burocratizados. As páginas do *Facebook*, nosso principal meio de diálogo direto com a população, era, e ainda é, administrada por mim e algumas pessoas que eram da comissão de comunicação. O conteúdo era produzido de forma colaborativa com a comissão junto à articulação e deliberações da assembleia popular, soberana nas decisões do movimento. O período de publicação, em 2013, era diário. Como exemplo, recordo de uma situação que, em meio a um ato e outro, nos reunimos no café para trabalharmos conteúdos. Embora o movimento tivesse uma pauta extensa, a de maior holofote era o pedágio da terceira ponte”.

Com relação às redes de mídia tradicional, os depoentes afirmaram que elas não faziam parte da estratégia comunicacional dos manifestantes durante os atos. Ocorriam entrevistas pontuais, mas que eram evitadas ao máximo pelo movimento. Segundo Lopes (2015), “ocorreu uma certa aversão aos veículos tradicionais de comunicação de massa. Houve, sim,

entrevistas para esses veículos, porém na grande maioria das vezes, com grande reprovação dos demais participantes das atividades. Várias entrevistas eram interrompidas ao meio e, por vezes, a suposta manipulação imposta por esses veículos era alçada ao lugar de pauta desses atos. Das publicações das organizações sociais que cobriam os atos, algumas surgiram no movimento, como o *mídia ninja* por exemplo, que pautava os noticiários dos jornais impressos e televisados.”

Para Nunes (2015), “a relação com os veículos de comunicação tradicionais era complicada. Eles exerciam exatamente o papel que cumprem historicamente. Porém, por vezes, tinham que se retratar ou eram forçados a noticiar coisas a mais, em decorrência da força do *Facebook*. Muitas coisas eram colocadas de maneira distorcidas. Por exemplo, a luta era em defesa de um transporte público de qualidade, não somente pela redução da tarifa. Era repensar a concepção de mobilidade urbana, não puramente uma luta contra o pedágio”.

Toledo (2015), sobre o mesmo tópico, afirma: “Nossa principal estratégia, que sempre perpassou a comunicação, nunca foi atingir ou utilizar das mesmas formas da mídia de massa, até porque uma das nossas pautas era, e ainda é, a democratização da mídia, um setor que usa do seu poder de informar para conseguir, em prol do benefício de alguns, manter o monopólio e, mais do que isso, alienar a sociedade. É preciso um contraponto. Ainda bem que temos a mídia alternativa que foi a grande merecedora dos créditos da jornada de julho. Obviamente que também não deixamos de utilizar os meios de massa, já que éramos pautas e eles nos procuravam”.

CONCLUSÃO

1º de junho de 2013, São Paulo. O prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) anunciam que as tarifas do transporte público, congeladas em R\$ 3,00 desde o início do ano, serão reajustadas. Foi acesa neste momento a centelha de indignação e esperança por dias melhores em São Paulo. A primeira manifestação contrária ao aumento do valor da tarifa é agendada para o dia 6 de junho, por intermédio dos *sites* de redes sociais digitais e capitaneadas pelo Movimento Passe Livre.

A pequena centelha na Rede Mundial de Computadores se alastra rapidamente por todo o país

e, conseqüentemente, também ganha apoio no Espírito Santo, notadamente na capital Vitória, se tornando um fenômeno de adesão em nível nacional, quase simultaneamente.

“O Gigante Acordou”. Este mês passaria a ficar lembrado na história recente do Brasil e do Estado do Espírito Santo pelas manifestações, conhecidas como “Jornadas de junho” ou “Outubro Brasileiro”, tendo como ápice o dia 20 de junho, que reuniu cerca de 100 mil pessoas nas ruas da Grande Vitória.

Para muitos estudiosos, mesmo que vários dos objetivos demonstrados nas pautas dos movimentos não tenham sido contemplados, o Brasil mudou desde junho de 2013, pois a potência dos protestos, apoiada pelas redes sociais digitais continua presente e pronta para eclodir novamente.

Desta forma, após a onda de protestos, a sociedade obteve a percepção de que as mobilizações podem dar resultado ou tensionar uma situação vigente, as políticas públicas passaram a serem mais fiscalizadas e questionadas e a articulação e o engajamento realizado, por exemplo, das próprias residências, por meio das redes sociais digitais, podem resultar na tomada das ruas em um efeito de redes *on e off-line*.

As referidas redes sociais digitais, nosso objeto de estudo, de acordo com estudo da CompTIA chamado "*How millennials may change the workplace*"²⁴, mostraram como resultado o engajamento ainda maior em 2015 dos usuários das mídias sociais e a ampliação dos conhecimentos em tecnologia pela chamada geração *millennials* – reunindo aqueles nascidos entre 1980 e 200 –, com vistas ao mercado de trabalho. Essa geração, que conta com muito *youtubers*, detentores de muitas visualizações em seus vídeos – aliás, 2015 foi o ano em que o vídeo ganhou destaque – querem participar das criações e não somente assistir as propagandas prontas.

No entanto, o *Facebook*, ainda preponderante nos tempos atuais, provavelmente não manterá a sua pujança por muito tempo. Essa pista é dada pelo que ocorreu com o *Orkut* anos atrás. Ademais, a migração segue para mídias como o *Whatsapp* e o *Snapchat*, que em novembro

²⁴ Disponível em <https://www.comptia.org/about-us/newsroom/press-releases/2015/11/04/new-comptia-study-offers-insight-into-how-millennials-may-change-the-workplace>

deste ano de 2015 ultrapassou o *Facebook* em visualização de vídeos, de acordo com pesquisa da comScore²⁵.

O declínio do *Facebook* parece evidente. Os jovens, propulsores das manifestações pelo mundo, perceberam que seus pais adotaram o *Facebook* e não gostam de serem acompanhados por eles, pelos menos desta forma virtual. Previsões à parte, o *site* de rede social cumpriu um papel-chave, ao lado do *Twitter* e do *Youtube*, nas mais recentes manifestações pelo mundo e no Brasil.

De acordo com estudos de Ellison, Steinfeld e Lampe (2007), essas redes alteraram os processos sociais dos indivíduos, possibilitando que atores sociais, afastados pelas distâncias físicas, pudessem continuar investindo nestes laços sociais e ainda se tornassem mais estáveis e permanentes e menos fluidos.

Cabe ressaltar, no entanto, que essa ação contra-hegemônica via *Facebook* é um “desvirtuamento” dos propósitos do *site* de redes sociais, configurando-se como uma chance de mobilização em prol de melhores condições para povos pelo mundo. O *site* de rede social idealizado por jovens de uma faculdade tem o seu propósito prioritário de alavancar lucros, inserido em um sistema mundial movido pelo capital, conectado e em rede.

Os sistemas comunicacionais têm seu papel importante na formação de elos, visando a acentuação e globalização severa de um sistema capitalista. Castells (2014), referência basilar em nosso trabalho, conceitua esta modalidade de produção como “capitalismo informacional”. Trata-se de um estágio avançado do capitalismo e seus sistemas produtivos, catapultado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), alicerçadas em uma sociedade que tem como cerne a informação, baseada na utilização e acumulação dos conhecimentos.

A Era da Informação, na qual estamos inseridos, de acordo com Castells (2002), nos direciona para um paradigma diferenciado dos anteriores, pois conta como primordiais características a informação como matéria prima e a tecnologia, notadamente a Rede Mundial de Computadores, a Internet. Dotada de um alcance mundial cada vez maior, com cerca de

²⁵ <<https://www.comptia.org/about-us/newsroom/press-releases/2015/11/04/new-comptia-study-offers-insight-into-how-millennials-may-change-the-workplace>>. Acesso em: 9 dez. 2015.

metade da população do globo, visa moldar as existências individuais e coletivas, tendo como base a lógica das redes.

Castells (1999, p. 18), explica que

A sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e se difunde por intermédio do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia.

Alavancadas na microeletrônica e em redes digitais de informática, as pessoas disseminam informações, tendo como ponto de partida os conhecimentos acumulados nos nós interconectados dessas redes globais.

Mas, neste cenário, o modelo tradicional de comunicação sustentado pelos meios de comunicação de massa, vem se tornando anacrônico. Com o advento da sociedade em rede, onde convivem os *millennials*, surge um modelo de comunicação que tem em sua sustentação as formas dialógicas, mídias híbridas e convergentes. E, cada vez mais, atendendo as exigências de participação de cidadãos “comuns” nos processos sociais e econômicos.

Nesse cotidiano de uma sociedade midiaticizada, com características de comunicação potencialmente horizontalizada, há oportunidades para ações de contracorrentes, que auxiliam em dinamizar as relações de poder. Remetemo-nos aqui a Foucault (1979), que acredita que o poder, é uma realidade dinâmica, instrumento de diálogo entre indivíduos em determinada sociedade, sempre relações de poder.

Desta forma, exercendo esta forma dialógica – muitas vezes violenta – de contrapoder, os movimentos sociais, que pareciam combalidos nos últimos anos no Brasil, demonstram sua força como propulsores das redes de indignação e esperança, notadamente no Brasil e no Espírito Santo. Pelo menos em seu momento inicial, formam estes movimentos que alavancaram os processos, demonstrado em nossa pesquisa.

Tendo em vista os avanços do capitalismo informacional, os movimentos sociais souberam apropriar-se das TICs, durante os movimentos, utilizando instrumentos midiáticos para

divulgação, convocação, prestação de contas, articulações e mobilizações me torno de desejos pulverizados.

As aglomerações virtuais têm a sua concepção no modelo de comunidade tradicionais, transposto para o mundo virtual, formando as comunidades virtuais. A partir daí, o modelo de ativismo através da teia mundial, leva ao ciberativismo, buscando a cidadania e participação política democrática.

Para que o ciberativismo ganhe fôlego, é preciso se apropriar do conceito de compartilhamento – fortemente ligado à interação via *web*, sobretudo a partir da *web 2.0* (ou segunda geração da *web*). O intuito é ser solidário, ganhar adeptos, força coletiva, por meio de produção e disseminação de ideias ou informações.

As redes sociais e os *sites* de redes sociais digitais passaram a dar suporte a esta chance de ciberativismo. Para Recuero (2015, p. 25), “as redes sociais digitais representam desta forma um novo e complexo universo de fenômenos comunicativos sociais e discursivos”.

Com o término de nosso estudo, foi possível constatar que a apropriação dos *sites* de redes sociais, notadamente o *Facebook*, por meio de dispositivos móveis, como os *smartphones*, foram os principais diferenciais destas mobilizações na contemporaneidade, levando-se em consideração os protestos ocorridos anteriormente.

Também como inovação temos o fato de as lideranças, apesar de existirem durante as manifestações – como é o próprio caso dos administradores das páginas do *Facebook* – não se assumiram como tal.

Fica claro o exercício desta função de gerenciamento de pessoas de forma *on-line* pelas páginas da rede social em prol de um objetivo comum, ao considerarmos o conceito de liderança de Bergamini (1994, p. 88): “constata-se que a maior parte dos autores conceitua liderança como processo de influência de um indivíduo sobre outro indivíduo ou grupo, com vistas à realização de objetivos em uma situação dada”.

Quanto à resposta à nossa questão inicial – como as mobilizações sociais se apropriam das redes digitais para articular massivas manifestações públicas em torno das mais diversas pautas? – podemos dizer que é possível perceber que o uso do *Facebook* foi feito para

compartilhamento e publicidade das convocações para os atos, prestação de contas das assembleias realizadas e difusão de pautas de reivindicações do movimento.

Essa demonstração veio a partir de leituras teóricas e estudos, entrevistas com participantes e estudos das páginas. Assim, confirmamos a nossa hipótese de que as redes sociais digitais são uma potência comunicacional, como articuladoras de contrapoder, apesar do ainda preponderante poder estabelecido e refletido pelo capital simbólico dos meios de comunicação de massa tradicionais.

As redes sociais digitais, cada vez mais presentes em nosso cotidiano, se consolidam como uma alternativa complementar a uma comunicação multimodal, convergindo mídias *on* e *off-line*, para que, somente desta forma, seja possível alcançar êxito em uma mobilização em alta escala na atual sociedade midiaticizada, conectada em rede.

O movimento brasileiro deixou como legado a convicção de que podemos retomar as ruas e protestar em prol de direitos inalienáveis. Após os protestos de junho de 2013, vários outros se sucederam, deixando a certeza da relevância por parte dos brasileiros de se articular por meio das redes sociais e tomar as ruas, fazendo a fusão de territorialidades geográficas e digitais, constituindo, em verdade, uma territorialidade híbrida, ou uma multiterritorialidade.

Na esteira das “Jornadas de junho” vieram movimentos de redes de indignação e esperança de vários vieses políticos e ideológicos, que se mantiveram durante o ano de 2014 e 2015, tendo em vista os protestos como “Não Vai ter Copa” e “Pró-Impeachment de Dilma” e favorável à presidente, para o retorno do regime de ditadura militar, contra o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, e vários outros.

Os ativistas *on-line* abasteceram os seus próprios veículos de comunicação, mostrando solidariedade na partilha de informações e motivando os seguidores para que participassem do momento histórico, retroalimentando o desejo de sair para protestar. Compartilhar foi o verbo utilizado pelos *sites* de redes sociais, tanto que verificamos em nosso estudo que o número de compartilhamento nos *posts* das páginas nas comunidades do Facebook é em número maior quando comparado às curtidas e comentários.

Também é possível verificar que havia uma condução por lideranças dos movimentos – que não se assumiam como tal – de trajetos definidos previamente antes dos atos (como foram chamadas as manifestações no Espírito Santo). Nas páginas também eram mostrados os locais, horários de início e encerramento e decisões de assembleias populares.

Com a chamada Geração “Vem pra Rua” as manifestações brasileiras, ineditamente marcadas pela participação das redes sociais digitais, e que chegaram ao ápice no Brasil em junho de 2013, não foi um episódio repentino. É parte de um processo histórico. A versão capixaba, resultado de manifestações pelo mundo, representa movimentos sem grandes heróis marcados pelo tempo, mas que aprimorou as relações entre sujeitos, espaços e práticas.

Conforme abordamos em nossa pesquisa, os meios de comunicação tradicionais foram fortemente avaliados e criticados durante as mobilizações de junho de 2013. Também ressaltamos que são os grandes conglomerados de mídias que nos dão as diretrizes para discutir os temas atuais, tendo em vista, teorias como agendamento e enquadramento. As redes sociais digitais são apenas oportunidades de contraponto, ainda pouco exploradas em nossos dias atuais. As redes sociais digitais são importantes para a mobilização, mas não há conversação expressiva nas páginas de grupos contra-hegemônicos, ocorrendo fundamentalmente viralização. Os líderes agem como tal, mas não se nomeiam como líderes, numa estratégia de relacionamento com a nova juventude, resistentes às lideranças tradicionais.

Mas, e o papel dos jornalistas profissionais diplomados, atrelados à grande mídia, tendo em vista a sociedade pós-moderna em que estamos inseridos? Quais seriam as suas funções em um cenário de mídias convergentes e avanço da Internet em todo o mundo? Estariam fadados a se tornar obsoletos e meros reprodutores de ideias de empresas nos quais estariam atrelados? Estas questões nos instigam a respondê-las em um próximo estudo, com vistas a artigos científicos e, de forma mais aprofundada, em pesquisa de doutorado. Como hipótese inicial, acreditamos que o jornalismo praticado pelas grandes redes comunicacionais manterá o seu capital simbólico, tendo como base a credibilidade das informações e a capacidade visceral de checagem de informações e a busca incessante das verdades dos fatos.

Para finalizar, resgatamos a frase “Não odeie a mídia, seja a mídia”, creditada a Jello Biafra, o vocalista e líder da banda *punk* estadunidense, Dead Kennedys. Revoltado por não ver suas gravações musicais divulgadas pelos meios de comunicação de massa no final dos anos 1970, o vocalista resolveu produzir seus próprios *fanzines* e rádios-piratas.

Intensificadas pelas relações por meio do mundo virtual, é possível o paralelo com as atuais redes sociais digitais, mas de uma forma muito mais intensa, baseada na teoria do compartilhamento, capitaneada pelos ativistas, cidadãos com jornadas de trabalho semanais, chefes de famílias e que buscam uma contínua melhoria na qualidade de vida. Este é o recado das redes sociais digitais: o Gigante acordou. Temos uma chance.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. (1985). *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

AMOR E PAZ SEM FRONTEIRAS. Foto reproduzida. Disponível em: <http://www.amoreprazsemfronteiras.com/2010_05_01_archive.html>. Acesso em: 3 dez. 2015.

ANONYMUS BRASIL. **5 causas**. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v5iSn76I2xs>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

ARIAS, Carlos A. Correa. **Democracia 2.0**: las redes sociales y la participación ciudadana. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Distal, 2013.

BARBERO, Jesus Martin- **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997

BATISTA, Jandré Corrêa. **Apropriações ativistas em sites de redes sociais**: cartografia das ações coletivas no Twitter. Porto Alegre, 2012.

BARON, N. **Language of the internet**. Chapter 5. In: Ali Farghali, ed. *The Stanford Handbook for Language Engineers*. Stanford: CSLI Publications, pp. 59-127, 2002

BENTES, Ivana. In MALINI, Fábio & ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BERGAMINI, Cecília W. *Liderança: administração do sentido*. São Paulo: Atlas, 1994.

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade da informação. In: MORAES, Denis. *Mutações do visível*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**; Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Communication power**. New York: Oxford, 2009.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da Internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CITELLI, A. e outros (Orgs). **Dicionário de comunicação**. escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014.

CRARY, Jonathan. 24/7 - **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CRYSTAL, David. A revolução da linguagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAYAN, Daniel. “Acerca de la teoria de los efectos limitados”. In: FERRY, Jean-Marc e outros. El nuevo espacio público. Barcelona: Gedisa, 1998.

D. e MATTELARD, A.; MATTELARD, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

DELEUZE, Gilles. Conversações: administração do sentido. São Paulo: Atlas, 1994.

ELLISON, N., STEINFELD. & LAMPE, C. The **Benefits of Facebook “Friends:” Social Capital and College Students’ Use of Online Social Network Sites**. Journal of Computer Mediated Communication, Volume 12, Issue 4, pages 1143–1168, July 2007.

FIGUEIREDO, Rubens (org.). Junho de 2013, a Sociedade enfrenta o Estado,. Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2014.“

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**: curso dado no College de France (1977-1978).

_____. Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GGN O Jornal de Todos os Brasis. Disponível em: <<http://jornalgggn.com.br/noticia/o-saldo-dos-protestos-de-junho-e-das-urnas-por-assis-ribeirohtml>>. Acesso em: 2 dez.2013.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos, 5ª .ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Teorias dos movimentos sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo, Cortez, 2013.

_____.Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça dos indignados no mundo. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **The limits of capital**. London: Verso, 2006.

HEWIT, Hugh. Blog: **Entenda a revolução que vai mudar o seu mundo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LÈVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999;

JORDAN, Tim. **Activism!** Direct action, hactivism and the future of society. Londres: Reaktion Books, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____, André. **Mídia Locativa e Territórios Informativos**. http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf Acesso em 22 dez. 2015.

_____. **Mídias locativas e territórios informativos**. In L. Santaella, P. Arantes (eds.) *Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir*. São Paulo, Educ., 2008, pp. 207-230

LÈVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LIMA, Mauricio José de. **Um serviço para o acesso a dados abertos em nuvem**. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Quixadá, Curso de Bacharelado em Engenharia de Software, Quixadá, 2014.

LIMA, Venício A. **Mídia, rebeldia urbana e crise de representação**. In: MARICATO, Ermínia et al. *Cidades rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013.

LOPES, Camila Priscila. **Diálogos na rede**: A conversação no site de Redes Sociais Facebook. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2013. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0660-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

LOSEKANN, Cristiana. **Os protestos de 2013 na cidade de Vitória/ES: #Resistir, Resistir Até o Pedágio Cair!**. In: Soraia Mendes da Rosa. (Org.). País mudo não muda! As manifestações de junho de 2013 na visão de quem vê o mundo para além dos muro. 1ed. Brasília: IDP, 2014, v. 1, p. 26-38.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Ed. José Olimpo, 2000; NIETZSCHE, Fried

MALINI, Fábio & ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARCHUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2006.96 p.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTINUZZO, José Antônio. **Seis questões fundamentais da assessoria estratégica em rede**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

MININNI, Giuseppe. **Sociologia Cultural da Mídia**. São Paulo, A Girafa Editora e Edições Sesc SP, 2008

MISCHAUD, E. **Twitter: Expressions of the Whole Self. An investigation into user appropriation of a web-based communications platform**. MSc in Politics and Communication dissertaion. submitted to the Department of Media and Communications, London School of Economics and Political Science, September 2007.

MONTEIRO, André. Entrevista concedida a Roberto Teixeira dos Santos, Vitória, set. 2015.

MORAES, Dênis (Org.). **Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas Editora 2010.

_____. **Gramsci e as mutações do visível**. In: Moraes, Dênis de (Org.). *Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010, p. 77-111.

_____. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **O ativismo digital**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em 11 de out. 2010.

Markun, Paulo (org.) **O melhor do roda viva: o mais antigo e respeitado programa de entrevistas da TV: internacional**. São Paulo: Editora Conex, 2005.

NICOLIS, G. e PRIGOGINE, I. **Exploring complexity**. An Introduction. New York: W. H. Freeman and Company, 1989.

NORONHA, Ludmila. **Ativismo na internet** – uma nova configuração de esfera pública. IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as do CES, 6-7 dezembro 2013. Disponível em: <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/10.1.1_Ludmila_Noronha.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2015.

NUNES, Josimar. Entrevista concedida a Roberto Teixeira dos Santos, Vitória, set. 2015

OLIVEIRA, Siméia Rêgo de & PAIVA, Cláudio Cardoso de. **A conversação em rede no facebook**. Três conceitos de interação social. Disponível em: <http://gitsufba.net/anais/wp-content/uploads/2013/09/n1_conversacao_44777.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2015.

ORIHUELA, José Luiz. **Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade**. In: ORDUÑA, Octavio Isaac Rojas (org.) *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo, Thomson, 2007.

PALACIOS M. **Hipertexto, Fechamento e o Uso do Conceito de Não-Linearidade Discursiva**. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), *Modelos do Jornalismo Digital*, Salvador: Editora Calandra, 2003.

PEREIRA, André. **O Que é isto?**. Entrevista concedida à Revista ES Brasil, n. 95, junho de 2013.

PERUZZO, C.K. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?)**. Revista Matrizes, 7(2), jul/dez., 73-93. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/487>>. Acesso em: 5 jul. 2015.

_____. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2004

PESQUISA ACADÊMICA: **Rede social digital e mobilização social** – o *facebook* nas manifestações de junho de 2013.

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet. Planejamento e produção da informação on-line**. 2ª Edição, Summus Editorial, 2003

PORTO, Mauro (2004). **Enquadramentos da Mídia e Política**, em A. A. Canelas Rubim (org.), *Comunicação e Política: Conceitos e abordagens*, Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia.

RABIN, Alberto. **A era do acesso: comunidades virtuais, tudo isto é “ser humano”**. PPGCOM – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Revista Contemporânea, 2004.

RECUERO, Raquel. **Análise de redes para mídia social**/Raquel Recuero, Marco Bastos e Gabriela Zago – Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. **Conversações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, T.S.; QUENTAL, V.S.T.D.B. **Internetês** - abreviaturas e outras estratégias de escrita. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRio, nov. 2006, p.163. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.pucrio.br/9755/9755_3.PDF>. Acesso em: 16 set. 2012.

SAKAMATO, Leonardo. **Em São Paulo, o facebook e o twitter** foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletiva na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Em Revista FAMECOS: Tecnologias do imaginário, nº 22 de dezembro 2003. Porto Alegre, Brasil, 2003. p. 23-32.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **O Brasil – Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.S.G. **O consumidor em tempos de compartilhamento e acesso virtual**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0833-1.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2012.

SÈNÈCAL, Michel, **L'espace médiatique: les communications à l'épreuve de lademocratie**, Montreal: Liber, 1995.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SIMÕES, Roberto Garcia. O Que é isto?. Entrevista concedida à **Revista ES Brasil**, n. 95, junho de 2013.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SORJ, Bernardo. **Entre o local e o global**. In: Figueiredo, Rubens. Junho de 2013, a Sociedade enfrenta o Estado., Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2014.“

THOMPSON, Bill. **Web 2.0: as consequências da tecnologia para a sociedade**. In: VILLARES, Fábio (Org.) **Novas mídias digitais**. Audiovisual, games e música. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

TOLETO, Lara. Entrevista concedida a Roberto Teixeira dos Santos, set.2015.

TOGNOZI , Marcelo S. Em **A Força das Redes Sociais**. In: Figueiredo, Rubens. Junho de 2013, a Sociedade enfrenta o Estado,. Ed. Summus Editorial. São Paulo, 2014.“

TORO e José Bernardo Toro A. Nisia Maria Duarte Werneck. **Mobilizacao Social - um Modelo de Construir a Democracia**. São Paulo.Ed. Autêntica, 2004

YOU PIXEL. **Pessoas+pixels**. Disponível em: <http://youpix.virgula.uol.com.br/protestabr/5-links-uteis-para-voce-saber-mais-sobre-a-midia-ninja>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

VIEIRA, Clóvis. O Que é isto?. Entrevista concedida à **Revista ES Brasil**, n. 95, junho de 2013, p. 16.

VILLARES, Fábio (Org.) **Novas mídias digitais**: audiovisual, games e música. Rio de Janeiro: E-papers, 2008

ZANETTI, Daniela. **A cultura do compartilhamento e a reprodutibilidade dos conteúdos**. Revista Ciberlegenda – Tecnologias digitais, redefinições do espaço e novas territorialidades, n. 25. Niterói (RJ): PPGCOM/UFF, 2011.

APÊNDICE A

ENTREVISTA APLICADA AOS ENVOLVIDOS NAS MOBILIZAÇÕES POR MEIO DO SITE DA REDE DIGITAL *FACEBOOK*

Questionário

No Mundo

O sociólogo Manuel Castells identifica uma série de características dos movimentos sociais em rede digital pelo mundo. As perguntas abaixo visam a verificar se tais marcas podem ser observadas aqui na Grande Vitória em junho de 2013, nos movimentos em que você participou. Marque sim ou não.

1 - Os movimentos foram conectados em rede de múltiplas formas, *off-line*, como o impresso, e *on-line* por meio de celulares, *smartphones*, *tablets*, computadores de mesa e *notebooks*?

Sim

Não

2 - Foram virais, tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimento em si, quanto na direção de espriar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização onde quer que seja?

Sim

Não

3 - Houve companheirismo por meio da *web*?

Sim

Não

4 - Houve questionamentos acerca das motivações, projetos, modos de mobilização etc., dentro do movimento? Ou seja, houve uma “autorreflexão” do movimento, tanto no que tange à deliberação das assembleias, como também em múltiplos fóruns da internet, como nos *blogs* e grupos de discussão nas redes sociais?

Sim

Não

5 - Castells também nota que os “os movimentos são simultaneamente locais e globais”. Possuíram uma pauta local? Percebeu alguma conexão com movimentos semelhantes pelo país e pelo mundo?

Sim

Não

6 - Foram limitados e vinculados fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões, etc.) ou tiveram um horizonte de possibilidades ilimitado, pensando em termos projeto político ou de sociedade?

Sim

Não

7 - Foram espontâneos em sua origem, desencadeados por uma centelha de indignação?

Sim

Não

8 - Houve lideranças nos movimentos ou era claro o repúdio à ação de lideranças? Caso positivo, quais pessoas ou entidades pode citar?

Sim

Não

9 - Tiveram sua origem na desobediência civil, pacífica?

Sim

Não

10 - Foram violentos e reprimidos em algum momento?

Sim

Não

11 - Foram voltados para a mudança dos valores da sociedade? Recusaram-se a legitimar as institucionalidades do *status quo*, propondo e praticando uma democracia deliberativa?

Sim

Não

No Brasil

Estas são marcas dos movimentos nacionais. Por favor, indique se tais características puderam ser observadas aqui na Grande Vitória.

1 - A maioria dos manifestantes era de classe média alta, mais escolarizados?

Sim

Não

2 - Os exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”) eram minoria nas manifestações?

Sim

Não

3 - As mobilizações eram realizadas pelas redes on-line e novas formas de comunicação, por meio de uma maior rapidez na convocação, disseminação de imagens, fatos e palavras de ordem?

Sim

Não

4 - A população de um modo geral fotografava e transmitia imagens ao vivo das ações?

Sim

Não

5 - A cobertura foi realizada em tempo real pelos meios de comunicação tradicionais?

Sim

Não

6 - Havia demandas múltiplas, das mais objetivas e concretas, às mais abstratas e morais/simbólicas?

Sim

Não

7 - Ocorria a ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento? Sem carros de som, sem megafones etc.?

Sim

Não

8 - Houve rejeição a partidos, sindicatos e entidades representativas em geral?

Sim

Não

A partir de agora, vamos buscar identificar como se dava a comunicação no movimento no qual você fez parte. Serão três categorias:

1) A Comunicação interpessoal/intergrupala de massa é aquela comunicação feita em redes digitais que atinge milhares e milhões, rivalizando com os meios tradicionais. Assim perguntamos: ocorreram registros de ampla reverberação das publicações de vocês na Rede Mundial de Computadores?

2) A Comunicação Radical, que visa à resistência aos discursos hegemônicos, tanto quanto aos movimentos quanto como à pauta das mobilizações, fez parte da estratégia de vocês? Como ocorria nas páginas do Facebook? Qual a periodicidade das publicações? Havia responsáveis pelas postagens? Havia edição ou controle de publicações? Quais eram os teores das mensagens? Havia a marcação de eventos? As pessoas que confirmavam compareciam nos locais?

3) A Comunicação de massa, promovida pelas empresas de comunicação social, fazia parte da estratégia comunicacional de vocês? Como era a relação com os veículos de comunicação de massa? Concediam entrevistas? As publicações serviam de pautas para estes veículos tradicionais? Vocês reverberavam as pautas da mídia de massa na página de vocês.

4) Por fim, quais páginas no Facebook você participou durante este movimento ocorrido na Grande Vitória, em junho de 2013?

APÊNDICE B

ENTREVISTA APLICADA A ANDRÉ LOPES, PARTICIPE DAS MOBILIZAÇÕES POR MEIO DO *SITE* DA REDE SOCIAL DIGITAL *FACEBOOK*

DEPOENTE 1: André Lopes – Estudante de Direito e integrante do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Vila Velha e do Partido dos Trabalhadores.

1 – Os movimentos foram conectados em rede de múltiplas formas, *off-line*, como o impresso, e *on-line* por meio de celulares, *smartpones*, *tablets*, computadores de mesa e *notebooks*?

Sim

Não

2 - Foram virais, tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimentos em si, quanto na direção de espriar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização onde quer que seja?

Sim

Não

3 - Houve companheirismo por meio da *web*?

Sim

Não

4- Houve questionamentos acerca das motivações, projetos, modos de mobilização etc., dentro do movimento? Ou seja, houve uma “autorreflexão” do movimento, tanto no que tange à deliberação das assembleias, como também em múltiplos fóruns da internet, como nos *blogs* e grupos de discussão nas redes sociais?

Sim

Não

5- Castells também nota que os “os movimentos são simultaneamente locais e globais”. Possuíram uma pauta local? Percebeu alguma conexão com movimentos semelhantes pelo país e pelo mundo?

Sim

Não

6- Foram limitados e vinculados fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões, etc.) ou tiveram um horizonte de possibilidades ilimitado, pensando em termos projeto político ou de sociedade?

Sim

Não

7- Foram espontâneos em sua origem, desencadeados por uma centelha de indignação?

Sim

Não

8- Houve lideranças nos movimentos ou era claro o repúdio à ação de lideranças? Caso positivo, quais pessoas ou entidades pode citar?

Sim

Não

Houveram lideranças e era claro o repúdio a ação de lideranças. Cito as organizações tradicionais do movimento popular, seja estudantil, sindical, comunitário.

9 - Tiveram sua origem na desobediência civil, pacífica?

Sim

Não

10 - Foram violentos e reprimidos em algum momento?

Sim

Não

11 - Foram voltados para a mudança dos valores da sociedade? Recusaram-se a legitimar as institucionalidades do *status quo*, propondo e praticando uma democracia deliberativa?

Sim

Não

No Brasil

Estas são marcas dos movimentos nacionais. Por favor, indique se tais características puderam ser observadas aqui na Grande Vitória.

1 - A maioria dos manifestantes era de classe média alta, mais escolarizados?

Sim

Não

2 - Os exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”) eram minoria nas manifestações?

Sim

Não

3 - As mobilizações eram realizadas pelas redes on-line e novas formas de comunicação, por meio de uma maior rapidez na convocação, disseminação de imagens, fatos e palavras de ordem?

Sim

Não

4 - A população de um modo geral fotografava e transmitia imagens ao vivo das ações?

Sim

Não

5 - A cobertura foi realizada em tempo real pelos meios de comunicação tradicionais?

Sim

Não

6 - Havia demandas múltiplas, das mais objetivas e concretas, às mais abstratas e morais/simbólicas?

Sim

Não

7 - Ocorria a ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento? Sem carros de som, sem megafones etc.?

Sim

Não

8 - Houve rejeição a partidos, sindicatos e entidades representativas em geral?

(X) Sim

() Não

A partir de agora, vamos buscar identificar como se dava a comunicação no movimento no qual você fez parte. Serão três categorias:

1) A Comunicação interpessoal/intergrupala de massa é aquela comunicação feita em redes digitais que atinge milhares e milhões, rivalizando com os meios tradicionais. Assim perguntamos: ocorreram registros de ampla reverberação das publicações de vocês na Rede Mundial de Computadores?

Resposta: Na época das manifestações, fazia parte de algumas organizações de esquerda como o Diretório Central dos Estudantes da Universidade de Vila Velha e o Partido dos Trabalhadores e devido a surpresa com o volume e rápida adesão de setores sociais “adormecidos”, demoramos na resposta sobre participar ou não de algo que estava sendo construído de forma diferente das tradicionais manifestações. Após a acertada decisão de participar dos atos, na minha opinião, começamos a “construir” com os nossos junto ao espontaneísmo marcante desses atos. A grande adesão popular foi notada também na receptividade e retransmissão dos conteúdos produzidos nas novas redes como o *facebook* e o *twitter* por exemplo. Todas as convocatórias eram amplamente reproduzidas.

2) A Comunicação Radical, que visa à resistência aos discursos hegemônicos, tanto quanto aos movimentos quanto como à pauta das mobilizações, fez parte da estratégia de vocês? Como ocorria nas páginas do *Facebook*? Qual a periodicidade das publicações? Havia responsáveis pelas postagens? Havia edição ou controle de publicações? Quais eram os teores da mensagens? Havia a marcação de eventos? As pessoas que confirmavam compareciam nos locais?

Resposta: Do ponto de vista da participação do DCE da UVV nos atos, posso dizer que tentamos centralizar as postagens na diretoria de comunicação, porem a quantidade de conteúdo gerado era muito grande, a velocidade das informações também e a maioria dos conteúdos produzidos eram de pessoas representando o pensamento individual, na universidade de vila velha e, mais especificamente entre nós diretores do DCE também. O que o autor se refere como “comunicação radical” fez parte sim da estratégia de mobilização e divulgação dos atos, como contraponto a narrativa tradicional e como forma de envolver a principal faixa etária envolvida nos atos: a juventude.

Havia eventos agendados. A expectativa de participação quase sempre era superada.

3) A Comunicação de massa, promovida pelas empresas de comunicação social, fazia parte da estratégia comunicacional de vocês? Como era a relação com os veículos de comunicação de massa? Concediam entrevistas? As publicações serviam de pautas para estes veículos tradicionais? Vocês reverberavam as pautas da mídia de massa na página de vocês.

Resposta: Ouve uma certa aversão aos veículos tradicionais de comunicação de massa. Houve sim entrevistas para esses veículos, porem grande maioria das vezes, com grande reprovação dos demais participantes das atividades, varias entrevistas interrompidas ao meio e por vezes a suposta manipulação imposta por esses veículos era alçada ao lugar de pauta desses atos. As publicações das organizações sociais que cobriam os atos, algumas surgiram nesse atos, como o “mídia ninja” por exemplo, pautavam os noticiários dos jornais impressos e televisados.

4) Por fim, quais páginas no *Facebook* você participou durante este movimento ocorrido na Grande Vitória, em junho de 2013?

Resposta: Várias, não consigo nominá-las.

APÊNDICE C

**ENTREVISTA APLICADA À ESTUDANTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES) LARA TOLEDO,
PARTÍCIPE DAS MOBILIZAÇÕES POR MEIO DO *SITE* DA REDE SOCIAL
DIGITAL *FACEBOOK* NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013**

Olá Lara, tudo bem? ,

Como sabe, sou aluno do Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Estamos produzindo a dissertação Rede Social Digital e mobilização social – o *Facebook* nas manifestações de junho de 2013, orientada pelo prof. dr. José Antonio Martinuzzo.

Desta forma, buscamos a compreensão das mobilizações ocorridas por intermédio das redes sociais digitais, notadamente pelo *site* de rede social *Facebook*, que redundaram no movimento de maior aglomeração de pessoas na história do Estado do Espírito Santo.

Nesse sentido, uma das ferramentas de pesquisa é a entrevista com atores de representativa participação durante este evento histórico do solo capixaba. Assim solicitamos a gentileza de sua colaboração com a respostas ao questionário em anexo.

Ressalto que as informações serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e que o conteúdo poderá ser anexado à dissertação.

Agradeço desde já pela sua atenção e valiosa colaboração!

Meus telefones de contato são ((27) 9971-0132 e teixeira.rb@gmail.com.

Questionário

No Mundo

O sociólogo Manuel Castells identifica uma série de características dos movimentos sociais em rede digital pelo mundo. As perguntas abaixo visam a verificar se tais marcas podem ser observadas aqui na Grande Vitória em junho de 2013, nos movimentos em que você participou. Marque sim ou não.

1 – Os movimentos foram conectados em rede de múltiplas formas, *off-line*, como o impresso, e *on-line* por meio de celulares, *smartphones*, *tablets*, computadores de mesa e *notebooks*?

Sim

Não

2 - Foram virais, tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimentos em si, quanto na direção de espalhar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização onde quer que seja?

Sim

Não

3 - Houve companheirismo por meio da web?

Sim

Não

4 - Houve questionamentos acerca das motivações, projetos, modos de mobilização etc., dentro do movimento? Ou seja, houve uma “autorreflexão” do movimento, tanto no que tange à deliberação das assembleias, como também em múltiplos fóruns da internet, como nos blogs e grupos de discussão nas redes sociais?

Sim

Não

5 - Castells também nota que os “os movimentos são simultaneamente locais e globais”. Possuíram uma pauta local? Percebeu alguma conexão com movimentos semelhantes pelo país e pelo mundo?

Sim

Não

6 - Foram limitados e vinculados fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões, etc.) ou tiveram um horizonte de possibilidades ilimitado, pensando em termos projeto político ou de sociedade?

Sim

Não

(x) Ao mesmo tempo que tivemos vinculados fisicamente ao presente o movimento embora muito fluido e dinamico em suma maioria defendia um outro projeto político e de sociedade também.

7 - Foram espontâneos em sua origem, desencadeados por uma centelha de indignação?

(x) Sim

() Não

8 - Houve lideranças nos movimentos ou era claro o repúdio à ação de lideranças? Caso positivo, quais pessoas ou entidades pode citar?

() Sim

(x) Não, o movimento era completamente horizontal. Trabalhamos por meio de comissões, desde da articulação que ia às reuniões com governo, deputados e que articulava, funcionando muito como uma comissão de organização também. No caso, eu tive a oportunidade de fazer parte da de articulação e ajudava no que necessario na de comunicação. Naiara Abdalla foi um importante nome na época também, contribuiu com atuação enquanto diretora de organização por dois mandatos no DCE, vindo do comando de greve nacional de 2012 e contribuindo pro movimento com metodologias.

9 - Tiveram sua origem na desobediência civil, pacífica?

() Sim

(x) Não

10 - Foram violentos e reprimidos em algum momento?

() Sim

(x) Não, fomos violentos embora duraltmente reprimidos.

11 - Foram voltados para a mudança dos valores da sociedade? Recusaram-se a legitimar as institucionalidades do *status quo*, propondo e praticando uma democracia deliberativa?

() Sim

(x) Não, a jornada de julho de 2013 trazia muito mais um sentimento de indignação e mudança do que algo tão concreto como a pauta de uma mudança de democracia deliberativa. Muito embora, os(as) manifestantes gritavam pedindo “Poder para o povo, o poder do povo

vai fazer um mundo novo” esse sentimento é ao que existe mas não é algo que deslegitimi a institucinalidade, mas a forma como ela se dá.

No Brasil

A pesquisadora Maria da Glória Gohn pesquisou as marcas dos movimentos nacionais. Por favor, indique se tais características puderam ser observadas aqui na Grande Vitória.

1 - A maioria dos manifestantes era de classe média alta, mais escolarizados?

Sim

Não, na Grande Vitória em 2013, diferente de São Paulo que o estopim foi o aumento da passagem, aqui se deu a primeiro momento em apoio aos manifestantes do RJ e SP que estavam sendo duramente reprimidos. Criamos um evento que em 2 dias tinha de 30 mil confirmados, puxamos uma assembléia popular que era bem representativa, do pobre favelado ao trabalhador classe média e até alta, claro que acredito que a burguesia que reside na ilha do frade não estava presente.

2 - Os exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”) eram minoria nas manifestações?

Sim

Não

3 - As mobilizações eram realizadas pelas redes on-line e novas formas de comunicação, por meio de uma maior rapidez na convocação, disseminação de imagens, fatos e palavras de ordem?

Sim

Não

4 - A população de um modo geral fotografava e transmitia imagens ao vivo das ações?

Sim

Não

5 - A cobertura foi realizada em tempo real pelos meios de comunicação tradicionais?

Sim

(x) Não, mídia alternativa (aqui o moqueca mídia, ninja es e outros).

6 - Havia demandas múltiplas, das mais objetivas e concretas, às mais abstratas e morais/simbólicas?

(x) Sim

() Não

7 - Ocorria a ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento? Sem carros de som, sem megafones etc.?

() Sim

(x) Não

8 - Houve rejeição a partidos, sindicatos e entidades representativas em geral?

() Sim

(x) Não, tinha uma certa rejeição a partidos de direita mas não a esquerda (PSOL, PSTU e PCB) tiveram bem presentes. Os sindicatos e outras organizações também era bem vindos, por ex o OcupaAles recebeu grande ajuda e suporte dos sindicatos de luta do estado.

A partir de agora, vamos buscar identificar como se dava a comunicação no movimento no qual você fez parte. Serão três categorias:

1) A Comunicação interpessoal/intergrupala de massa é aquela comunicação feita em redes digitais que atinge milhares e milhões, rivalizando com os meios tradicionais. Assim perguntamos: ocorreram registros de ampla reverberação das publicações de vocês na Rede Mundial de Computadores?

Resposta: Sim, criamos uma comissão de comunicação que trabalhava desde as Redes Sociais, TV ocupa Ales (nosso canal no *youtube*), jornais, panfletos etc, tentando sempre utilizar plataformas diversificadas, para dialogar de diversas formas *on-line*, editadas e escritas sempre piratepad, plataforma on e indepente. Garantindo uma memória e conteúdo para os nossos meios de informação e comunicação, de forma que não necessariamente precisaremos trabalhar juntos no mesmo ambiente, exceto Ocupa Ales que chegamos a ter um “agência de comunicação” rs do movimento dentro da Assembleia Legislativa.

- Páginas utilizadas no *facebook*:

<https://www.facebook.com/20centavosES/>

<https://www.facebook.com/protestogv/>

2) A Comunicação Radical e Independente, que visa à resistência aos discursos hegemônicos, tanto quanto aos movimentos quanto como à pauta das mobilizações, fez parte da estratégia de vocês? Como ocorria nas páginas do *Facebook*? Qual a periodicidade das publicações? Havia responsáveis pelas postagens? Havia edição ou controle de publicações? Quais eram os teores das mensagens? Havia a marcação de eventos? As pessoas que confirmavam compareciam nos locais?

Resposta: A estratégia de comunicação sempre foi fazer contraponto a grande mídia, levando a transparência e informação das pautas do movimento, de forma que possibilitasse uma atenção do cidadão que captava a mensagem a fim de aglutinar ao movimento. Trabalhando as pautas, sentimentos e vontades comuns. Isso foi feito por meio de campanhas *on-lines* e de rua, utilizamos peças publicitárias e jornalísticas com dados das pauta e informações que indignam a população que, de forma geral, normalmente não tem acesso à informação que muito menos é noticiada pela mídia hegemônica, além de estarem em espaços extremamente burocratizados. As páginas, nosso principal meio de diálogo direto com a população era e é ainda, administrada por mim e algumas pessoas que era da comissão de comunicação. O conteúdo era produzido de forma colaborativa com comissão junto a articulação e deliberações da assembleia popular, soberana as decisões do movimento. O período de publicação em 2013 era diário. Lembro de 2013, em meio um ato e outro, reunirmos no café para trabalharmos conteúdos. Embora existia uma pauta extensa do movimento, a de maior holofote era o pedágio da terceira ponte que já está pago. O TCU (Tribunal de Contas da União) já declarou isso, dando parecer favorável no processo, chegando a ficar sem cobrar por um tempo, mas trampolim de financiamento de campanha política não podia ficar sem roubar a população, e daí o nosso querido PH conseguiu uma liminar de uma juíza da vara. Estávamos num enfrentando direto os peixes grandes. Como sempre, fomos ameaçados, chegando a ser bloqueada no *facebook* para não publicar nas páginas, ROTAM, carro da PM fazendo ronda na porta do prédio das pessoas, comunicação nos amendrotando e por aí vai. As pessoas sempre confirmavam. Não lembro o dia específico, foram muitos atos, mas o de 100 mil eu me lembro que tinha cerca de 58 mil confirmações, logo, as pessoas iam.

Mas de forma geral, no movimento social, fora da jornada de julho de 2013, você pode esperar 10% do público confirmado.

3) A Comunicação de massa, promovida pelas empresas de comunicação social, fazia parte da estratégia comunicacional de vocês? Como era a relação com os veículos de comunicação de massa? Concediam entrevistas? As publicações serviam de pautas para estes veículos tradicionais? Vocês reverberavam as pautas da mídia de massa na página de vocês.

Resposta: Nossa principal estratégia sempre perpassou a comunicação. Nunca foi atingir ou utilizar das mesmas formas da mídia de massa, até porque uma das nossas pautas era e ainda é a Democratização da Mídia, um setor que usa do seu poder de informar para conseguir, em prol do benefício de alguns, manter o monopólio e, mais do que isso, alienar. A sociedade precisa de contraponto a o que ela faz. Ainda bem que temos a mídia alternativa que foi a grande merecedora dos créditos da jornada de julho. Obviamente que também não deixamos de utilizar os meios de massa. Como éramos pautas, eles nos procuravam. Como sabemos que eles manipulam as informações, deliberamos em assembleia que somente a comissão iria conversar com a imprensa. Aprovamos *realease* para jornal impresso, entrevistas só eram cedidas ao vivo. As nossas páginas, eu citei acima, protesto gv e não é por 20 centavos es.

Canal no Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UC3_1Fejyg01U3CWEEMPI_8w/videos

<https://www.youtube.com/channel/UCWrXC01PcCnvP-0TtWjBa3Q/videos>

https://www.youtube.com/channel/UCWaCEWQp28exUHG-d8w_Y0g

4) Por fim, quais páginas no Facebook você participou durante este movimento ocorrido na Grande Vitória, em junho de 2013? Quantos ocorreram durante junho de 2013?

Resposta: Não sei quantas páginas existiram, mas foram bastante. Eu tive o prazer, por ser da comunicação e articulação do movimento, administrar essas que citei a cima, não é por 20 centavos es e protesto gv.

APÊNDICE D

ENTREVISTA APLICADA A JOSIMAR NUNES – BACHARELANDO EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO -

**LICENCIADO EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO (2015)**

**REDE SOCIAL E MOBILIZAÇÃO SOCIAL –
FACEBOOK NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013**

Olá, boa tarde Josimar,

Sou aluno do Mestrado em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Estamos produzindo a dissertação Rede Social Digital e mobilização social – o Facebook nas manifestações de junho de 2013, orientada pelo prof. dr. José Antonio Martinuzzo.

Desta forma, buscamos a compreensão das mobilizações ocorridas por intermédio das redes sociais digitais, notadamente pelo sites de rede social Facebook, que redundaram no movimento de maior aglomeração de pessoas na história do Estado do Espírito Santo.

Nesse sentido, uma das ferramentas de pesquisa é a entrevista com atores de representativa participação durante este evento histórico do solo capixaba. Assim solicitamos a gentileza de sua colaboração com a respostas ao questionário em anexo.

Ressalto que as informações serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e que o conteúdo poderá ser anexado à dissertação.

Agradeço desde já pela sua atenção e valiosa colaboração!
Meus telefones de contato são ((27) 9971-0132 e teixeira.rb@gmail.com.

Questionário

No Mundo

O sociólogo Manuel Castells identifica uma série de características dos movimentos sociais em rede digital pelo mundo. As perguntas abaixo visam a verificar se tais marcas podem ser observadas aqui na Grande Vitória em junho de 2013, nos movimentos em que você participou. Marque sim ou não.

1 – Os movimentos foram conectados em rede de múltiplas formas, *off-line*, como o impresso, e *on-line* por meio de celulares, *smartphones*, *tablets*, computadores de mesa e *notebooks*?

- Sim
- Não

2 - Foram virais, tanto no sentido de compartilhamento de conteúdos inerentes ao movimentos em si, quanto na direção de espriar os sentimentos de indignação e de possibilidade de mobilização onde quer que seja?

- Sim
- Não

3 - Houve companheirismo por meio da *web*?

- Sim
- Não

4 - Houve questionamentos acerca das motivações, projetos, modos de mobilização etc., dentro do movimento? Ou seja, houve uma “autorreflexão” do movimento, tanto no que tange à deliberação das assembleias, como também em múltiplos fóruns da internet, como nos *blogs* e grupos de discussão nas redes sociais?

- Sim
- Não

5 - Castells também nota que os “os movimentos são simultaneamente locais e globais”. Possuíram uma pauta local? Percebeu alguma conexão com movimentos semelhantes pelo país e pelo mundo?

- Sim
- Não

6 - Foram limitados e vinculados fisicamente ao presente (pauta atual, ocupação de lugares, enfrentamentos das repressões, etc.) ou tiveram um horizonte de possibilidades ilimitado, pensando em termos projeto político ou de sociedade?

- Sim
- Não

7 - Foram espontâneos em sua origem, desencadeados por uma centelha de indignação?

- Sim

Não

8 - Houve lideranças nos movimentos ou era claro o repúdio à ação de lideranças? Caso positivo, quais pessoas ou entidades pode citar?

Sim

Não

9 - Tiveram sua origem na desobediência civil, pacífica?

Sim

Não

10 - Foram violentos e reprimidos em algum momento?

Sim

Não

11 - Foram voltados para a mudança dos valores da sociedade? Recusaram-se a legitimar as institucionalidades do *status quo*, propondo e praticando uma democracia deliberativa?

Sim

Não

No Brasil

A pesquisadora Maria da Glória Gohn pesquisou as marcas dos movimentos nacionais. Por favor, indique se tais características puderam ser observadas aqui na Grande Vitória.

1 - A maioria dos manifestantes era de classe média alta, mais escolarizados?

Sim

Não

2 - Os exaltados, responsáveis por depredações, provocações, confrontos, saques (os “vândalos” ou “baderneiros”) eram minoria nas manifestações?

Sim

Não

3 - As mobilizações eram realizadas pelas redes on-line e novas formas de comunicação, por meio de uma maior rapidez na convocação, disseminação de imagens, fatos e palavras de ordem?

Sim

Não

4 - A população de um modo geral fotografava e transmitia imagens ao vivo das ações?

Sim

Não

5 - A cobertura foi realizada em tempo real pelos meios de comunicação tradicionais?

Sim

Não

6 - Havia demandas múltiplas, das mais objetivas e concretas, às mais abstratas e morais/simbólicas?

Sim

Não

7 - Ocorria a ausência de meios de organização durante as manifestações: sem palcos, sem trajeto definido, sem horário de início e encerramento? Sem carros de som, sem megafones etc.?

Sim

Não

8 - Houve rejeição a partidos, sindicatos e entidades representativas em geral?

Sim

Não

A partir de agora, vamos buscar identificar como se dava a comunicação no movimento no qual você fez parte. Serão três categorias:

1) A Comunicação interpessoal/intergrupala de massa é aquela comunicação feita em redes digitais que atinge milhares e milhões, rivalizando com os meios tradicionais. Assim perguntamos:

ocorreram registros de ampla reverberação das publicações de vocês na Rede Mundial de Computadores?

2) A Comunicação Radical, que visa à resistência aos discursos hegemônicos, tanto quanto aos movimentos quanto como à pauta das mobilizações, fez parte da estratégia de vocês? Como ocorria nas páginas do Facebook? Qual a periodicidade das publicações? Havia responsáveis pelas postagens? Havia edição ou controle de publicações? Quais eram os teores da mensagens? Havia a marcação de eventos? As pessoas que confirmavam compareciam nos locais?

3) A Comunicação de massa, promovida pelas empresas de comunicação social, fazia parte da estratégia comunicacional de vocês? Como era a relação com os veículos de comunicação de massa? Concediam entrevistas? As publicações serviam de pautas para estes veículos tradicionais? Vocês reverberavam as pautas da mídia de massa na página de vocês.

4) Por fim, quais páginas no Facebook você participou durante este movimento ocorrido na Grande Vitória, em junho de 2013?